

MARIANA MORAIS POMPERMAYER

**IDOSOS SIM, VELHOS NÃO:
ANÁLISE A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO EM UM PROGRAMA DE
RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2010

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

P788i
2010

Pompermayer, Mariana Morais, 1982-

Idosos sim, velhos não : análise a partir da participação em um programa de responsabilidade social empresarial / Mariana Morais Pompermayer. – Viçosa, MG, 2010. xiv, 159f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui anexo.

Inclui apêndices.

Orientador: Karla Maria Damiano Teixeira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Idosos. 2. Envelhecimento. 3. Velhice.
4. Responsabilidade social da empresa. I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 362.6

MARIANA MORAIS POMPERMAYER

**IDOSOS SIM, VELHOS NÃO:
ANÁLISE A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO EM UM PROGRAMA DE
RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 18 de junho de 2010.

Prof. Afonso Augusto T.F.C. Lima
(Coorientador)

Profa. Vivianne Delfino A. Andrade

Profa. Neuza Maria da Silva

Prof. Marco Aurélio M. Ferreira

Profa. Karla Maria Damiano Teixeira
(Orientadora)

DEDICATÓRIA

Aos meus avôs, em especial à vó Cristina,
que, aos 96 anos, é exemplo de força e docilidade.

Aos meus pais Luiz Gonzaga e Maria Angélica e aos meus
irmãos Izabel e André, que estão sempre presentes em
minhas conquistas e me sustentam com grande amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me guiar por caminhos do bem, permitindo que eu consiga vencer obstáculos e acreditar nas conquistas.

Às pessoas que, de uma forma ou outra, tornaram este trabalho possível e especial.

Em destaque, à minha orientadora Karla Maria Damiano Teixeira, por me acolher desde a graduação, pelas oportunidades, pela orientação, dedicação, amizade, pelos conselhos e por ser exemplo profissional. Foi ela que despertou em mim a vontade pela pesquisa e o amor pelo trabalho, abrindo as portas para novos olhares e pensamentos antes nunca imaginados.

Aos meus pais, Gonzaga e Angélica, por sempre terem acreditado em mim e respeitar minhas escolhas, por, com muito amor, presença, apoio e confiança, terem me incentivado nos momentos de desânimo e me ensinado a buscar e querer sempre mais de mim mesma. Vocês são meus maiores exemplos de vida!

Aos meus irmãos Izabel e André, por estarem sempre presentes, me aturando nas horas de estresse, me ajudando nos momentos de desespero e compartilhando das alegrias conquistadas. Amo muito vocês!

Ao Renan, por ter-me feito ver a importância de dar início ao Mestrado e por a cada dia e em cada conversa me fazer ir em frente e querer dar passos maiores, com seus conselhos, paciência e amor, me fazendo, sem dúvida, uma pessoa melhor. Muito obrigada!

Aos amigos frequentadores de nossa casa nos fins de semana, pelo entendimento quando não participei das conversas, cafés e momentos calorosos, em

especial, à Marianinha e ao Gabriel, por terem me distraído em momentos que o trabalho já estava cansativo.

Aos meus amigos que estão distantes, pela torcida.

Às minhas companheiras do Mestrado Andreza, Íris, Jacqueline, Kátia, Lucíola e Virgínia, pelos momentos de estudo, aprendizado e, claro, de descontração. Em especial, à Ivani, que se tornou essencial para o meu crescimento e para a construção deste trabalho; além de “livro de cabeceira”, ela se mostrou amiga para todas as horas.

Às minhas amigas que me ajudaram com as transcrições das entrevistas, pelo socorro em hora tão importante.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Economia Doméstica, pelos ensinamentos e lições de vida, dentro e fora das salas de aula.

Aos meus coorientadores Afonso Augusto T. F. C. Lima e Simone Caldas Tavares Mafra, pela disponibilidade, ajuda e pelo carinho durante a execução deste trabalho.

Aos Professores Neuza Maria da Silva, Marco Aurélio Marques Ferreira e Vivianne Delfino Albuquerque Andrade, pela contribuição e dedicação na leitura da dissertação.

Aos servidores do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Economia Doméstica, em especial à Aloísia, por ser sempre atenciosa, prestativa e receptiva.

À Universidade Federal de Viçosa, não só por minha formação acadêmica, mas, também, pelas experiências vividas em seu Campus.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pela concessão da bolsa de estudos.

À Companhia Industrial Cataguases e ao Instituto Francisca de Souza Peixoto, pelo acolhimento e pela disponibilidade. Sem esse apoio, eu não teria alcançado os meus objetivos.

Por fim, fecho meus agradecimentos com aqueles que permitiram a concretização deste trabalho: os idosos do Instituto Chica, senhores e senhoras que me fizeram repensar, construir e crescer, pela acolhida de forma sem igual e por deixarem lembranças prazerosas. Obrigada!

BIOGRAFIA

MARIANA MORAIS POMPERMAYER, filha de Luiz Gonzaga Pompermayer e Maria Angélica Moraes Pompermayer, nasceu em Viçosa, estado de Minas Gerais, em 29 de dezembro de 1982.

Iniciou seus estudos no Colégio Nossa Senhora do Carmo, onde cursou o Pré-Escolar e as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em 1992, ano em que muda com a família para a cidade de Botucatu, interior do Estado de São Paulo, cursa o restante do Ensino Fundamental e parte do Ensino Médio no Colégio Santa Marcelina.

Em 1996, de volta para Viçosa, MG, concluiu o Ensino Médio nos Colégios Coeducar e Anglo, diplomando-se no ano de 2000.

Em 2003, iniciou o Curso de Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa (UFV), graduando-se em agosto de 2007.

Nesse mesmo ano, cursou, como estudante especial, disciplinas do Mestrado em Economia Doméstica na UFRV.

Em março de 2008, ingressou no Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado, em Economia Doméstica da UFV, submetendo-se à defesa da Dissertação em junho de 2010.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	x
LISTA DE QUADROS.....	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
RESUMO	xiii
ABSTRACT.....	xv
1. INTRODUÇÃO GERAL.....	1
1.1. Contextualização do Problema e Justificativa	2
1.2. Objetivos	4
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	6
2.1. Local de Estudo	6
2.2. Unidade Empírica de Análise: Instituto Francisca de Souza Peixoto e suas Atividades para a Terceira Idade	7
2.3. População e Amostra	9
2.4. Forma de Coleta de Dados	12
2.5. Análise dos Dados	14
2.6. Estrutura da Apresentação	15
3. REFERÊNCIAS	17
ARTIGO 1 – DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL À RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL PARA COM A TERCEIRA IDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA	19
RESUMO	19

ABSTRACT.....	20
1. INTRODUÇÃO	21
1.1 Envelhecimento Populacional	22
1.2. O Idoso no Contexto Familiar e Social	27
1.3. Inclusão Social por meio dos Programas de Responsabilidade Social	30
1.4. Considerações Finais.....	36
2. REFERÊNCIAS	37

ARTIGO 2 – PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E OS IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES E NA VIDA DA TERCEIRA IDADE: ANÁLISE A PARTIR DA VISÃO DE FOMENTADORES DE AÇÕES

42	42
RESUMO	42
ABSTRACT.....	43
1. INTRODUÇÃO	44
2. METODOLOGIA	46
2.1. Local de Estudo	46
2.2. População e Amostra	46
2.3. Forma de Coleta de Dados	47
2.4. Forma de Análise dos Dados	47
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	49
3.1. Percepção dos Atores Estratégicos sobre os Programas de Responsabilidade Social Empresarial	49
3.2. Visão dos Atores Estratégicos sobre os Custos e Retornos dos Investimentos Sociais para a Terceira Idade	59
3.3. Percepção dos Atores Estratégicos sobre a Participação de Homens e Mulheres da Terceira Idade nas Atividades Oferecidas	65
4. CONCLUSÕES	67
5. REFERÊNCIAS.....	69

ARTIGO 3 – PERFIL DA TERCEIRA IDADE PARTICIPANTE DOS PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL PROMOVIDOS PELO INSTITUTO CHICA E A PERCEPÇÃO SOBRE ENVELHECIMENTO E – CATAGUASES, MG.....

74	72
RESUMO	72
ABSTRACT.....	73

1. INTRODUÇÃO	74
2. METODOLOGIA	76
2.1. Local de Estudo	76
2.2. População e Amostra	76
2.3. Forma de Coleta de Dados	76
2.4. Forma de Análise dos Dados	77
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	78
3.1. Perfil dos Idosos Frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto ..	78
3.2. Percepção dos Idosos Frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto sobre o Processo de envelhecimento	85
4. CONCLUSÕES	96
5. REFERÊNCIAS	98

ARTIGO 4 – PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E OS IMPACTOS NO BEM-ESTAR PESSOAL E NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ANÁLISE A PARTIR DA VISÃO DOS IDOSOS DO INSTITUTO CHICA – CATAGUASES, MG.....	100
RESUMO	100
ABSTRACT.....	101
1. INTRODUÇÃO	102
2. METODOLOGIA	104
2.1. Local de Estudo	104
2.2. População e Amostra	104
2.3. Forma de Coleta de Dados	105
2.4. Forma de Análise dos Dados	105
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	107
3.1. Caracterização do Ambiente Familiar e Social no qual os Idosos, Frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto, Vivem e Realizam suas Atividades	107
3.2. A Inserção dos Idosos Frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto nos Programas de responsabilidade Social Empresarial	115
3.3. Percepção dos Idosos Frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto sobre os Impactos dos Programas de Responsabilidade Social no Bem-Estar Pessoal e no Processo de Envelhecimento	118

4. CONCLUSÕES	127
5. REFERÊNCIAS.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
APÊNDICES	135
ANEXO	152

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CIANE – Companhia Industrial de Estamparia

CIC – Companhia Industrial Cataguases

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organizações das Nações Unidas

RSE – Responsabilidade Social Empresarial

SPSS – Statistical Package for Social Science

TEAR – Trabalho, Educação, Arte e Responsabilidade Social

LISTA DE QUADROS

INTRODUÇÃO GERAL

- Quadro 1 - Atores Estratégicos entrevistados, instituição representada e cargo/função ocupada, Companhia Industrial Cataguases, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009..... 11
- Quadro 2 - Idosos entrevistados e especificação das atividades frequentadas, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009 12

ARTIGO 2 – PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E OS IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES E NA VIDA DA TERCEIRA IDADE: ANÁLISE A PARTIR DA VISÃO DE FOMENTADORES DE AÇÕES

- Quadro 1 - Perfil dos Atores Estratégicos Entrevistados, Companhia Industrial Cataguases, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009 50

ARTIGO 3 – PERFIL DA TERCEIRA IDADE PARTICIPANTE DOS PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL PROMOVIDOS PELO INSTITUTO CHICA E A PERCEPÇÃO SOBRE ENVELHECIMENTO E – CATAGUASES, MG

- Quadro 1 - Participação dos idosos entrevistados nas atividades do Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009 79

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO 3 – PERFIL DA TERCEIRA IDADE PARTICIPANTE DOS PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL PROMOVIDOS PELO INSTITUTO CHICA E A PERCEÇÃO SOBRE ENVELHECIMENTO E – CATAGUASES, MG

Figura 1 - Estado Civil dos Idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009	81
Figura 2 - Número de Filhos dos Idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009	82
Figura 3 - Escolaridade dos Idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009	83
Figura 4 - Profissão outrora exercida pelos Idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009	84

ARTIGO 4 – PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E OS IMPACTOS NO BEM-ESTAR PESSOAL E NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ANÁLISE A PARTIR DA VISÃO DOS IDOSOS DO INSTITUTO CHICA – CATAGUASES, MG

Figura 1 - Porcentagem de Arranjos Familiares dos idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009	108
Figura 2 - Início da participação dos Idosos entrevistados nas atividades, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG. 2009	118

RESUMO

POMPERMAYER, Mariana Morais, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2010. **Idosos sim, velhos não: análise a partir da participação em um programa de responsabilidade social empresarial.** Orientadora: Karla Maria Damiano Teixeira. Coorientadores: Simone Caldas Tavares Mafra e Afonso Augusto Teixeira de Freitas de Carvalho Lima.

O envelhecimento da população, assim como a sua expectativa de vida, é fato consumado em estudos. Há de se ressaltar, porém, que países em desenvolvimento, como o Brasil, não se adequaram em termos de políticas públicas e de ações sociais para atender a demandas específicas da população idosa. Com isso, cada vez mais, setores privados vêm desenvolvendo alternativa para implantar e, ou, implementar ações voltadas para o atendimento de necessidades de parcelas excluídas da sociedade, seja ela idosa ou não. Empresas, por meio do desenvolvimento de programas de Responsabilidade Social Empresarial (RSE), podem suprir demandas e necessidades que o Estado não consegue ou não o faz de maneira satisfatória. Coloca-se, assim, que os idosos se sentem mais incluídos socialmente a partir do momento que têm acesso a programas que atendam às suas diferentes necessidades, proporcionando-lhes uma maior satisfação com o bem-estar e com o processo de envelhecimento. Dessa forma, este estudo buscou analisar programas/projetos de RSE direcionados ao idoso em uma organização, e suas implicações para o processo de envelhecimento, de acordo com a percepção do idoso e de atores estratégicos empresariais. A pesquisa, ancorada na abordagem quantiqualitativa de natureza exploratório-descritiva, foi desenvolvida na Companhia

Industrial Cataguases (CIC) e no Instituto Francisca de Souza Peixoto (Instituto Chica), sendo a amostra composta por quatro atores estratégicos: 1 da CIC e três do Instituto Chica, juntamente com 33 idosos participantes das atividades oferecidas naquele Instituto. A seleção dos atores estratégicos e dos idosos ocorreu de forma intencional e não aleatória, definida a partir da disponibilidade que teriam para participar da pesquisa durante o período de coleta de dados, que aconteceu em três etapas: (1) fase exploratória do estudo; (2) cadastro da população idosa e realização das entrevistas com os atores estratégicos; e (3) realização das entrevistas com os idosos cadastrados. Os dados quantitativos foram analisados utilizando-se o Statistical Package for Social Science (SPSS) – Versão 15.0, para análise univariada, e os dados qualitativos foram transcritos, categorizados, comparados e, por fim, tratados com base em análise das falas. Optou-se por apresentar os resultados em quatro artigos distintos, em que foi demonstrado que os programas de responsabilidade social desenvolvidos por instituições privadas podem suprir a pouca eficiência do Estado em prover políticas públicas úteis para um envelhecimento saudável. Foi possível entender que a visão de atores estratégicos é de grande valia para que as empresas continuem investindo, ou comecem a investir, em programas específicos para a terceira idade. Ainda, o envolvimento da terceira idade em atividades sociais foi tido como minimizador dos efeitos do processo de envelhecimento e contribuinte para a inclusão social dessa população. Em relação aos idosos, estes perceberam o envelhecimento como processo natural, com aspectos positivos e negativos, dizendo não se sentirem velhos por não vivenciarem o comprometimento físico e mental próprio da idade. Assim, a percepção de serem idosos, desatrelada da ideia de serem velhos, proporcionou satisfação com a qualidade de vida e a perspectiva de melhor bem-estar no futuro. Concluiu-se que os idosos pesquisados do Instituto Chica, além de apontarem para uma velhice mais ativa, feliz, de autonomia e independência, eram idosos com mais consciência de suas possibilidades enquanto atores de seus processos de envelhecimento. Ou seja, além de entenderem a velhice como processo natural, consideravam as atividades praticadas como fundamentais para possuírem motivação, ocupação e aprendizado constantes. Nesse contexto, formavam a ideia de que envelheciam com mais satisfação e bem-estar pessoal, familiar e social.

ABSTRACT

POMPERMAYER, Mariana Morais, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2010. **Elderly, yes, old never: analysis based on the participation in a program of corporate social responsibility.** Adviser: Karla Maria Damiano Teixeira. Co-Advisers: Simone Caldas Tavares Mafra and Afonso Augusto Teixeira de Freitas de Carvalho Lima.

Population aging, as well as life expectancy, is a reality in studies. However, one must emphasize that developing countries, such as Brazil, have not accomplished a desired situation regarding public politics and social actions that should attend the specific demands for the elderly population. Thus, more and more private sectors have been developing alternatives to implant and/or implement actions that focus on the population necessities that is excluded from the society, whether it is the elderly or not. Enterprises, through the development of Corporate Social Responsibility programs (CSR), may supply demands and necessities that the government is not able to or does not do it in a satisfactory manner. Thus, one expects that the elderly feel more socially included as soon as they have Access to programs that meet their different necessities, allowing a bigger satisfaction with the welfare and the aging process. The present study had as an objective to analyze programs/projects of CSR focusing the elderly in na organization, and their influences in the aging process according to the elderly and the corporation leaders' point of view. The research, based on the quanti-qualitative approach of exploratory-descriptive nature, was done in the Companhia Industrial Cataguases (CIC) and in the Instituto Francisca de Souza Peixoto (Instituto Chica), having as sample 4

strategic leaders - 1 from CIC and 3 from the Instituto Chica, together with 33 elderly participants of the activities offered in the latter. The selection of the strategic leaders as well as the elderly occurred in an intentional way, that is, according to their availability to participate of the survey during the data collection. The data collection took place in three stages: (1) study exploratory phase; (2) register of the elderly population and the interviews with the strategic leaders and, (3) the interviews with the elderly. The quantitative data were analyzed using the Statistical Package for Social Science (SPSS) – Version 15.0, for a uni-varied analysis and the qualitative data were transcribed, categorized, compared and treated based on the speech analysis. The results were presented in the format of 4 distinct articles and where it was concluded that the programs of social responsibility programs were developed by private institutions may supply the little efficiency of the government to provide useful public policies for a healthy aging. It was possible to understand that the strategic leaders' point of view was very useful to encourage the enterprises to continue investing or start investing in specific programs for the elderly. Besides all that, the participation of the elderly in social activities has been seen as a minimizing factor in the aging process and it also contributes for the social inclusion. Regarding the elderly, they realized that aging is a natural process with positive as well as negative aspects, saying that they did not feel old just because they did not experience the physical and mental performance of their own age. Thus the perception of being elderly, disassociated from the idea of being old, provided them with satisfaction with the quality of life and the perspective of better welfare in the future. Ultimately, we have come to the conclusion that the elderly surveyed in the Instituto Chica, besides looking forward to a more active old age, one that is happy, with autonomy and independency, are elderly who are more aware of their possibilities as leaders of their own aging processes. In other words, not only do they understand aging as a natural process but they consider the practiced activities fundamental to have motivation, occupation and constant learning. In this context, they create the idea that they age with more satisfaction and personal, family and social welfare.

1. INTRODUÇÃO GERAL

“O tempo passou na janela e só Carolina não viu.”
Chico Buarque de Holanda

A proposta para este trabalho nasceu da experiência vivenciada durante a realização da iniciação científica, enquanto estudante de graduação do curso de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Trabalhando com a temática da Responsabilidade Social Empresarial relacionada às empresas do Estado de Minas Gerais e relacionada à administração feminina da interface família/trabalho remunerado, surge a oportunidade de conhecer a realidade da Companhia Industrial Cataguases e do Instituto Francisca de Souza Peixoto, em Cataguases, MG.

No mesmo momento, temas relacionados às mudanças vivenciadas pelas famílias brasileiras e ao crescimento da população, principalmente aquela que diz respeito às pessoas acima dos 60 anos, assim como as consequências dessas mudanças para a sociedade, estiveram muito presentes nas leituras e estudos acadêmicos. Reflexões que foram capazes de levantar questionamentos que ficaram sem respostas e demandariam estudos mais aprofundados.

Buscando uma união daquilo que já estava sendo estudado, com temáticas que estavam em destaque e permitiam indagações interessantes para o meio acadêmico, surge o interesse pela velhice presente nos programas de responsabilidade social de empresas e, com isso, a proposta de pesquisa, que buscou analisar um programa de Responsabilidade Social Empresarial direcionado para o idoso, em uma organização, e suas implicações para o processo de envelhecimento.

1.1. Contextualização do problema e justificativa

O crescimento acelerado da população da terceira idade¹ não é apenas um fato comprovado mundialmente, mas, também, alvo de inúmeros estudos. Explicações encontradas para o elevado e contínuo aumento da população idosa podem ser a redução das taxas de natalidade e o aumento na expectativa de vida (GUEDEA *et al.*, 2006) que, por sua vez, podem ter explicação na entrada da mulher no mercado de trabalho e nos avanços científicos e tecnológicos, respectivamente. Veras e Caldas (2004) afirmaram que existe a perspectiva de os avanços técnicos e científicos permitirem ao homem, ainda no século XXI, alcançar de 110 a 120 anos. Godoy e Ribeiro (2005) afirmaram que a longevidade é dada por vários fatores, dentre os quais se encontram, além da tecnologia e medicina, o estilo de vida, as orientações nutricionais, as práticas corporais e os exercícios físicos.

Paralelo ao aumento da expectativa de vida dos idosos, há de ser ressaltado que, em meio às demandas do mercado de trabalho e, conseqüentemente, à necessidade crescente da inserção dos diferentes membros familiares nesse mercado, as famílias brasileiras vêm sofrendo rearranjos, sendo cada vez menor o tempo de que os indivíduos dispõem para cuidar de seus idosos. Além disso, no Brasil boa parte da população ainda vive em condições precárias de vida no âmbito da cultura, da saúde, da educação, da alimentação e dos recursos financeiros; e essa visão não poderia se apresentar diferente em se tratando da população idosa (BANDEIRA, 2005).

Permanece, também, a visão da velhice associada a situações de perda de saúde, de força, de autonomia, da capacidade para o trabalho e da capacidade para o exercício de atividades, assim como de perda da capacidade para o desenvolvimento do raciocínio e do aprendizado, entre outros. Complementando, Bacelar (2002) mencionou que são construções sociais que levam a velhice e o envelhecimento a serem chamados de “situação indesejada”. Assim, a sociedade evidencia uma percepção errônea da população idosa que, por sua vez, demanda novas ações sociais e políticas públicas que sejam capazes de absorver as necessidades específicas da terceira idade (VERAS; CALDAS, 2004), ou seja, a população da terceira idade demanda ações que lhes proporcionem saúde, prazer e alegria de viver.

¹ Apesar da existência de discussões sobre o diferente significado entre idosos e terceira idade, este estudo adota os dois termos como sinônimos e significando toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003).

Tendo em vista que o Estado, apesar de esforços para elaborar e colocar em prática políticas sociais, não tem conseguido suprir, sozinho, demandas básicas da população, seja ela idosa ou não, entidades privadas passam a adotar a responsabilidade de minimizar os problemas sociais. Nesse sentido, as empresas apresentam-se como complementárias às necessidades sociais não supridas de maneira satisfatória pelo Estado (BOUDON, 2002; PAULA *et al.*, 2002).

Nesse cenário, as empresas vêm buscando proporcionar atendimento às comunidades em que estão inseridas, desenvolvendo alternativas para diagnosticar, implantar e implementar ações² sociais. Essas ações podem representar vantagens competitivas para as empresas, podendo-se citar (1) maior valor agregado à imagem da empresa; (2) maior admiração pelos consumidores; e (3) maior admiração dos funcionários e de seus membros familiares pela empresa. Assim, tendo em vista o crescente interesse das empresas em realizar programas sociais para as comunidades e sabendo que o público idoso é uma população que demanda essas ações, observou-se o início do interesse dessas organizações em atendê-lo.

As demandas e vivências dos idosos nos programas de Responsabilidade Social Empresarial³ (RSE) podem exercer influência nas famílias, pois estas, muitas vezes, não estão preparadas para assumir a assistência de que os idosos necessitam e acabam dando assistência emocional e, psicologicamente, conflituosa (GODOY; RIBEIRO, 2005). Assim, os programas de RSE surgem como apoiadores indiretos e, dessa forma, amenizam quadros como o citado.

Diante do exposto, coloca-se que os idosos passam a se sentir mais incluídos socialmente a partir do momento em que têm acesso a programas que atendam às suas diferentes necessidades, proporcionando a eles maior satisfação com o seu bem-estar e com o processo de envelhecimento.

Pelas perspectivas apresentadas do aumento demográfico da população da terceira idade e pelas possíveis consequências (como a maior demanda pela formulação de políticas públicas de melhoria da qualidade de vida e de prevenção da

² Para melhor entendimento do conteúdo do trabalho, adotou-se como ações as atitudes isoladas promovidas por entidades públicas ou privadas. Como projetos, entendem-se todas as atitudes que permaneceram ou vêm sendo desenvolvidas por longo tempo e podem ser englobadas por programas. Por fim, as políticas foram vistas como o conjunto de práticas adotadas pelas organizações, seu comprometimento, metas e objetivos institucionais.

³ Por RSE entende-se: "... o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela" (CARDOSO; ASHLEY, 2002, p. 7).

saúde no envelhecimento, mudança das estruturas familiares, entre outras) que esse fato acarreta para as estruturas sociais (indivíduo, famílias, comunidades e sociedades), justifica-se a escolha desse tema para a pesquisa em questão, uma vez que os estudos, encontrados pela autora desta dissertação, até o momento não relatam, em um único contexto, as interfaces que envolvem o idoso e os programas de RSE desenvolvidos para esse público. Faz-se ainda necessário o desenvolvimento de pesquisas que demonstrem a repercussão desses programas sociais no convívio e bem-estar social de idosos. Além disso, o estudo proposto analisou um tema sobre o qual, até o momento, existem poucos estudos publicados, acreditando-se, com isso, que a discussão poderá ser iniciativa para o desenvolvimento de outros trabalhos relacionados a ações sociais voltadas para a terceira idade, assim como para a criação de diferentes programas que estejam em concordância com as necessidades individuais que ora se apresentam para as populações idosas.

Estudos desta natureza também podem proporcionar maior integração entre profissionais do meio acadêmico, empresas e entidades públicas, criando oportunidades para o desenvolvimento de parcerias entre esses setores e, conseqüentemente, proporcionando oportunidades para que se possam discutir as formas pelas quais a RSE pode ser implantada, visando a um ganho comum entre *stakeholders*⁴, famílias, meio ambiente e empresas.

1.2. Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar um programa de Responsabilidade Social Empresarial direcionado ao idoso, em uma organização, e suas implicações para o processo de envelhecimento.

Os objetivos específicos que nortearam o estudo foram:

- Caracterizar socioeconomicamente os idosos atendidos por um programa de RSE.
- Caracterizar o ambiente familiar e social onde os idosos vivem e realizam suas atividades.
- Analisar as percepções dos idosos sobre sua inserção no programa de Responsabilidade Social e as implicações dessa inserção para o bem-estar pessoal e para o processo de envelhecimento.

⁴ De acordo com Freeman e Gilbert *apud* Lettieri (2004, p. 21), *stakeholder* é “qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pela empresa”, ou seja, qualquer público que se relacione direta ou indiretamente com a organização.

- Examinar a percepção de *atores estratégicos*⁵ da organização sobre os custos e o retorno do programa de responsabilidade social, voltado para a terceira idade.
- Examinar a percepção dos atores estratégicos da organização sobre as implicações do programa de Responsabilidade Social para os idosos.

⁵ Para fins deste estudo, considerar-se-ão atores estratégicos todos aqueles que, de uma forma ou outra, são responsáveis pelo oferecimento das ações de responsabilidade social empresarial ou, ainda, tenham sobre o assunto em estudo, conhecimento relevante para os objetivos pretendidos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma vez que esta pesquisa buscou analisar como as ações de responsabilidade sociais desenvolvidas por empresas podem influenciar, ou não, na qualidade de vida familiar e social de idosos participantes dessas ações e percebendo a importância de entender esse fenômeno no ambiente em que ele se apresenta, a perspectiva metodológica desta pesquisa está ancorada na abordagem quantiqualitativa de natureza exploratório-descritiva.

A pesquisa qualitativa foi escolhida para garantir que a realidade social investigada tivesse maior amplitude em sua descrição e compreensão, possibilitando, também, que os atores pesquisados pudessem se expressar de forma natural, propiciando o diálogo entre pesquisador e pesquisados (MARSHALL; ROSSMAN, 1999; GODOY, 1995).

Assim, os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa estão apresentados em termos de: local de estudo; unidade empírica de análise; população e amostra; forma de coleta de dados; e forma de análise dos dados.

2.1. Local de estudo

Este estudo foi desenvolvido na cidade de Cataguases, Minas Gerais. De acordo com a história, a cidade de Cataguases teve seu início em meados de 1810, quando o local onde se encontra foi notícia da existência de diamantes. A chamada "Porto dos Diamantes" ou "Meia Pataca" passou a distrito com a denominação de Santa Rita de Meia Pataca, pela Lei nº 534, de 10 de outubro de 1851, da Assembleia

Provincial mineira. Posteriormente, em 25 de novembro de 1875, a Lei nº 2 180, da mesma Assembleia, criou o Município de Cataguases, com território desmembrado dos de Leopoldina, Muriaé e Ubá, sendo termo judiciário da comarca de Ubá. O município só foi realmente instalado em 7 de setembro de 1877 e, por efeito da Lei Provincial nº 2 766, de 13 de setembro de 1881, a Vila de Cataguases foi elevada à categoria de cidade, passando o município para o termo judiciário da comarca de Leopoldina. Assim, em 14 de setembro de 1891, a Lei Estadual nº 2 confirmou a criação do distrito-sede de Cataguases, nome cujo significado indígena designa “boa gente” e foi adotado em homenagem ao rio Cataguases (PREFEITURA MUNICIPAL DE CATAGUASES, 2009).

No século XX, Cataguases foi destaque no cenário nacional pela intensa produção modernista na literatura, nos anos de 1920, com o Movimento Verde, e na arquitetura e artes, a partir de 1940 por meio de obras de artistas do movimento modernista brasileiro como Oscar Niemeyer, Francisco Bolonha, Burle Marx, Cândido Portinari, entre outros. Além disso, teve destaque por fazer parte da história de Humberto Mauro, um dos pioneiros do cinema nacional (PREFEITURA MUNICIPAL DE CATAGUASES, 2009).

Cataguases é constituída de cinco distritos – Aracati, Cataguarino, Glória, Sereno e Vista Alegre – e ocupa uma área de 482,33 km². Integrante da bacia do rio Paraíba do Sul e sendo banhada pelo rio Pomba e seu afluente ribeirão Meia Pataca, a cidade está situada a cerca de 167 m de altitude e possui clima bastante quente e úmido, tendo temperatura média de 24,5 °C. Distante da capital mineira, Belo Horizonte, 310 km; em 2009 sua população estimada era de 70.507 habitantes, sendo 31.406 homens e 32.574 mulheres com expectativa média de vida de 73,3 anos (PREFEITURA MUNICIPAL DE CATAGUASES, 2009).

2.2. Unidade empírica de análise: Instituto Francisca de Souza Peixoto e suas atividades para a terceira idade

O Instituto Francisca de Souza Peixoto ou popularmente chamado de Instituto Chica, foi criado em 1999 para responder pela política social da Companhia Industrial Cataguases (CIC).

A história da CIC começa em fevereiro de 1905, quando alguns empreendedores da cidade organizaram a Companhia Fiação e Tecelagem de Cataguases utilizando máquinas movidas a vapor, álcool e petróleo. Um ano depois

foi inaugurada nova instalação da Companhia com 20 modernos teares importados da Inglaterra, levando a produção mensal a 15 mil metros de tecidos. Apesar disso, a indústria passa a viver problemas como o pouco conhecimento no ramo dos tecidos e uma alta no preço do algodão e, conseqüentemente, do fio de algodão. Nessa época, o comerciante Manuel Ignácio Peixoto assume o passivo da empresa e, em 1911, a empresa passa a se chamar "M. Ignácio Peixoto". Em 1913, seu nome é trocado para "M. Ignácio Peixoto & Filhos" e, em 1917, com o falecimento de seu fundador, a empresa passa a denominar-se "Irmãos Peixoto & Cia", mudando em 1935 para Indústrias Irmãos Peixoto S/A, nome que fica até sua definitiva incorporação, em 1998, pela Companhia Industrial Cataguases. A Companhia Industrial Cataguases, inicialmente, nasce em 17 de outubro de 1936, quando o empresário pernambucano Severino Pereira da Silva compra, ao final de 1935, a Fábrica de Tecidos Aliança, no Rio de Janeiro, e sua dissolução cria a Companhia Industrial Cataguases, a Fiação Santa Terezinha em Juiz de Fora e a Companhia Industrial de Estamparia – CIANE, em Paraguaçu, Sul de Minas Gerais. Em 2009, ano da coleta de dados desta pesquisa, a Companhia Industrial Cataguases gerava cerca de 1.273 empregos diretos e 119 indiretos, produzindo tecidos de algodão para todas as regiões do Brasil e exportando para mais de 20 países (COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES, s.d.).

Em meio ao início das discussões sobre o fortalecimento do Terceiro Setor, em 1999, surgem as Leis de Incentivo à Cultura e os conceitos e práticas para a ação social empresarial. Nesse cenário, em agosto de 1999, surge o Instituto Francisca de Souza Peixoto (COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES, s.d.).

Apesar de hoje ter a missão de "Realizar ações e projetos de caráter social, educacional e cultural dirigidos a toda a população, que possam constituir experiências bem-sucedidas, assegurando direito à cidadania plena e à vida para as gerações presentes e futuras" (Companhia Industrial Cataguases, s.d.), no ano de 2004 o Instituto Chica passou por uma reformulação administrativa, sendo implantada uma estrutura organizacional com instituição de um núcleo gestor e um novo sistema de comunicação, através da reformulação do site. Conjuntamente, as oficinas de avaliação e planejamento das experiências sociais geraram medidas que deram nova dinâmica à gestão de projetos e ações, tornando importantes as definições de missão, visão e metas, bem como das diretrizes consolidadas a partir do Programa T. E. A. R. – Trabalho, Educação, Arte e Responsabilidade Social (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, s.d.).

De acordo com o presidente do Instituto Chica, Marcelo Inácio Peixoto, com essa reformulação, as novas diretrizes passam a ser a base orientadora para os novos projetos e iniciativas, relacionando cultura e educação com a difusão de conhecimento social, produtos e serviços, que promovam economia solidária e inclusiva, geradora de trabalho e renda, com a ocupação criativa para seus beneficiários diretos e indiretos (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, 2006).

Em 2006, o Instituto passou por uma revisão de metas, com o objetivo de alcançar maior eficiência e ampliar os resultados dos trabalhos que já eram realizados (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, s.d.). Em 2009, o Instituto Chica atendia, mensalmente, cerca de três mil pessoas, de crianças a idosos. Apesar disso, o principal público é formado pela juventude, entre 16 e 24 anos, e mulheres jovens de Cataguases e região. A estrutura, assim como os projetos desenvolvidos, é mantida com recursos provenientes de parte da venda de resíduos têxteis da Companhia Industrial Cataguases (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, s.d.).

No intuito de promover ações conjuntas, várias empresas e instituições locais participam das iniciativas em projetos de educação, cultura, saúde, esportes e cidadania. Nesse contexto, a tarefa do Instituto Chica é a liderança de uma rede de parcerias com outras organizações, sejam elas governamentais, sociais ou empresariais, com projetos de grandes repercussões, uma vez que acreditam ser essa rede importante para a elaboração de políticas públicas inclusivas, capazes de universalizar os direitos dos cidadãos (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, s.d.).

Diante desse quadro de desigualdades, somente uma guinada da globalização para ação solidária permitirá que seus melhores frutos se tornem democraticamente acessíveis a todo o gênero humano (COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES, s.d.).

2.3. População e amostra

A população envolvida nesta pesquisa compreendeu atores estratégicos da Companhia Industrial Cataguases/Instituto Chica e idosos participantes do programa de RSE voltado para a terceira idade.

Em relação à terceira idade, de início, o Instituto Chica formou o projeto “Dona Chiquinha sempre Jovem”, abordando as seguintes atividades: ioga, ginástica, capoeira, teatro, canto, dança e informática. Posteriormente, outras atividades, como as lutas, foram introduzidas e algumas, já existentes, deixaram de ser realizadas ou

passaram a outros núcleos do Instituto. Assim, em 2008, criou-se o programa “Qualidade de Vida” voltando todas as atividades físicas desenvolvidas, para a comunidade e, com isso, integrou-se ao “Qualidade de Vida” o projeto “Dona Chiquinha sempre Jovem”.

Em 2009, as seguintes atividades, dentro do projeto “Qualidade de Vida”, eram direcionadas para a terceira idade: dança, ginástica, ioga, teatro, bate-pau e informática. Além dessas atividades, pessoas com mais de 60 anos faziam parte do projeto “Velha a Fiar”, em que material têxtil era transformado em peças de vestuário e artesanato com a finalidade de venda.

De acordo com os dados fornecidos pelo Instituto Chica, foram cadastradas 99 pessoas acima de 60 anos que participavam das atividades desenvolvidas. Desses idosos, 88 (88,9%) eram mulheres e 11 (11,1%), homens. Enquanto as primeiras se concentravam em atividades como ginástica, ioga e dança, os homens estavam mais concentrados na informática e na ginástica. Do total de idosos cadastrados, a maioria (84,4%) participava de apenas uma atividade no Instituto, e, entre as mulheres, observou-se que maior número participava de mais de uma atividade, sete mulheres em relação a dois homens. Em relação à idade dos participantes, enquanto a maioria dos homens tinha entre 60 e 69 anos, as mulheres contavam entre 64 e 74 anos de idade.

Apesar de esse ser o perfil da população idosa do Instituto Chica, as atividades realizadas para a terceira idade não eram frequentadas apenas por pessoas com mais de 60 anos. As atividades contavam com aproximadamente 135 pessoas frequentadoras, em que a mais nova tinha 18 e a mais velha, 85 anos de idade.

Uma vez que, neste estudo, optou-se por conceituar como atores estratégicos todos aqueles responsáveis por oferecer/desenvolver ações ou programas de responsabilidade social empresarial, participaram da pesquisa representantes da Companhia Industrial Cataguases e do Instituto Francisca de Souza Peixoto. Assim, da população apresentada, a amostra foi composta por quatro atores estratégicos, sendo um ator estratégico da CIC e três do Instituto Chica, juntamente com 33 idosos participantes das atividades oferecidas para a terceira idade, no Instituto Chica. Para Babbie (1998), uma pesquisa com determinados sujeitos permite um acompanhamento mais severo dos procedimentos, aumentando a taxa de entrevistas completas, sendo importante assinalar a heterogeneidade dos grupos, mas a amostra, apesar de dever fornecer dados úteis de uma população, não necessita ser

representativa em todos os aspectos, mas sim naqueles relevantes para os interesses substantivos que se está estudando.

Vale ressaltar que não houve seleção prévia dos pesquisados. Os atores estratégicos, assim como os idosos, participaram de acordo com a disponibilidade durante o período de coleta de dados.

De acordo com Marconi e Lakatos (1999), a amostra composta pelos atores estratégicos pode ser classificada como intencional, uma vez que o pesquisador se interessa pela opinião de determinados elementos da população. Nesse caso, o pesquisador não busca elementos estatisticamente representativos da população em geral, mas, sim, aqueles que julga importante pelo papel que desempenham, cargo que ocupam, prestígio social, entre outros. Nesse sentido, buscou-se pesquisar diferentes níveis de responsáveis que trabalhavam, direta ou indiretamente, com a RSE na organização como um todo, a saber: (1) coordenadora do Projeto Qualidade de Vida e Professora de Ginástica para a Terceira Idade, (2) coordenadora do Projeto de Inclusão Digital, (3) presidente do Instituto Chica e (4) gerente de Recursos Humanos da Companhia Industrial Cataguases. O Quadro 1 apresenta os atores estratégicos pesquisados, a instituição que estão representando e o cargo que ocupam.

Quadro 1 - Atores estratégicos entrevistados, instituição representada e cargo/função ocupada, Companhia Industrial Cataguases e Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009

Ator estratégico	Instituição	Função/Cargo
1	Instituto Chica	Coordenadora do Projeto Qualidade de Vida Professora de Ginástica para Terceira Idade
2	Instituto Chica	Coordenadora do Projeto de Inclusão Digital
3	Instituto Chica	Presidente do Instituto Francisca de Souza Peixoto
4	CIC	Gerente de Recursos Humanos da CIC

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação aos idosos participantes, a amostra foi intencional, por acesso, e não aleatória definida a partir da disponibilidade que eles teriam para participar da pesquisa durante o período de coleta de dados. Dessa forma, 33 idosos, por vontade própria, participaram desse estudo, sendo 28 mulheres e 5 homens. O Quadro 2 apresenta o número de idosos e as atividades das quais participavam.

Quadro 2 - Idosos entrevistados e especificação das atividades frequentadas, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009

Nº de atividades	Descrição das atividades	Nº de entrevistados /atividade	Sexo dos entrevistados /atividade	Nº de idosos entrevistados
1	Ginástica	5	5 mulheres	23
	Ioga	9	8 mulheres 1 homem	
	Dança	2	1 mulher 1 homem	
	Informática	3	2 mulheres 1 homem	
	Costura	4	4 mulheres	
	2	Ginástica e Dança	1	
	Dança e Teatro	1	1 mulher	
3	Ginástica, Ioga e Bate-Pau	1	1 homem	4
	Ginástica, Informática e Bate-Pau	1	1 homem	
	Dança, Teatro e Bate-Pau	1	2 mulheres	
4	Ginástica, Dança, Teatro e Bate-Pau	4	4 mulheres	4

Fonte: Dados da pesquisa.

2.4. Forma de coleta de dados

Para a realização da coleta de dados, diferentes técnicas foram combinadas, pois, de acordo com Marconi e Lakatos (1999), essa combinação proporciona melhor compreensão do objeto em estudo. Assim, foram utilizados, principalmente, questionários e entrevistas semiestruturadas, fazendo-se uso, também, da observação e da documentação por meio de fotografias. Esses últimos foram úteis para que impressões do pesquisador, no que diz respeito aos sentimentos e emoções do entrevistado, pudessem ser acrescentadas ao estudo.

Uma vez que a pesquisadora já possuía contato com o Instituto Chica devido a outros trabalhos acadêmicos⁶ desenvolvidos no local, ela buscou, inicialmente, o contato com a Companhia Industrial Cataguases e com o Instituto

⁶ Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, no período de 2005 a 2007, com o projeto: A Administração Feminina das Interfaces entre a Família e o Trabalho Remunerado: análises a partir da composição familiar e da disponibilidade de programas de responsabilidade social corporativa.

para apresentação da pesquisa e para conhecer o interesse em participar dela. Diante da resposta positiva, iniciou-se o contato direto com os representantes do Instituto Chica e, com isso, o início da pesquisa de campo propriamente dito. Assim, a coleta de dados pôde ser dividida em três etapas. A primeira, referente à fase exploratória do estudo, permitiu levantar dados mais palpáveis do que se pretendia estudar. Assim, por meio da correspondência eletrônica foram coletados, junto às coordenadoras das atividades desenvolvidas, dados cadastrais dos idosos participantes das atividades do Instituto Chica.

Numa segunda etapa, realizou-se, entre os dias 19 e 24 de outubro de 2009, a primeira visita ao Instituto Chica, com o intuito de conhecer as atividades desenvolvidas para o público da terceira idade e os idosos participantes dessas atividades; apresentar a pesquisa para os idosos; cadastrar os idosos interessados em participar da pesquisa; estabelecer contato com os atores estratégicos; e realizar as entrevistas com os atores estratégicos disponíveis. Nessa etapa, durante a apresentação da pesquisa para os idosos, percebeu-se certo desinteresse dos idosos em participar da coleta de dados. Assim, apesar de a receptividade pela pessoa da pesquisadora ter sido boa, identificou-se certa resistência, por parte dos idosos, em fazer o cadastro e se disponibilizarem para um segundo encontro, quando seriam realizadas as entrevistas. Foi realizado o cadastro de 31 participantes, utilizando-se um questionário (Apêndices A e B).

A aproximação com os atores estratégicos ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas durante o expediente de trabalho. Autores relatam que a entrevista acontece por meio do encontro entre duas pessoas, com a finalidade de obter informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema (MARCONI; LAKATOS, 1999; VERGARA, 2008). Uma entrevista semiestruturada, de acordo com Bryman (2004), é aquela que, embora possua um guia/roteiro preestabelecido de perguntas para serem seguidas pelo entrevistador, não impede que este, no decorrer da entrevista, inclua questões que julgue necessárias para a pesquisa e para o bom andamento da entrevista. Para esse autor, a entrevista semiestruturada se dá em um processo flexível.

Sobre o contato estabelecido com os atores estratégicos, pode-se dizer que estes pareceram muito seguros das afirmações colocadas e sempre demonstraram total receptividade à pesquisa e interesse sobre o que ela poderia vir a demonstrar sobre o público da terceira idade e sobre a responsabilidade social empresarial.

No período de 8 a 15 de novembro de 2009, uma nova ida a Cataguases, ao Instituto Chica, aconteceu no intuito de realizar as entrevistas com os idosos cadastrados, o que consistiu na terceira etapa da pesquisa.

Apesar de 31 idosos terem respondido aos questionamentos iniciais, apenas 20 deles se propuseram a ser entrevistados. Com isso, novos contatos com outras pessoas com mais de 60 anos, que participavam das atividades do Chica, foram estabelecidas totalizando os 33 entrevistados da amostra. Nessa fase, a pesquisadora participou, juntamente com os idosos, de todas as atividades oferecidas pelo Instituto para as pessoas de terceira idade. Essa aproximação propiciou que os entrevistados se sentissem mais a vontade para participar do estudo. Além disso, a troca de experiências e vivências realizadas durante as atividades foi de grande valia para a elaboração deste trabalho como um todo.

As entrevistas, assim como os questionários utilizados, tiveram seus roteiros construídos a partir das informações advindas da questão de pesquisa e da revisão de literatura realizada anteriormente à pesquisa de campo (vide Apêndices).

2.5. Análise dos dados

A análise dos dados ocorreu em duas etapas distintas, sendo a primeira quantitativa e a segunda, qualitativa.

Os dados quantitativos foram analisados utilizando-se o Statistical Package for Social Science (SPSS) – Versão 15.0, tendo sido realizada a análise univariada.

Os dados qualitativos, coletados por meio das entrevistas realizadas com os atores estratégicos e com os idosos do Instituto Chica, foram tratados com base em uma análise das falas com o intuito de promover a identificação do que estava sendo dito a respeito de determinado tema/assunto. Nesse sentido, os dados foram transcritos, categorizados, comparados e, por fim, analisados.

A categorização foi realizada considerando as temáticas do estudo, oriundas da literatura e de acordo com os objetivos propostos inicialmente.

Para os atores estratégicos, as categorias levantadas remetem a: (1) caracterização dos atores estratégicos, (2) Responsabilidade Social Empresarial, (3) Instituto Chica e seu funcionamento, (4) Terceira Idade, (5) Custos e retornos dos programas de RSE para a terceira idade, (6) Custos e retornos dos programas de RSE para a organização, e (7) Participação de homens e mulheres da terceira idade nos programas de RSE.

Para os idosos participantes das atividades do Instituto Chica, foram selecionadas algumas variáveis e categorias. As variáveis levantadas foram: (1) idade, (2) sexo, (3) escolaridade, (4) estado civil, (5) número de filhos, (6) renda média mensal e (7) profissão. As categorias propostas foram: (1) com quem mora, (2) o envelhecer, (3) aspectos biológicos e fisiológicos, (4) aspectos psicológicos, (5) perspectivas de vida, (6) autoimagem, (7) sexualidade, (8) porque se inseriu nas atividades do Instituto Chica, (9) como se inseriu nas atividades do Instituto Chica, (10) há quanto tempo participava das atividades no Instituto Chica, (11) impactos na qualidade de vida, (12) impactos na vida social, (13) impactos na vida familiar; e (14) impactos no processo de envelhecimento.

2.6. Estrutura da Apresentação

Para a apresentação do trabalho em questão, optou-se pela estruturação em forma de artigos. Dessa forma, apresentou-se até o momento uma introdução geral do assunto e os objetivos que nortearam a pesquisa, assim como os procedimentos metodológicos adotados.

A partir desse momento, os demais conteúdos foram apresentados em forma de artigos. Assim, compõem esta dissertação quatro artigos, a saber: Artigo 1 – Envelhecimento Populacional e Responsabilidade Social Empresarial para com a Terceira Idade: uma revisão de literatura; Artigo 2 – Programas de Responsabilidade Social e os Impactos nas Organizações e na Vida da Terceira Idade: uma análise a partir da visão de fomentadores de ações sociais – Cataguases, MG; Artigo 3 – Perfil da Terceira Idade Participante dos Programas de Responsabilidade Social Empresarial Promovidos pelo Instituto Chica e a Percepção sobre Envelhecimento – Cataguases, MG; e Artigo 4 – Programas de Responsabilidade Social e os Impactos no Bem-Estar Pessoal e no Processo de Envelhecimento: uma análise a partir da visão dos idosos do Instituto Chica – Cataguases, MG.

O Artigo 1 referiu-se ao embasamento teórico que fundamentou a pesquisa e suas discussões. Nesse contexto são apresentados, além da visão de diferentes estudiosos sobre o processo de envelhecimento e sobre a responsabilidade social, os principais conceitos utilizados durante as construções das discussões realizadas.

O segundo artigo traz uma percepção dos atores estratégicos sobre os impactos trazidos pelas atividades desenvolvidas sob a perspectiva da RSE para o público idoso.

No artigo 3, apresenta-se o perfil das pessoas com 60 anos ou mais, que frequentam as atividades oferecidas pelo Instituto Francisca de Souza Peixoto e, ainda, a percepção dos idosos sobre o processo de envelhecimento pelo qual têm passado.

Por fim, o quarto artigo aborda, também do ponto de vista dos idosos, os impactos que os programas de RSE trouxeram para seu processo de envelhecimento, além do delineamento do meio familiar e social onde esses idosos realizam suas atividades diárias.

Posteriormente à apresentação desses artigos, encontram-se as considerações finais, que buscam enlaçar todas as discussões realizadas até então. Fechando a dissertação, estão apresentados os Apêndices e Anexos utilizados.

3. REFERÊNCIAS

BABBIE, E. **The practice of social research**. [S.l.] : ITP, 8. ed. 1998.

BANDEIRA, K. M. Discutindo a qualidade de vida do idoso. **A terceira idade**: as políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no estatuto do idoso, São Paulo, SESC, v. 16, n. 34, p. 1-104, out. 2005 .

BOUDON, A. Social S.A. **Conjuntura Econômica**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 31-5., fev. 2002.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. Presidência da Republica. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

BRYMAN, A. **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

CARDOSO, A. J. G.; ASHLEY, P. A. A responsabilidade social nos negócios: um conceito em construção. In: ASHLEY, Patrícia Almeida (Coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2002.

COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES. Disponível em: <<http://www.cataguases.com.br>>. Acesso em: 1º de dez. 2009.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2 , p. 57-63, mar./abr. 1995.

GODOY, R. M. de; RIBEIRO, R. C. S. Programas de Preparação para a Aposentadoria: uma responsabilidade social das empresas. **A Terceira Idade**: as políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no estatuto do idoso, São Paulo, SESC, v. 16, n. 34, p. 1-104. Out. 2005.

GUEDEA, M. T. D.; ALBUQUERQUE, F. J. B.; TRÓCCOLI, B. T.; NORIEGA, J. A. V.; SEABRA, M. A. B.; GUEDEA, R. L. D. Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2006.

INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO. Disponível em: <<http://www.chica.org.br/noticias/noticias.htm>>. Acesso em: 1º de dez. 2009.

LETTIERI, C. C. dos S. Quem realmente interessa às empresas? In: **Responsabilidade Social das Empresas: a contribuição das universidades**. 3. ed. Peirópolis, SP, 2004. v. 3, p. 15-31.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. **Designing qualitative research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1999.

PAULA, A. S. A.; PINTO, J. A. R.; PAIVA, K. C. M. **Responsabilidade social e ética: avaliando exemplos e definindo resultados organizacionais**. 2002. Disponível em: <<http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/OGT/ogt0802.htm>> Acesso em: 9 out. 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATAGUASES. Disponível em: <<http://www.cataguases.mg.gov.br>>. Acesso em: 1º de dez. 2009.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2004.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo. Atlas, 2008.

**ARTIGO 1 – ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E
RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL PARA COM A TERCEIRA
IDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

RESUMO

Este artigo teve como foco o crescente envelhecimento populacional e a participação de empresas privadas em programas de responsabilidade social voltados para o público idoso, assim como suas contribuições para uma possível inclusão social. No intuito de proporcionar um entendimento das múltiplas dimensões abarcadas por essas temáticas, buscou-se articular discussões que situassem o contexto sociocultural e econômico e unissem esses temas nas perspectivas de diferentes autores. Assim, apresenta-se uma revisão de literatura que perpassa pelo envelhecimento populacional, pelo contexto familiar e social em que o idoso é visto e pela inclusão social proporcionada pelos programas de responsabilidade social empresarial. Por fim, entendeu-se que o Estado, apesar de esforços para elaborar e colocar em prática políticas sociais, é ineficaz no atendimento básico da população, seja ela idosa ou não, e os programas de responsabilidade social desenvolvidos por instituições privadas suprem essa pouca eficiência do Estado em prover políticas públicas úteis para um envelhecimento saudável.

Palavras-chave: Envelhecimento. Terceira Idade. Responsabilidade Social Empresarial. Inclusão social.

ABSTRACT

The focus of this paper was the increasing population aging and the participation of private enterprises in programs of social responsibility aiming the elderly, as well as their contributions for a possible social inclusion. In order to provide an understanding of the multiple dimensions comprehending these themes, this study discussed issues which could show the socio-cultural and economic contexts and connect these themes in the perspectives of different authors. Thus, a literature review, which is based on population aging, family and social contexts in which the elderly is seen and by the social inclusion supplied by the corporate social responsibility programs, is presented. Furthermore, one can realize that the government, despite the efforts to elaborate and put into practice the social politics, is inefficient where the basic necessities for the population is concerned, whether regarding the elderly or not and the programs of social responsibility developed by the private institutions may supply this lack of efficiency to provide useful public politics for a healthy aging.

Keywords: Aging. Elderly. Corporate Social Responsibility. Social Inclusion.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se registrado o crescente envelhecimento da população no mundo, por meio dos índices de envelhecimento demográfico, cada vez maiores.

Por muito tempo o envelhecimento, a velhice e o idoso⁷ foram termos relacionados a uma etapa ruim da vida, ou seja, esses termos frequentemente eram associados a situações de perda da saúde, da virilidade, da força, da autonomia, da capacidade para o trabalho, da capacidade para o exercício de atividades, da capacidade para o desenvolvimento do raciocínio e do aprendizado, entre outros. Bacelar (2002) retratou fatos e construções sociais que levam a velhice e o envelhecimento a serem chamados de “situação indesejada”. Peixoto (2003) citou o estudo de Debert (1988) que demonstrou que, na percepção de pessoas envelhecidas, envelhecer também está ligado à ideia de pobreza, dependência e incapacidade. Em função dessa visão, muitos estudos têm sido realizados a fim de caracterizar o envelhecimento e suas perspectivas como uma etapa da vida menos drástica, tanto para quem envelhece quanto para seus responsáveis. Veras e Caldas (2004) colocaram que a partir dos primeiros estudos sobre idosos e das dificuldades por eles enfrentadas, diversos profissionais vêm trabalhando para resgatar o valor social do idoso.

As estatísticas referentes aos idosos do mundo, e principalmente do Brasil, servem como pano de fundo para Veras e Caldas (2004) afirmarem que a atualidade

⁷ Apesar da existência de discussões sobre o diferente significado entre idosos e terceira idade, este estudo adotou os dois termos como sinônimos e significando toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003).

continua evidenciando uma percepção equivocada das necessidades específicas da população da terceira idade, existindo a necessidade de esforço político orientado no sentido de “colocar na agenda da sociedade as necessidades desse segmento populacional”. Estudos como os de Carneiro e Falcone (2004), Veras e Caldas (2004), Vecchia (2005) e Trentini (2006) trazem à tona, também, a questão do bem-estar social e, ou, a busca pela melhoria da qualidade de vida na terceira idade.

Duarte (2002) mencionou que as pessoas idosas fazem parte da sociedade e devem se sentir parte dela, não sendo apenas pessoas que envelhecem, mas continuando com necessidades e talentos tão diversificados como os que são vivenciados em outras fases da vida.

Nesse cenário, e levando-se em consideração que a sociedade ainda não se encontra preparada para atender às demandas específicas da terceira idade, assim como entendendo que o Estado, apesar de esforços para elaborar e colocar em prática políticas sociais, encontra-se ineficaz no atendimento básico da população, seja ela idosa ou não, entidades privadas passam a preocupar-se por demandas e problemáticas sociais (BOUDON, 2002; PAULA *et al.*, 2002; GODOY; RIBEIRO, 2005).

Com isso, este artigo teve como foco a questão do crescente envelhecimento populacional e a participação de empresas privadas com programas de responsabilidade social voltados para o público idoso. Para tanto, recorreu-se a uma fundamentação teórica que possibilitasse o entendimento do objeto de estudo e de suas múltiplas dimensões. Buscou-se, assim, articular discussões que situassem os contextos sociocultural e econômico em que as temáticas estudadas são encontradas, assim como fazer a união desses temas embasados nas perspectivas de diferentes autores.

1.1. Envelhecimento populacional

De acordo com o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2002, o século XX foi marcado por uma revolução de longevidade, ou seja, a expectativa média de vida ao nascer aumentou 20 anos desde 1950, chegando, em 2009, a 66 anos e com previsão de que, em 2050, tenha aumentado mais 10 anos. Essa revolução, juntamente com o rápido crescimento da população, revelou também que o número de pessoas com mais de 60 anos, que era aproximadamente de 600 milhões no ano 2000, poderá chegar a quase 2 bilhões em 2050. Projeta-se que a população idosa atinja cerca de

15% da população total em meados de 2025, sendo o grupo de idosos que cresce mais rapidamente o daqueles que possuem 80 anos ou mais de idade (ONU, 2003).

Embora haja determinação da velhice pela idade cronológica, em que países desenvolvidos consideram idosos os indivíduos com 65 anos ou mais e países em desenvolvimento aqueles com 60 anos ou mais, não se pode defini-la apenas em função da idade ou por fatores biológicos, uma vez que o sexo, a etnia, a localização geográfica, a economia, a ciência e a cultura, entre outros fatores, ajudam a construir e definir as formas de envelhecer (BEAUVOIR, 1990; CARVALHO; GARCIA, 2003; ALCÂNTARA, 2004; PASCHOAL, 2005).

Previsões mostram que entre 1998 e 2025, na Ásia e na América Latina, a proporção de idosos aumentará de 8% para 15%; na África, essa proporção crescerá de 5% para 6%, duplicando até 2050; na Europa e América do Norte, a proporção da população idosa aumentará de 20% para 28% e de 16% para 26%, respectivamente (ONU, 2003).

Outra previsão relatada pela ONU (2003) apontou que, pelos meados do século XXI, as porcentagens da população mundial correspondentes a velhos e jovens sejam iguais. Em números, o percentual de pessoas com 60 anos ou mais em todo o mundo duplicar-se-á entre os anos de 2000 e 2050 e passará de 10% para 21%, contrariamente ao percentual correspondente a crianças, que será reduzido em um terço, passando de 30% para 21%. Nos países em desenvolvimento, espera-se que por volta do ano 2050 o percentual de pessoas idosas aumente de 8% para 19%, enquanto o de crianças caia de 33% para 22%. Calcula-se ainda que em alguns países desenvolvidos o número de idosos já supere o de crianças.

Com a realidade brasileira não é diferente. Segundo Dias (2007), o país deixa de ser um “país jovem” para presenciar o envelhecimento de sua população e tornar-se um “país de idosos”, acreditando-se, com isso, que serão vivenciadas, também, consequências diversas sobre os domínios da vida individual e coletiva.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) revelaram que o crescimento da população de idosos representou mais que o dobro do crescimento da população total em 2007, e, enquanto a população brasileira apresentou, no período de 1997 a 2007, crescimento relativo da ordem de 21,6%, para a faixa etária de 60 anos, esse crescimento foi de 47,8%, chegando a 65%, no grupo de idosos de 80 anos ou mais, que totalizou cerca de 10,5% da população. Projeções da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicaram que, em 2025, o

Brasil será o sexto país com o maior número de pessoas com 60 anos ou mais (GUEDEA *et al.*, 2006). Na Região Sudeste, em 2007, concentrava-se quase a metade (9,4 milhões) dos idosos com 60 anos ou mais do país, seguida pela Região Nordeste (5,1 milhões de idosos) e Sul (3,2 milhões). As Regiões Centro-Oeste (1,2 milhão de idosos) e Norte (1 milhão) reuniam grupos relativamente menores nessa faixa etária, enquanto em São Paulo morava o maior contingente de idosos do país (4,7 milhões), seguido por Rio de Janeiro e Minas Gerais (2,2 milhões) e Bahia (1,4 milhão) (IBGE, 2008).

Essas projeções, juntamente com o aumento da população idosa já vivenciado, podem ser consequências da redução das taxas de natalidade e do aumento na expectativa de vida (GUEDEA *et al.*, 2006). Corroborando essa afirmativa, o IBGE (2008) constatou que o aumento absoluto e relativo da população idosa no Brasil é consequência do crescimento da esperança de vida ao nascer combinado com a queda do nível geral da fecundidade. No período entre 2006 e 2007, a taxa de fecundidade do Brasil decresceu de 1,99 para 1,95, ficando abaixo do nível de reposição da população. Além disso, em 10 anos a esperança de vida ao nascer aumentou 3,4 anos, enquanto a taxa bruta de mortalidade que representa a frequência com que ocorrem os óbitos em uma população caiu de 6,60% em 1997 para 6,23% em 2007.

De acordo com Guedea *et al.* (2006), todas essas mudanças criam oportunidades não apenas para que as pessoas vivam mais, mas para que seja melhorada, também, a qualidade de vida dos anos vividos. Porém, segundo Dias (2007), o aumento da longevidade e, por conseguinte, da população idosa como um todo não são garantias de que os idosos irão gozar de uma velhice saudável e com qualidade de vida.

Solomon (2002 citado por BACHA; STREHLAU, 2008) afirmou que a questão mental, assim como o nível de atividade de uma pessoa, tem mais a ver com sua qualidade de vida e longevidade do que com sua idade cronológica, podendo-se ter uma “idade sentida” e outra “idade aparente”. Outrossim, devido à variabilidade no desenvolvimento humano, discutida por Rowe e Kahn (1998), pode-se dizer que o envelhecimento humano pode seguir três trajetórias diferentes, a saber: normal, patológica e saudável (CUPERTINO *et al.*, 2007). Acrescentando, Papaléo Netto e Ponte (2005) mencionam o envelhecimento comum como aquele no qual o estilo de vida aparece como intensificador do processo de envelhecimento.

Com relação à trajetória normal, o envelhecimento traz, juntamente com o avanço da idade, processos físicos e psicológicos que são responsáveis pela diminuição da agilidade, retardamento dos movimentos e da coordenação motora, menos flexibilidade nos movimentos, perda de equilíbrio, entre outros (PAPALÉO NETTO; PONTE, 2005; CAMPOBIANGO, 2003; BACELAR, 2002). Segundo Bacelar (2002), com a velhice aparecem dificuldades em relação à memorização, realização de tarefas antes rotineiras e sociabilização. De acordo com Ramos (2007), os idosos estão potencialmente sob risco não apenas porque envelhecem, mas, principalmente, pelo fato de o processo do envelhecimento trazer, de fato, mais vulnerabilidade e incapacidades; o que decorre, em grande parte, das condições adversas do meio social, físico e afetivo onde vivem. É o que se pode denominar senescência (PAPALÉO NETTO; PONTE, 2005). Assim, envelhecer normalmente não está diretamente ligado a adoecer, ou seja, pode-se envelhecer sabendo ou aprendendo a conviver bem com as limitações impostas pelo passar dos anos, mantendo-se sempre em atividade.

Em se tratando do que vem a ser o envelhecimento patológico, ou senilidade, tem-se o processo no qual o indivíduo passa a sofrer efeitos negativos de doenças e problemas psicossociais e, com isso, passa a desenvolver incapacidades progressivas para uma vida saudável e ativa (CUPERTINO *et al.*, 2007; PAPALÉO NETTO; PONTE, 2005).

Com relação ao envelhecimento saudável, Lima *et al.* (2008) relataram que o desejável é que o processo de envelhecimento possa ocorrer na tentativa de preservar a oportunidade de os mais velhos continuarem participando da sociedade e minimizando as possibilidades de exclusão social, com qualidade e manutenção da autonomia dos indivíduos. Para Papaléo Netto e Ponte (2005), esse processo de envelhecimento também pode ser nomeado de *bem-sucedido*, dizendo respeito àquele processo no qual o estilo de vida não atua como intensificador do processo de envelhecimento.

Lima *et al.* (2008) colocaram que o conhecimento acumulado já permite dizer, sem medo, que, apesar de algumas crenças e atitudes negativas sobre a velhice ainda serem hegemônicas em determinados contextos culturais, envelhecer já não é mais sinônimo de doença, inatividade e contração geral no desenvolvimento. Apesar de esta ser discussão relativamente nova, investigações possibilitam a modificação da noção de que o envelhecimento está diretamente associado à deterioração do

organismo, passando a ser visto como um estágio de vida com suas virtudes e desafios, tão importante quanto os outros.

Beauvoir (1990) afirmou que o homem na velhice, assim como nas outras idades, tem seu estatuto imposto pela sociedade. Com isso, entender que países ocidentais enxergam seus idosos de forma diferenciada dos países orientais é também importante para se compreender, de fato, a velhice enquanto processo e dependente de muitas variáveis. Assim, quando se pensa em envelhecimento saudável, torna-se necessário fazer isso, juntamente com múltiplos fatores como: saúde física e mental, independência de vida diária e econômica, integração social e suporte familiar, entre outros (LIMA *et al.*, 2008). Assim, o envelhecimento saudável deve estar relacionado à maneira pela qual os idosos conseguem se adaptar às mudanças vivenciadas nessa fase da vida, principalmente, em relação aos ganhos e perdas com os quais se deparam.

Na colocação de Neri (2007) trazida por Lima *et al.* (2008), a boa qualidade de vida na terceira idade excede os limites da responsabilidade individual, devendo ser vista, então, por múltiplos aspectos. Isso quer dizer que uma velhice satisfatória resulta, também, da interação entre pessoas e de suas relações intra, extraindividuais e comunitárias. É a partir da inclusão social que se poderá resgatar, como valor para a sociedade, o “ser idoso” (RAMOS, 2007).

Nesse contexto, o envelhecimento é visto como resultado de um aprendizado constante, mantido ou modificado por ações educativas, tornando o processo positivo ou negativo (SALGADO, 2007). Esse autor discorreu sobre a chegada da terceira idade e das imagens trazidas por ela sob a luz da educação contínua e do convívio social grupal. Segundo ele: “o homem só é um indivíduo total quando inter-relacionado com os outros, pois as necessidades de atenção e afeto, de compreensão e aceitação, e o próprio aprendizado, somente se tornam possíveis pela interação com os semelhantes” (SALGADO, 2007, p. 72).

Segundo o referido autor, há a importância da convivência e dos trabalhos em grupo para um envelhecimento saudável, pois a velhice cria a necessidade de adaptações a certos esquemas da vida, uma vez que é uma experiência nunca vivida. Essa etapa vem a ser uma ressocialização, em que há novos modelos de comportamento que podem e devem ser aprendidos e desenvolvidos, o que implica no aprendizado de papéis novos, como o de viúvo(a), solitário(a), aposentado(a) ou limitado(a) fisicamente.

Na perspectiva da teoria da atividade levantada por Salgado (2007) e Lima *et al.* (2008), a melhor maneira de se viver um envelhecimento seria manter-se ativo até o fim da vida, ou seja, evitar a inatividade relacionada aos estereótipos da velhice por meio do engajamento em atividades sociais. Nesse contexto, quando um indivíduo vem a perder papéis sociais com o envelhecimento e a ser afastado da vida economicamente produtiva, deve procurar atividades que restabeleçam o convívio e sentir-se, assim, incluído (SALGADO, 2007).

De acordo com a ONU (2003), envelhecer de forma saudável e com qualidade de vida deve ser responsabilidade das pessoas, ao fazerem suas escolhas; dos governantes, ao desenvolverem políticas favoráveis à saúde e ao bem-estar social; e das organizações privadas, assim como da família, que devem apoiar e dispor de atenção aos indivíduos idosos.

1.2. O Idoso no contexto familiar e Social

A família, concebida teoricamente como um grupo unitário com estrutura específica, é frequentemente colocada como unidade básica da sociedade, sendo considerada a maior instituição social com características próprias – desenvolvimento de um conjunto de papéis e regras, estrutura de poder, padrões específicos de comunicação e formas de negociação e de resolução de problemas – através das quais são executadas as funções inerentes à sua natureza como grupo e como instituição (JESSOP, 1981; BRUSCHINI, 1989; CEBOTAREV, 1994).

No decorrer dos anos, não só no Brasil como em todo o mundo, a instituição familiar tem passado por um longo processo de mudanças no qual verifica diminuição do tamanho e maior diversificação nos arranjos domésticos/familiares. Essa complexidade aumentou devido ao incremento no número de famílias reconstituídas, resultado das elevadas taxas de separação, divórcio e recasamentos, além de uma mudança nos valores socioculturais, expressa pelo aumento do número de nascimentos fora do casamento, pelo enfraquecimento dos vínculos matrimoniais, pela modificação no comportamento reprodutivo e pelo crescimento da chefia feminina, entre outros (GOLDANI, 1994; OLIVEIRA, 1994; PEIXOTO, 2007; SARTI, 2007).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostrou que casais com filhos já são menos da metade do total de famílias. Entre os arranjos familiares, 48,9% eram do tipo casal com filhos, contra 56,6% em 1997. No mesmo

ano, a proporção dos arranjos constituídos por casal sem filhos cresceu de 12,9% para 16,0%. Constatou-se ainda que o número médio de moradores por domicílio, que em 2002 era de 3,6, caiu para 3,4 pessoas em 2007. Essas mudanças estão diretamente relacionadas ao resultado da queda da fecundidade e, portanto, da redução do tamanho médio das famílias. Além disso, constatou-se que em 2007 houve aumento no número de famílias unipessoais, fruto da redução das taxas de mortalidade e do aumento da esperança de vida, especialmente para as mulheres, ressaltando que entre cerca de 6,7 milhões dessas famílias unipessoais no país, 40,8% eram formadas por pessoas de 60 anos ou mais (IBGE, 2008). Segundo o IBGE (2008), entre 2002 e 2006 aumentou o número de casamentos entre divorciados e tem sido revertida a queda no número de casamentos formais, ou seja, nesse período teve-se maior número de casais que formalizaram suas uniões consensuais, incentivadas pelo Código Civil renovado em 2002 e pelos casamentos coletivos promovidos desde então. Evidenciou-se mudança no que se refere à idade da mulher ao formalizar sua união, sendo as maiores taxas de nupcialidade legal nos grupos etários de 20 a 24 anos (30,0%) e 25 a 29 anos (29,1%) em 2006. Para os homens, as taxas observadas são, sistematicamente, maiores nas idades mais avançadas, com destaque para o grupo de 60 anos ou mais: de 3,4% para os homens e de 0,9% para as mulheres.

Para Montali (2000) e Sarti (2007), uma das explicações para o processo de mudanças que a família brasileira vivencia é a crescente inserção da mulher da classe média no mercado de trabalho remunerado. Em consequência disso, as unidades domésticas passaram a ter a necessidade de reestruturar os papéis dos membros familiares gerando estresse positivo e negativo, tanto nos ambientes particulares quanto nos públicos. Oliveira (1996) relatou que novas e variadas concepções e valores acerca da vida em comum emergiram no Brasil ao longo das últimas décadas e que assincronias e ambiguidades marcam o período de mudanças no mundo moderno. Assim, no mesmo passo em que as famílias se transformam estruturalmente, insere-se o aumento expressivo da população idosa e novas demandas são levantadas para que a indisponibilidade⁸ dos membros familiares para cuidar dos idosos seja suprida. De acordo com Dias (2007), embora,

⁸ A indisponibilidade dos indivíduos para cuidar dos idosos no âmbito familiar pode ser entendida aqui como falta/ausência de recursos financeiros, ambientais, emocionais, temporais, de pessoal, entre outros.

tradicionalmente, os idosos tenham a expectativa de serem cuidados por parentes próximos, essa realidade tem mudado, valendo ressaltar que a mudança na estrutura familiar e o aumento das atividades laborais de seus membros diminuem o tempo para a convivência intergeracional.

A sociedade não está, portanto, preparada para suprir as necessidades da dependência natural decorrente do envelhecimento, assim como as famílias, que também não estão preparadas para assumir a assistência especial de que o idoso necessita. Muitas vezes, quando a assistência é dada, é com grande sacrifício, desgaste e conflitos emocionais e psicológicos (GODOY; RIBEIRO, 2005).

Como se vê, as questões levantadas pela forma de organização e dinâmica da unidade familiar estão intimamente relacionadas ao envelhecimento populacional, e ambos os fenômenos se influenciam mutuamente. Assim, Moraes (1981), relacionando os indivíduos, a família e a sociedade, relatou que uma sociedade não sobreviverá, a menos que sejam satisfeitas suas múltiplas necessidades, como produção e distribuição de alimentos, proteção das crianças, dos idosos, dos doentes e gestantes, enfim, de todos aqueles que na família estejam inseridos.

No Brasil, é sabido que boa parte da população vive em condições precárias de vida, seja no âmbito da cultura, da saúde, da educação, do lazer, da alimentação, dos recursos financeiros ou de todos em conjunto. Essa visão não poderia aparecer diferente em se tratando da população idosa. Debert (*apud* BANDEIRA, 2005) relatou que:

“No Brasil, presenciamos um Estado incapaz de resolver problemas básicos da maioria da população, deixando os idosos em situação de extrema vulnerabilidade. Os mecanismos tradicionais de amparo à velhice se desfazem sem que novos mecanismos de proteção social tenham se desenvolvidos. Além disso, aos problemas próprios do envelhecimento somam-se os problemas de uma população cuja experiência, ao longo de todas as etapas da vida, foi marcada por condições de vida amplamente desfavoráveis, que tendem a se agravar na velhice. A pobreza e a miséria da população brasileira em geral tornam-se, então, paradigmáticas na velhice (DEBERT *apud* BANDEIRA, 2005, p. 59).

Outro ponto a ser destacado é o processo de “feminização da velhice”, já que pelo menos 60% da população que envelhece é feminina (MOTTA *apud* DIAS, 2007). De acordo com os dados do IBGE (2008), há um número superior de mulheres em relação aos homens, tanto no total do país quanto nas áreas urbanas.

Apesar disso, nas áreas rurais há mais homens que mulheres. No total havia, em 2007, 79 homens idosos para cada 100 mulheres idosas de 60 anos ou mais.

O envelhecimento populacional demanda, portanto, de novas ações sociais e políticas públicas que sejam capazes de absorver as necessidades dos idosos, de forma a não tornar essa etapa da vida tempo de empobrecimento material e vazio social. Assim, as mudanças socioeconômicas, culturais e na dinâmica familiar exigem um repensar sobre o processo de envelhecimento, visando a um melhor entendimento das questões decorrentes desse fenômeno. Assim, apesar dos esforços sociais e de estudiosos, parte significativa da população idosa permanece sendo discriminada e alienada do mundo social, seja por falta de oportunidades, opção ou recursos. Muitas vezes, o próprio idoso, acreditando na imagem de “ser discriminado”, perde a vontade de viver e querer continuar aprendendo, já que “está no fim da vida”.

Em meio a essa visão depreciativa do fato de envelhecer, a expressão *terceira idade* surge como maneira de se referir ao idoso sem o tom negativo, designando, assim, idosos entre 55 e 70 anos, aposentados dinâmicos e jovens velhos (DEBERT, 2004; PEIXOTO, 1998). A terceira idade vem referir-se, então, a um rompimento com os aspectos negativos até então atribuídos à velhice. Nessa perspectiva, cabe também ao indivíduo adotar estilo de vida e atitudes que sejam capazes de lhe proporcionar envelhecimento mais ativo possível.

Diante do exposto, surge a necessidade da discussão da inclusão social ligada ao envelhecimento.

1.3. Inclusão social por meio dos programas de responsabilidade social

O termo Responsabilidade Social, amplamente difundido, nem sempre carrega o mesmo significado para todos. Para alguns, o termo representa a ideia de responsabilidade ou obrigação legal; para outros significa comportamento responsável no sentido ético; tem aqueles que continuam equiparando-o a uma contribuição caridosa e, por fim, os que o defendem como uma espécie de dever, impondo aos administradores de empresa padrões mais altos de comportamento que aqueles impostos aos cidadãos em geral (DUARTE; DIAS, 1986).

Para a Comissão das Comunidades Europeias (2001), a Responsabilidade Social Empresarial (SER) é essencialmente um conceito segundo o qual as empresas decidem contribuir para uma sociedade mais justa e para um ambiente mais limpo.

Ela pode manifestar-se em relação aos trabalhadores e, mais genericamente, em relação a todas as partes interessadas e afetadas pela empresa – *stakeholders*⁹. Para Araújo (2006), a RSE é uma perspectiva, de longo prazo, da conscientização das empresas que passaram a incorporar em sua missão, cultura e mentalidade de líderes e colaboradores, a busca por um bem-estar comum da população. Esse autor relatou que a Responsabilidade Social pode vir a ser definida como “o dever da empresa de ajudar a sociedade a atingir seus objetivos”, uma vez que o próprio desenvolvimento da organização depende da sociedade a qual pertence.

Nessa mesma visão, Skapinter (2001 citado por UEYHARA, 2004) completou que a RSE guarda a ideia de que a empresa pode e deve devolver à comunidade que a acolheu, em forma de projetos sociais a serem usufruídos pela própria comunidade, parte de seus lucros.

Cabe aqui o que Oliveira (2006) destacou sobre a perspectiva de Kotler e Lee (2005), o “voluntariado corporativo”. Segundo eles, é por meio do voluntariado corporativo que as organizações motivam seus parceiros, colaboradores e funcionários, entre outros, a participar, na empresa e por meio da doação do tempo livre, habilidades, talentos e ideias das causas comunitárias. Para eles, essa prática pode ser vista como uma das formas mais “genuínas, altruístas e satisfatórias” de envolvimento social, pois nelas as ações não são vistas como individuais e, sim, baseiam-se no desempenho conjunto por uma causa comunitária.

Ioschpe (2000) apontou que programas de ação social contribuem para o relacionamento do funcionário com a empresa, para o seu próprio desenvolvimento pessoal, para a melhoria da imagem institucional, para a qualidade de vida da comunidade atendida e para a relação da empresa com a comunidade. De acordo com Macedo *et al.* (2003), o reflexo da atuação dos programas de RSE no bem-estar individual e familiar, dos funcionários e, ou, pessoas da comunidade, implica conceitos como motivação, satisfação, prazer e orgulho, que podem ser traduzidos no aumento das vendas, na qualidade do produto ou dos serviços, nos lucros ou, de forma geral, na própria sobrevivência da empresa.

⁹ De acordo com Freeman e Gilbert (*apud* LETTIERI, 2004, p. 21), *stakeholder* é “qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pela empresa”, ou seja, qualquer público que se relacione direta ou indiretamente com a organização.

Daft (1999) definiu a responsabilidade social como “(...) a obrigação da administração de tomar decisões e ações que irão contribuir para o bem-estar e os interesses da sociedade e da organização” (DAFT, 1999, p. 88).

Ser socialmente responsável, exaltando o valor social, é despertar a consciência de que se pode fazer muito mais do que o trivial; pode-se contribuir mais efetivamente através de ações de prevenção, de aplicação da criatividade na resolução de diversos problemas que estejam direta ou indiretamente ao alcance da corporação. Nesse caso, é lícito colocar que êxito econômico e ética não se contradizem, mas se condicionam reciprocamente, em que a iniciativa empresarial de orientação moral, que pretende contribuir conscientemente com convicção ao bem comum, precisa antecipar-se a regulamentações estatais. Assim, a ética é voluntária e não compulsória (WERHAHN, 1995).

Dessa forma, Cohen (2000) disse que:

... só há, e só pode haver uma razão para uma empresa ser ética, para ter responsabilidade social e ambiental: ter consciência de si mesma. Ética faz parte do pacote da empresa do novo milênio. Só sendo ética uma companhia pode ser virtual, inovadora, rápida. Afinal para que serve uma empresa? Não é o lucro que define a organização, é a organização que proporciona o lucro. Em um mundo em que a realidade de mercado pode mudar a qualquer momento, a única segurança possível para uma empresa é manter-se em contato com a missão, seu caráter, seu credo. Buscar isso é buscar um sentido ético para a existência, que vá além do mercado, e por isso mesmo sirva para fortalecer sua posição (COHEN, 2000, p. 105).

Considerando o aspecto mencionado, ser uma empresa cidadã engloba valores e princípios éticos que uma organização adota em todos os seus relacionamentos e ações (DAINEZE, 2004). Além de prover maiores e melhores meios para a estruturação de uma sociedade mais humana, a RSE, como afirmaram Arantes *et al.* (2004, p. 133), “... é uma arma poderosa para fortalecer a imagem corporativa e tornar a empresa reconhecida tanto pelo seu mercado de atuação quanto pela sociedade em geral”; o que em outras palavras significa que, no mesmo tempo em que o funcionário, sua família e a comunidade são mais bem assistidos em suas necessidades, as empresas têm sua imagem extremamente fortalecida perante esses públicos.

Por tudo isso, pode-se colocar que, em termos conceituais, a responsabilidade social pode ser definida e aceita como:

(...) a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais compatíveis com o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para gerações futuras, respeitando a diversidade e a redução das desigualdades sociais (ETHOS, 2003).

Nesse contexto e entre as diferentes perspectivas apontadas sobre a RSE, entende-se que, ao longo dos anos, esse conceito foi evoluindo de uma visão conservadora, pautada na resposta que a empresa deve a seus acionistas, para uma visão que encoraja a organização a se voltar para o interesse público, atenta, assim, às expectativas de seus stakeholders (SAUERBRONN *et al.*, 2009).

Nos séculos XIX e XX, o Estado era a principal fonte provedora do bem-estar social, enquanto setores privados se concentravam demasiadamente no lucro. Com o passar dos anos, há uma crise de confiança na capacidade desse Estado, uma vez que os serviços prestados eram de baixa qualidade, aliados à falta de recursos financeiros. Surge, assim a necessidade da busca de novas alternativas e, principalmente no fim do século XX, tem-se o aparecimento do “fenômeno” da Responsabilidade Social Corporativa (RSC) ou Responsabilidade Social Empresarial (RSE) (SCHROEDER; SCHROEDER, 2004).

Destaca-se, nesse movimento, a ação de entidades sem fins lucrativos que desenvolvem projetos de ação integrada com outros setores econômicos, tendo como uma de suas metas a promoção dos direitos humanos. Juntamente com essas, é relevante destacar a presença das empresas como importantes agentes na promoção do desenvolvimento econômico e no avanço tecnológico, sendo também possuidoras de grande capacidade de criação e de geração de recursos humanos (TEIXEIRA; POMPERMAYER, 2008). Para Vergara e Branco (2001), as empresas são “construções sociais”, ou seja, “sujeito e objeto da realidade da qual fazem parte”. São, portanto, participantes dos problemas sociais e, atualmente, uma das instituições mais influentes nos rumos da sociedade.

Segundo Boudon (2002), recentemente as instituições privadas passaram a compreender a seriedade dos problemas sociais, passando, então, a responsabilizar-se por áreas de encargo do governo. Emerge a então chamada Responsabilidade Social Empresarial. Teixeira e Pompermayer (2008), trabalhando com a perspectiva dos líderes empresariais sobre a RSE, relataram que as instituições privadas são,

juntamente com o governo, responsáveis pela sociedade, sendo a responsabilidade social um valor e não uma obrigação da empresa.

Buscando alguns antecedentes históricos do conceito de responsabilidade social, encontra-se a filantropia empresarial, com predominância de ações marcadas pelo traço paternalista que se desenvolveu no Brasil em fundações e programas filantrópicos empresariais atuantes nos anos de 1960 e 1970. Essas instituições trabalhavam, sobretudo, por meio de doações diretas, sem maiores expectativas de que as comunidades beneficiárias fossem capazes de desencadear e sustentar processos de mudança social (AMCHAM, 2000).

A filantropia corporativa tem como objetivo contribuir com uma instituição de caridade, diretamente com uma causa específica, sendo essa ação expressa, na maior parte, por doação financeira. Essa estratégia é a mais tradicional e antiga das estratégias de iniciativa social das corporações, sendo um apoio fundamental para áreas da saúde, educação e meio ambiente (OLIVEIRA, 2006).

Nos primeiros anos da década de 1980, começam a aparecer empresas que atuavam nas comunidades em que se inseriam, por meio de projetos de caráter social. A partir desse período, até meados da década de 1990 registrou-se um crescimento do interesse das empresas pela área social, multiplicando projetos, diversificando os temas abordados e iniciando ações em parceria com Organizações Não Governamentais (ONGs) e órgãos públicos (AMCHAM, 2000).

Se antes as ideias de caridade e assistência social guiavam os projetos, agora, tenta-se inserir abordagens nas quais a noção de parceria entre empresa e comunidade predomina. O paternalismo que caracterizava a relação entre empresa e população assistida pelos projetos sociais dá lugar à ideia de parcerias (IOSCHPE, 1997) para atuar em favor dos desassistidos (UYEHARA, 2004).

A formação de parcerias para dar apoio às estratégias sociais, de acordo com Oliveira (2006), dá às empresas a oportunidade de “nivelar interesses e juntar esforços” que, além de atingir os objetivos de negócio, chegam às questões da sociedade.

Isso porque, além de agregar valores corporativos aos seus produtos e se sustentar no mercado, o envolvimento de uma empresa com determinada causa social pode influenciar nas decisões de compra dos consumidores, o que demonstra que o envolvimento das organizações com as causas sociais pode elevar, consideravelmente, a preferência por determinado produto (BLECHER, 2004).

De acordo com Garcia *et al.* (2009), além de perceber como a RSE traz impactos nas decisões de compra dos consumidores, cabe ao próprio consumidor a responsabilidade de buscar informação acerca das práticas sociais das empresas, pois, dessa forma, passa a consumir de forma mais consciente.

Com essa “cobrança” por parte da sociedade consumidora em ver a atuação das empresas em questões sociais e ambientais, grande parte dessas instituições privadas percebe-se inserida em uma competição de escala mundial, em que o convencimento dos consumidores, sobre a preocupação delas com o bem-estar individual e coletivo e com a sustentabilidade ambiental, entre outras, torna-se crucial para o sucesso do empreendimento (TEIXEIRA; POMPERMAYER, 2008).

Segundo Gonçalves (1980), para se praticar a responsabilidade social é preciso que haja mudança no espírito e nas técnicas de funcionamento das empresas, de modo que se coloque o fim social muito acima do desejo de lucro. Para Matias (1999), a responsabilidade social deve ser identificada como “um processo espontâneo, caso o objetivo seja de transformação. Assim, o que se espera de uma empresa realmente preocupada em contribuir para a solução dos problemas de base do país é que ela tenha uma política institucional firme, ética, dinâmica e empreendedora”. Ou seja, que a responsabilidade social seja um processo natural, inerente ao pensamento da organização, fluindo como deve fluir a responsabilidade individual de cada cidadão.

Apesar disso, não se pode deixar de considerar outro aspecto que acompanha a dinâmica da RSE: o marketing social. Seu conceito sustenta que a organização deve determinar as necessidades, desejos e interesses do mercado-alvo e, então proporcionar aos clientes um valor superior, mantendo ou melhorando o bem-estar da sociedade (KOTLER *apud* INSTITUTO XEROX, 2000).

O marketing social corporativo como estratégia tem como objetivo envolver questões específicas da sociedade, principalmente aquelas nas áreas de saúde, segurança, meio ambiente e envolvimento comunitário. Sua finalidade seria, então, de “despertar a percepção para a causa, estimular a revisão de conceitos e incentivar o interesse pela mudança” (OLIVEIRA, 2006).

Nesse contexto, além da participação da empresa no desenvolvimento social do país, o investimento em programas de responsabilidade social como estratégia de marketing para a sobrevivência da empresa no mercado é fundamental (TEIXEIRA; POMPERMAYER, 2008).

Além disso, as empresas são as responsáveis por despertar o interesse e aumentar a consciência pública referente às causas sociais, sendo, ainda, capazes de mobilizar colaboradores, clientes e comunidade para participar do desenvolvimento de ações socioambientais que influenciem nas práticas de negócio e na mudança de comportamento e, ainda, alcança objetivos de marketing empresarial (KOTLER; LEE, 2005 *apud* OLIVEIRA, 2006). Oliveira (2006) ainda atestou que ganhos com marketing podem ser gerados com a formação das parcerias entre empresas e outros setores econômicos.

1.4. Considerações finais

O envelhecimento da população brasileira traz para o poder público, sociedade e empresas novas demandas, muitas vezes difíceis de serem satisfeitas pela falta de investimentos necessários para tal.

Ser socialmente responsável não se restringe ao cumprimento de obrigações legais e, sim, em ir além, através de investimento no capital humano, no ambiente, nas comunidades e nas relações entre as partes interessadas, em situações que envolvem condições de exclusão social, como: trabalho infantil, trabalho escravo, relações sociais discriminatórias e direitos humanos.

Nessas condições, programas de responsabilidade social desenvolvidos por instituições privadas surgem como apoiadores indiretos para o desenvolvimento humano e, conseqüentemente, para uma velhice saudável. Suprem a pouca eficiência do Estado em prover políticas públicas em quantidade e qualidade para envelhecimento saudável física, mental e socialmente, tendo em vista que, atualmente, as problemáticas que a sociedade enfrenta têm sido maiores do que o Estado, sozinho, consegue suprir com eficiência.

Ações sociais voltadas para a terceira idade podem contribuir para amenizar o quadro, do envelhecimento como demérito, contribuindo, ainda, para que os mais velhos continuem participando de uma vida social ativa e com qualidade.

Além disso, tendo em vista que as organizações privadas dependem das comunidades onde estão inseridas para sobreviver no mercado consumidor, adotar ações sociais torna-se ferramenta de gestão ímpar. Além do ganho social, fica nítido o ganho empresarial em termos de melhoria da imagem institucional, da fidelização do mercado consumidor e do crescimento do marketing empresarial.

2. REFERÊNCIAS

ALCANTARA, A. O. **Velhos institucionalizados e família:** entre abafos e desabafos. Campinas, SP: Alínea, 2004.

AMCHAM. **Um conceito em evolução.** 2000. Disponível em: <www.empresacomunidade.org.br/cidaemp/cidadania>. Acessado em: 23 ago. 2008.

ARANTES, E. C. *et al.* A responsabilidade social corporativa e suas influências na percepção e na decisão de compra do consumidor. In: **Responsabilidade social das empresas:** a contribuição das universidades. 3. ed. Peirópolis, SP, 2004. v. 3.

ARAUJO, M. R. M. de. Exclusão social e responsabilidade social empresarial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, 2006.

BACELAR, R. **Envelhecimento e produtividade:** processos de subjetivação. 2 ed. rev. Recife. Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002.

BACHA, M. L.; STREHLAU, V. I. O significado da terceira idade pela terceira idade: autoconceito das classes AB e CD em São Paulo. In: Encontro de marketing da ANPAD, 3., 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2008.

BANDEIRA, K. M. Discutindo a qualidade de vida do idoso. In: **A terceira idade:** as políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no estatuto do idoso, São Paulo, SESC, v. 16, n. 34, p. 1-104. out. 2005.

BEAUVOIR, S. **A velhice:** o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições da vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOUDON, A. Social S.A. **Conjuntura Econômica**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 31-5. Fev. 2002.

BRASIL. **Estatuto do idoso.** Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

BRUSCHINI, C. Uma abordagem sociológica de família. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, ABEP, v. 6, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 1989.

- CAMPOBIANGO, C. R.; FARIAS, R. C. P. A Importância do vestuário na qualidade de vida do idoso. In: Congresso Brasileiro, 17; Encontro Latino-Americano de Economia Doméstica, 5., 2003, Guarapari. **Anais...** Guarapari, ES: ABED, CFED e CRED, 2003.
- CARNEIRO, R. S; FALCONE, E. M. de O. Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, 2004 .
- CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Caderno de Saúde Pública**. v. 19, n. 3, 2003.
- CEBOTAREV, E. A. La familiar como problema de investigacion. In: **Mujer, familiar y desarrollo**, Manizales, U. De Caldas, 1994. p. 13-21.
- COHEN, D. Empresa e Sociedade. **Revista Exame**: a empresa no novo milênio, fascículo 5, p. 88, 2000. Edição Especial.
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPÉIAS. **Livro verde**. Bruxelas: CEE, 2001, 35 p.
- CUPERTINO, Ana Paula Fabrino Bretas; ROSA, Fernanda Heringer Moreira; RIBEIRO, Pricila Cristina Correa. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2007.
- DAFT, R. L. **Administração**. Tradução. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1999.
- DAINEZE, M. do A. Códigos de ética empresarial e as relações da organização com seus públicos. In: **Responsabilidade social das empresas**: a contribuição das universidades. 3. ed. São Paulo, Peirópolis, 2004. v. 3, p. 75.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 2004.
- DIAS, I. G. **A institucionalização asilar na percepção do idoso e de sua família**: o estudo do “Lar dos Velhinhos” – Viçosa, MG. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.
- DUARTE, G. D.; DIAS, J. M. **Responsabilidade social**: a empresa hoje. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1986.
- ETHOS – Instituto de Empresas e Responsabilidade Social. 2003. Disponível em: <http://www1.ethos.org.br/EthosWeb/pt/93/servicos_do_portal/perguntas_frequentes/perguntas_frequentes.aspx>. Acessado em: 23 ago. 2002.
- GARCIA, A. F. C.; POMPERMAYER, M. M.; FERREIRA, M. A. M.; TEIXEIRA, K. M. D. Investigação dos impactos da responsabilidade social sobre percepções de consumo e comportamento de compra. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, 2009, Juazeiro, BA e Petrolina, PE. Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento: ações, articulações e agenda. Petrolina, PE: **Resumos...** Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2009. v. 1, p. 1-15.
- GODOY, R. M. de; RIBEIRO, R. C. S. Programas de preparação para a aposentadoria: uma responsabilidade social das empresas. **A Terceira Idade**: as políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no estatuto do idoso, São Paulo, SESC, v. 16, n. 34, p. 1-104. out. 2005.

- GOLDANI, A. M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Caderno de Pesquisa**, n. 72, p. 7-22, 1994.
- GONÇALVES, E. L. **Balço social da empresa na América Latina**. São Paulo: Pioneira, 1980.
- GUEDEA, M. T. D.; ALBUQUERQUE, F. J. B.; TRÓCCOLI, B. T.; NORIEGA, J. A. V.; SEABRA, M. A. B.; GUEDEA, R. L. D. Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Síntese de indicadores sociais**. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidência/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1>. Acesso em: 20 out. 2008.
- INSTITUTO XEROX. **O que é responsabilidade social**. Disponível em: <<http://www.xerox.com.br/institutoxerox/respsocial.htm2000>>. Acesso em: 15 jan. 2009.
- IOSCHPE, E. **Terceiro Setor Desenvolvimento Social Sustentado**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.
- IOSCHPE, E. B. Voluntariado empresarial alia interesses da iniciativa privada e da área social. In: Congresso Nacional sobre Investimento Privado, 2000, Vitória. **Anais...** São Paulo: Gife, 2000.
- JESSOP, D. J. Family relationships as viewed by parents and adolescents: a specification. **Journal of Marriage and the Family**, v. 41, n. 4, p. 95-107, 1981.
- LIMA, A. M. M. de; SILVA, H. S. da; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 27, dez. 2008.
- MACEDO, L. C.; AVERSA, M. B.; PEREIRA, R. M.; GALBETTI, R. **Responsabilidade social nas empresas londrinenses**. Disponível em: <<http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/projetosdepesquisa/0119.htm>>. Acesso em: 09 out. 2003.
- MATIAS, A. J. A Responsabilidade das empresas. **A Gazeta Mercantil**, Seção: Opinião, p. A-2. São Paulo: Gazeta Mercantil, set. 1999.
- MONTALI, L. Família e trabalho na estruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 15, n. 42, p. 55-71, fev. 2000.
- MORAES, M. Q. Família e feminismo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 37, p. 44-51, 1981.
- OLIVEIRA, M. C. A família brasileira no limiar do ano 2000. **Estudos Feministas**, v. 4, n. 1, p. 55-64, 1996.
- OLIVEIRA, Z. L. C. Assim caminha a família brasileira: indicações do quadro empírico. In: SIMPÓSIO DE ECONOMIA FAMILIAR: UMA OLHADA SOBRE A FAMÍLIA NOS ANOS 90, 1, 1994, Viçosa-MG. **Anais...** Viçosa, MG: UFV, 1994. p. 164-83.
- OLIVEIRA, F. M. Estratégias de responsabilidade social corporativa: um estudo sobre os 231 casos concretos do Instituto Ethos. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 5, n. 1, maio 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento**. 2002. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

PAPALÉO NETTO, M.; PONTE, J. R. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo. Atheneu. 2005.

PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo. Atheneu. 2005.

PAULA, A. S. A.; PINTO, J. A. R.; PAIVA, K. C. M. **Responsabilidade social e ética: avaliando exemplos e definindo resultados organizacionais**. 2002. Disponível em: <<http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/OGT/ogt0802.htm>> Acesso em: 09 de out. 2003.

PEIXOTO, C. E. Entre o enigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade e memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de. (Coords.). **Velhice ou Terceira Idade?** 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2003.

PEIXOTO, C. E. As transformações familiares e o olhar do sociólogo. In: SINGLY, F. **Família contemporânea**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

RAMOS, M. Os sintomas depressivos e as relações sociais na terceira idade. **Revista do Departamento de Psicologia,UFF**, Niterói, v. 19, n. 2, dez. 2007.

RICO, E. de M. A responsabilidade social empresarial e o Estado: uma aliança para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 18, n. 4, 2004.

SALGADO, M. A. Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. In: **A terceira idade: estudos sobre envelhecimento – Políticas públicas para a habitação do idoso**, São Paulo, SESC, v. 18, n. 39, p. 1-96, Jun. 2007.

SARTI, C. A. Família enredadas. In ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.). **Família: rede, laços e políticas públicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez e Instituto de Estudos Especiais. 2007.

SAUERBRONN, F. F.; SAUERBRONN, J. F. R.; PAULA, J. Uma Discussão acerca dos Fundos de Investimento Éticos à Luz da Literatura de Responsabilidade Social Empresarial – Considerações e proposta de agenda de pesquisas. **Perspectiva Contemporânea**, Campo Mourão, v. 4, n. 1, p. 52-80, jan./jun. 2009.

SCHROEDER, J. T; SCHROEDER, I. Responsabilidade social corporativa: limites e possibilidades. **RAE electron.**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2004 .

TEIXEIRA, K. M. D.; POMPERMAYER, M. M. Família, responsabilidade social e cidadania. In: DAMIANO TEIXEIRA, K. M.; GOUVEIA, P. (Eds.). **Tudo em família: textos, temáticas e discussões**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2008.

TRENTINI, C. M.; CHACHAMOVICH, E.; FIGUEIREDO, M.; HIRAKATA, V. N.; FLECK, M. P. de A. A percepção de qualidade de vida do idoso avaliada por si próprio e pelo cuidador. **Estudos de Psicologia. (Natal)**, Natal, v. 11, n. 2, 2006.

UYEHARA, A. M. G. **Responsabilidade social e envelhecimento:** o que as empresas tem a ver com isso?. Concurso Talentos da Maturidade – Banco Real. São Paulo, 2004.

VECCHIA, R. D.; RUIZ, T.; BOCCHI, S. C. M.; CORRENTE, J. E. Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 8, n. 3, 2005.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2004.

VERGARA, S. C.; BRANCO, P. D. Empresa humanizada: a organização necessária e possível. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, FGV, v. 41, n. 2, p.21, Jun. 2001.

WERHAHN, P. H. **O empresário:** a sua função econômica e responsabilidade sócio política. São Paulo: Fund konrad Adenauer Stiftung, 1995. Papers da Fundação Konrad Adenauer Stiftung.

**ARTIGO 2 – PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E OS
IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES E NA VIDA DA TERCEIRA IDADE:
ANÁLISE A PARTIR DA VISÃO DE FOMENTADORES DE AÇÕES
SOCIAIS – CATAGUASES, MG**

RESUMO

Enquanto participantes diretos da sociedade e, portanto, uma das instituições influentes nos rumos da vida em comunidade, as entidades privadas buscam incorporar a responsabilidade social e ajudar a sociedade a atingir seus objetivos, levando em conta, também, que o próprio desenvolvimento da organização depende da sociedade a qual pertence. Nesse cenário e tendo a terceira idade como foco de ações sociais, buscou-se examinar a percepção de líderes empresariais sobre os custos e o retorno dos programas de responsabilidade social, voltados para a terceira idade. Diante de quatro entrevistas realizadas, foi possível entender que a visão de atores estratégicos é um argumento para que as empresas continuem investindo ou comecem a investir em programas específicos para a terceira idade. Ainda, o envolvimento da terceira idade em atividades sociais foi tido como minimizador do processo de envelhecimento e contribuinte para a inclusão social dessa população.

Palavras-chave: Responsabilidade Social Empresarial. Terceira Idade. Líderes empresariais.

ABSTRACT

The private institutions, as direct participants of society, thus, one of the important institutions in life in community, try to develop social responsibility as well as to help the society reach its objectives, also taking into consideration that this development depends on the society to which the enterprise belongs to. In this context and having the elderly as the focus of social actions, this study analyses the perception of the corporation leaders regarding the costs and the feedback of the programs of social responsibility aiming the elderly. After four interviews in hands, it was possible to understand that the view of the strategic corporation leaders is an important point to be taken into consideration so that the corporations keep on investing or start investing in specific programs for the elderly. Besides all that, the participation of the elderly in social activities has been seen as a minimizing factor in the aging process and it also contributes for the social inclusion.

Keywords: Corporate Social Responsibility, elderly, Corporation Leaders.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população, assim como a expectativa de vida crescente, é um fato consumado em estudos. Há de se ressaltar, porém, que países em desenvolvimento, como o Brasil, não se adequaram em termos de políticas públicas e de ações sociais para atender a demandas específicas da população idosa¹⁰. Outrossim, a participação das empresas em termos de desenvolvimento, implantação e implementação de programas de responsabilidade social¹¹ direcionados a esse público, ainda é incipiente.

As empresas, por meio do desenvolvimento de programas de responsabilidade social, vêm suprir demandas e necessidades que o Estado não consegue ou não o faz de maneira satisfatória. Assim, cada vez mais setores privados vêm desenvolvendo alternativas para implantar e, ou, implementar ações voltadas para o atendimento de necessidades dos *stakeholders*¹², assim como de parcelas excluídas da sociedade.

¹⁰ Apesar da existência de discussões sobre o diferente significado entre idosos e terceira idade, este estudo adota os dois termos como sinônimos e significando toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003).

¹¹ Por Responsabilidade Social Empresarial (SER) entende-se: "... o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela" (CARDOSO; ASHLEY, 2002, p. 7).

¹² De acordo com Freeman e Gilbert (*apud* LETTIERI, 2004, p. 21), *stakeholder* é "qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pela empresa", ou seja, qualquer público que se relacione direta ou indiretamente com a organização.

Diante da afirmação de Veras e Caldas (2004) de que, uma vez sendo a percepção da sociedade diante do envelhecimento equivocada, coloca-se Estado e famílias como incapazes para atender adequadamente às carências da população idosa. Com isso, liga-se o crescente interesse das empresas em realizar programas sociais para as comunidades, com as demandas vivenciadas atualmente pelo público idoso e, assim, observa-se o incremento das entidades privadas em atitudes sociais que abarcam também esse público.

Mediante disso, incorporadas como valores empresariais, as ações sociais também não deixam de representar vantagens competitivas para as empresas, ou seja, não deixam de trazer para a organização maior valor agregado à imagem; maior admiração por parte dos consumidores e sociedade e; maior admiração dos funcionários e de seus familiares. Mas Gonçalves (1980) afirmou que, para se praticar a RSE, é preciso mudança no funcionamento das empresas, de modo que o desejo de lucro não esteja acima do fim social. Com isso, a percepção dos atores, promotores das ações sociais, diante das práticas de responsabilidade social e seus impactos na vida dos idosos, podem servir como *feedback* para as empresas praticantes dessas ações, assim como incentivar, além do investimento em ações sociais já praticadas, o surgimento de novas ações específicas para esse grupo.

Assim, buscou-se examinar a percepção de atores estratégicos¹³ de uma organização sobre os custos e o retorno dos programas de responsabilidade social, voltados para a terceira idade, para a organização; e, ainda, examinar a percepção dos atores estratégicos dessa organização sobre os impactos dos programas para o grupo atendido.

¹³ Para fins deste estudo, considerar-se-ão atores estratégicos todos aqueles que, de uma forma ou outra, são responsáveis pelo oferecimento dos programas de responsabilidade social empresarial ou, ainda, tenham sobre o assunto em estudo, conhecimento relevante para os objetivos pretendidos.

2. METODOLOGIA

2.1. Local de estudo

Este estudo foi desenvolvido na Companhia Industrial Cataguases (CIC) e no Instituto Francisca de Souza Peixoto (Instituto Chica), localizados na cidade de Cataguases, MG.

A CIC é uma das maiores indústrias têxteis do país, atendendo à demanda interna de tecidos de algodão e exportando para mais de 20 países (COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES, s. d.).

O Instituto Chica iniciou suas atividades em 6 de agosto de 1999, passando a responder pela política social da CIC, como um espaço destinado a colaboradores da Companhia e pessoas da comunidade como um todo. Em 2009, desenvolvia cerca de 28 projetos socioambientais, atendendo, anualmente, cerca de 40 mil pessoas. O Instituto, em sua grande parte, era mantido pela venda dos resíduos do algodão da CIC, mas conta, ainda, com parcerias com outras empresas da região e governos municipal, estadual e federal (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, s. d.).

2.2. População e amostra

Uma vez que se optou por verificar a percepção dos atores estratégicos sobre os custos e retornos das ações sociais voltados para a terceira idade, participaram do estudo representantes da Companhia Industrial Cataguases e do Instituto Francisca de Souza Peixoto.

Particularmente, a amostra foi composta por um ator estratégico da CIC e 3 do Instituto Chica, ressaltando que não houve seleção prévia desses pesquisados uma vez que, por fazerem parte da gestão da organização, nem todos estavam disponíveis para o tempo da coleta de dados. Apesar disso, optou-se por entrevistar diferentes níveis de pessoas que trabalhavam, direta ou indiretamente, com a RSE na organização como um todo, a saber: (1) Coordenadora do Projeto Qualidade de Vida e Professora de Ginástica para a Terceira Idade; (2) Coordenadora do Projeto de Inclusão Digital; (3) Presidente do Instituto Chica; e (4) Gerente de Recursos Humanos da Companhia Industrial Cataguases.

2.3. Forma de coleta de dados

Baseada na abordagem qualitativa do estudo e sua natureza exploratório-descritiva, a coleta de dados iniciou-se com o estabelecimento do contato com o responsável pelo Instituto Chica para identificar a viabilidade de ser realizado o estudo com os atores estratégicos. Nesse momento, a pesquisa foi devidamente contextualizada e apresentada a representantes do Instituto e da Companhia Industrial Cataguases.

Dentre os dias 19 e 24 de outubro de 2009, foi realizada uma visita ao Instituto Chica, onde a Coordenadora do Projeto “Qualidade de Vida” ficou responsável por orientar a pesquisadora nos contatos com outros atores estratégicos disponíveis. Após esse contato, foi composta a amostra, e, assim, a aproximação com os atores estratégicos ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas durante o expediente de trabalho. Seguindo um roteiro fundamentado nos objetivos propostos inicialmente e no referencial teórico embasador do estudo, cada entrevista teve, aproximadamente, uma hora de duração. Essas entrevistas ainda foram gravadas e seu conteúdo, posteriormente, transcrito, categorizado tematicamente e analisado.

2.4. Forma de análise dos dados

Os dados foram analisados de acordo com as seguintes categorias: (1) caracterização dos atores estratégicos; (2) Responsabilidade Social Empresarial; (3) Instituto Chica e seu funcionamento; (4) Terceira Idade; (5) Custos e retornos dos programas de RSE para a terceira idade; (6) Custos e retornos dos programas de RSE

para a organização; e (7) Participação de homens e mulheres da terceira idade nos programas de RSE.

A análise das entrevistas foi baseada em uma análise das falas, buscando-se identificar o que era dito a respeito de cada categoria/tema/assunto.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Percepção dos atores estratégicos sobre os programas de responsabilidade social empresarial

Os atores estratégicos entrevistados apresentavam-se em diferentes níveis operacionais na organização, ou seja, pode-se colocar que o Presidente do Instituto Chica e a Gerente de Recursos Humanos da CIC são representantes estratégicos, enquanto as Coordenadoras dos Programas no Instituto Chica são representantes táticos. A Coordenadora do Projeto Qualidade de Vida ainda pode responder como representante operacional uma vez que, além de coordenadora, atua como professora da ginástica para a terceira idade e lida, diretamente, com o público de interesse deste estudo. Com o intuito de apresentar o perfil dos atores estratégicos pesquisados, o Quadro 1 traz a apresentação dos próprios entrevistados, seus cargos e funções.

Apropriando dos conceitos administrativos ao tratar do planejamento administrativo e estratégia organizacional, entendeu-se a nomenclatura “estratégico” como aquela que define um nível hierárquico mais alto na empresa, estando relacionada com os objetivos em longo prazo e com estratégias e ações para alcançá-los. Nessa mesma perspectiva, o “tático” pode ser entendido como atuação em áreas funcionais da empresa, ou seja, desenvolvido em níveis organizacionais intermediários, tem como objetivo utilizar eficientemente recursos disponíveis para alcançar objetivos em médio prazo. Já o “operacional” pode ser entendido como aquele que identifica procedimentos e processos específicos, apresentando planos de

ações e estando centrado, assim, nas atividades rotineiras da organização e relacionando-se com períodos de tempo mais curtos (CHIAVENATO, 2003).

Quadro 1 - Perfil dos atores estratégicos entrevistados, Companhia Industrial Cataguases, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009

Ator estratégico	Idade	Tempo de organização	Função/ Cargo
1	21 anos	2 anos e 6 meses	Coordenadora do Projeto Qualidade de Vida e professora de ginástica para a terceira idade. É coordenadora de parte das aulas e atividades oferecidas pelo Instituto Chica, principalmente das atividades físicas; é responsável pela organização dos eventos e disponibilização dos espaços do Instituto.
2	39 anos	10 anos	Coordenadora do Projeto de Inclusão Digital. É coordenadora dos projetos de incentivo à cultura, especificamente, trabalha com o projeto de inclusão digital e com tecnologia de educação.
3	52 anos	mais de 11 anos.	Presidente do Instituto Chica. Desde sua formação na academia trabalhava como diretor da então Indústria Irmãos Peixoto. Com a fundação do Chica em 1999, acumulou a diretoria da empresa e a presidência do Instituto até 2007. Neste ano assume, exclusivamente, o Instituto.
4	42 anos	7 anos e 8 meses.	Gerente de Recursos Humanos da Companhia Industrial Cataguases. É uma das pessoas que faz o intermédio CIC e Instituto Chica.

Fonte: Dados da pesquisa.

De interesse para a pesquisa foi entender a percepção dos atores estratégicos sobre os programas de responsabilidade social direcionados aos idosos, sendo importante para tal verificar como eles entendiam a parceria entre a Companhia Industrial Cataguases e o Instituto Chica.

Segundo a gerente de recursos humanos da Companhia Industrial Cataguases, “o Instituto é um braço social da Companhia Industrial Cataguases”, ou seja, uma vez que é provedora de recursos financeiros para o Chica; para a CIC é como se tivesse “um órgão, um Instituto, um lugar que desenvolve a responsabilidade social para toda a comunidade de Cataguases”.

Para o presidente do Instituto Chica, o principal intuito de criação e funcionamento do Chica está na possibilidade de lidar e cuidar de pessoas.

Tem muita gente que me pergunta qual é o foco do Instituto. Bom, o foco do Instituto são as pessoas. Tem gente aqui dentro que fica falando que o Instituto tem que ter foco. Foco, são as pessoas e suas demandas, e seus sonhos, e suas carências, e suas vontades, e seus anseios. O Instituto tem a obrigação de ouvir e ver o que pode fazer. Nem tudo a gente pode atender, não podemos, mas se esta demanda abrange um universo de mais de uma pessoa, vamos fazer alguma coisa, mínima, mas vamos. (...) A gente lida com gente, não lida com máquina, não é não? (...) No Instituto você esta lidando com gente, você esta lidando com cabeças pensantes, diferentes de raça, de credo, de questão social, de tudo. Então, como eu vou por um foco, igual fazer tecido? Eu não vou, tenho que ouvir as pessoas. E tenho que tentar compor estas demandas num projeto. Não faço, não venha me cobrar um foco, planejamento, que não dá. Minimamente a gente planeja, o espaço, como é que vai ser e tal (Presidente do Instituto Chica).

As falas representaram desde uma visão mais conservadora das ações sociais, que se baseiam numa resposta que a empresa deve a seus acionistas, a uma visão menos conservadora, fundamentada nas ações sociais em um interesse público, passando a atender todas as pessoas que, de certa forma, se relacionam com a empresa e, ou, com a comunidade na qual essa empresa atua (SAUERBRONN *et al.*, 2009).

Seguindo esse pensamento, pode-se entender que o interesse em realizar atividades que contemplassem a terceira idade surgiu em discursos que abordavam desde questões de mercado e da globalização, a uma questão social, interessada na repercussão dessas ações para melhora da vida social do público da terceira idade especificamente, conforme se observa na fala a seguir:

Eu acho que o Instituto segue também muito as demandas do próprio mercado, da sociedade. E a questão do idoso na sociedade começou a ser tratada com mais atenção. Porque, na verdade, eu não me lembro de, há 15 anos, existirem ações de responsabilidade social dentro de empresas, era assistencialismo. Hoje não, o tema da responsabilidade social é um tema da modernidade então o Instituto acompanha essas demandas da sociedade e do que o planeta, o mundo vem falando. Então, essas ações, elas também começam a gritar conforme o homem vai dando maior valor à questão social. (...) Bom, então eu acho que essa questão do idoso foi mais uma das demandas da sociedade mesmo (Gerente de Recursos Humanos da CIC).

Por eles (*os idosos*) ficarem muito ociosos. Porque, já tem filhos formados, casados, os netos já estão criados, então, eles ficam sem ter o que fazer. Aí surgiram estas atividades. (...) Tentar dar um sentido para eles. Todos os dias eles vem aqui e se encontram, batem papo. Então, tentar trazer para eles auto-estima. (...) Despertar que eles são pessoas importantes e que aqui eles são queridos. Todos que vêm a gente sempre procura receber bem,

orientando sempre os professores também. Se tiver alguma coisa, estar doente, qualquer coisa; procurar a gente. Então, o principal conceito aqui é esse, tentar trazer auto-estima para eles, alegria e bem estar porque eles vêm para cá e ficam bem mesmo, tanto que eles gostam (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Todas as atividades são, para pessoas. Tudo que se desenvolve aqui é para pessoas que não teriam acesso se não fosse o Instituto e a biblioteca digital. Então, já é um trabalho de responsabilidade social (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

As falas dos atores, apesar de retratarem e reafirmarem a ideia de que o processo do envelhecimento traz vulnerabilidades e incapacidades para as pessoas que envelhecem (RAMOS, 2007), perseguem a ideia de que o envelhecimento também tem suas virtudes e desafios e deve ser vivenciado da forma mais saudável possível, com saúde, independência e integração social, entre outros (LIMA *et al.*, 2008). Há de se ressaltar, ainda, que aqueles que estão em contato mais direto com os idosos possuíam visão mais “romanceada”, mais prática da realidade, enquanto a gerente, mais empresarial.

Abrir um espaço para essas pessoas muitas vezes renegadas pela sociedade, muitas vezes sem espaço para melhorar, ter uma qualidade de vida, ou condição social, econômica e financeira para poder fazer uma atividade, o Instituto mais uma vez se confirma na responsabilidade com a sociedade, criar um espaço onde as pessoas possam interagir, possam brincar, possam fazer um exercício, possam conviver, possam fazer um teatro; então para mim é o fortalecimento da responsabilidade social. (...) Porque é uma preocupação com a qualidade de vida de uma população que já não é ativa no trabalho, não dá retorno financeiro para a cidade, para a sociedade, é a qualidade de vida deles mesmo (Gerente de Recursos Humanos da CIC).

Segundo o presidente do Instituto Chica, a responsabilidade social precisa deixar de ser apenas empresarial e passar a ser responsabilidade de todo cidadão, ainda que essas ações sejam importantes para as organizações, uma vez que elas têm representatividade perante o mercado consumidor. Corrobora, assim, principalmente, o discurso apresentado por muitos autores, da incorporação das empresas pela busca de um bem-estar comum da população (TEIXEIRA; POMPERMAYER, 2008; ARAUJO, 2006; BOUDON, 2002). Além disso, vem de encontro aos dados da pesquisa realizada por Teixeira e Pompermayer (2007), em que os líderes empresariais entendem que os investimentos sociais ocorrem, uma vez que a empresa está mais consciente do seu papel social e que o bem social deve ser promovido em conjunto

com o governo, empresas e cidadãos. Ainda pode-se destacar a ideia de Matias (1999) de que a RSE é um processo natural que deve ser inerente ao pensamento da organização, fluindo como deve fluir a responsabilidade individual de cada cidadão.

Eu, sinceramente, tenho uma visão um pouco diferente desta coisa técnica das empresas serem socialmente responsáveis; eu acho que todo ser humano tem que ser socialmente responsável, principalmente, aqueles que “Nosso Pai” deu uma situação de vida melhor. Eu acho que no país que nós vivemos, melhor, no mundo que nos vivemos, a responsabilidade para mim deixa de ser meramente empresarial e passa a ser responsabilidade social do cidadão do planeta terra ou do mundo. Eu acho que todos deveriam ter uma posição de caridade, caridade no sentido maior da palavra (Presidente do Instituto Chica).

Arelado à RSE, emergiu a questão do marketing social empresarial que, segundo Oliveira (2006), é uma estratégia que tem por objetivo envolver questões sociais específicas, buscando engajar a sociedade em novas causas para, com isso, estimular mudanças nos conceitos sociais firmados. Segundo a coordenadora do Projeto Qualidade de Vida, de certa forma o Instituto Chica não deixa de vivenciar o marketing, mas isso não deve ser considerado prática errônea pois, se todas as instituições fizessem o que o Instituto faz, algumas questões já seriam vivenciadas de forma diferente. O discurso apresentado pela coordenadora do Projeto Qualidade de Vida ainda apresentou questões como as trazidas por Teixeira e Pompermayer (2008), na qual o investimento em RSE como estratégia de marketing se torna importante para a sobrevivência da empresa em um mercado competitivo.

Preliminarmente, todas as atividades do Instituto Chica, assim como aquelas para a terceira idade, eram gratuitas, mas, de acordo com o presidente do Instituto Chica, o crescimento do Instituto e o custo de manutenção da estrutura e do desenvolvimento dos cursos tornou inviável ter apenas a CIC como fomentadora. Nesse sentido, foi relatado por todos os atores estratégicos entrevistados que, para a manutenção das atividades, existe a tentativa de tornar o Instituto Chica autossustentável.

No início eram todos gratuitos, mas com o tempo, com as mudanças no mercado e no mundo inteiro, hoje a idéia aqui do Instituto é de cada projeto tentar se manter. A Industrial, a parte que ela repassa para o Instituto é do que ela vende de resto de tecido, acho que é 1 milhão e meio por ano. Só que este valor, ele não cobre todos os custos do Instituto porque, são 100 funcionários, gastos com energia, água, materiais, têm os professores (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Obviamente o Instituto busca uma auto-sustentação, os institutos de responsabilidade social, de uma maneira geral, estão buscando ser autossustentáveis (Gerente de Recursos Humanos da CIC).

Nessa busca pela sustentabilidade dos projetos, o presidente do Instituto colocou que uma das alternativas foi transmitir as dificuldades do Chica para os usuários e, com isso, propor que eles também contribuíssem. Assim, a coordenadora do Projeto Qualidade de Vida, explica que, dependendo da estrutura que é demandada para a realização da atividade, é repassada uma mensalidade, variando de R\$5,00 a R\$10,00 reais, para os alunos. O recurso é revertido, basicamente, para o salário dos professores e gastos estruturais.

Com a colaboração das mensalidades, as atividades passaram, também, a dispor de algumas bolsas para aquele público incapacitado de contribuir financeiramente.

A gente tem limites de bolsas, na ioga temos 10 bolsas, na ginástica 10 bolsas, no balé a cada 5 alunos é 1 bolsa para cada turma. Tem pessoas que chegam assim: “Ah, eu não posso pagar, minha filha, quero muito fazer”. A gente não nega. Nunca ninguém ficou sem fazer aulas aqui porque não tinha dinheiro. Ou assim, às vezes a pessoa esta passando por um momento de crise, doença na família, “Ah, não estou podendo pagar agora, vocês podem me dar um desconto?”. A gente dá desconto (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Como outra estratégia para chegar à autossustentação do Instituto Chica, foi citada a realização das parcerias com outras entidades, o que está de acordo com Uyehara (2004) e Ioschepe (1997), que afirmaram que as parcerias devem ser predominantes para que a ideia de caridade e assistencialismo não guiem mais os projetos das empresas. Oliveira (2006) ainda acrescentou que é por meio da busca de parcerias que as organizações juntam esforços e têm a oportunidade de enfrentar as questões da sociedade, juntamente com a busca dos objetivos de negócio.

Com tudo isso, pode-se observar que as parcerias no Chica aconteciam de duas formas: na primeira, são parcerias pontuais, outras entidades contribuem com estrutura, transporte e demais necessidades, vez ou outra sentidas pelo Instituto; na segunda, existem parcerias mais longas, principalmente com as esferas públicas.

As parcerias que a gente tem, são em relação a eventos. Há pouco tempo, em setembro agora, na semana do idoso, a gente fez três dias de evento com palestras, teve baile para eles, teve desfile, teve varias coisas para eles. Isso, por exemplo, foi em parceria com a prefeitura. A prefeitura, normalmente contribui com estrutura, por exemplo, precisa de um som, lanche. Financeiramente mesmo, nem sempre. Com as empresas, é a mesma coisa, às vezes é um transporte... Dinheiro mesmo não, geralmente é isso (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Temos algumas parcerias com o poder público, que praticamente é alugando espaços. Com a prefeitura, até um ano atrás, funcionava e ainda funciona no Instituto, a biblioteca pública, o conselho tutelar, o bolsa-família. São programas que deveriam pertencer ao nível do governo, seja municipal, federal ou estadual, que não são da iniciativa privada, mas que o Instituto abrigou. (...) Até então, ficou aí uns 4 ou 5 anos tudo gratuito, mas com o crescimento dos projetos do Instituto, com os acertos orçamentários da empresa, tive que propor aluguel para a prefeitura. Então, não tem um ano, assinamos contrato (Presidente do Instituto Chica).

Questionados sobre as parcerias com o poder público e sobre a utilização das certificações e leis de benefícios para as organizações com práticas sociais, o presidente do Instituto Chica esclareceu que alguns projetos com ênfase na cultura podem ter maior visibilidade quando captam recursos de certas leis de incentivo à cultura ou benefícios fiscais empresariais. É nesse contexto que a busca pela sustentabilidade dos projetos reaparece uma vez que, por meio dessas leis, recursos financeiros são injetados no Instituto.

Temos projetos andando na lei estadual. Não necessariamente que sejam projetos do Instituto, mas que sejam projetos que o Instituto já participa. É uma maneira de aumentar o alcance destes projetos. A gente pega algumas atividades no Instituto que tem um foco na cultura e entra com o projeto, capta com empresas da cidade e vai incrementando estas ações. A lei Roaunet nem tanto, a gente procura utilizar com projetos que tenham uma visibilidade maior a nível nacional. O Instituto é uma instituição que atua somente em Cataguases e não pretendemos ampliar para outras cidades e eu quero chegar é nisso, então, quando a gente utiliza de verba federal, de imposto de renda, são para projetos que a gente sabe que abrange um pouco mais, projetos de alcance maior. (...) Além disso, tem projetos que a empresa pode usar de renúncia fiscal, por exemplo: o conselho municipal dos direitos da criança e do adolescente. Você pode doar 1% e a gente doa; e quando doamos, nos é permitido indicar para onde vai 50% dos recursos da empresa. Então, nós falamos, este dinheiro, nós queremos que vá para os projetos tal, tal, e tal. É uma maneira da gente trazer dinheiro novo para o Instituto porque, o Instituto hoje, como um todo esta credenciado no conselho municipal. Especificamente, alguns projetos que se encaixam perfeitamente e que estão dentro

das normas, das leis e das diretrizes do conselho municipal. Então, muitas vezes, este dinheiro retorna para o projeto do Instituto. Nós temos que procurar sustentabilidade, nós temos que procurar outras fontes de sustentabilidade, sustentação financeira para estes projetos, porque a Cataguases sozinha, não agüenta, ela tem um limite. Você vê que isso daqui é enorme” (Presidente do Instituto Chica).

Questionados sobre o início das atividades para o público da terceira idade, os entrevistados relataram que, inicialmente, foi um interesse indireto, ou seja, foi uma demanda de outros agentes que já desenvolviam atividades para a terceira idade na cidade de Cataguases, pelo espaço físico do Instituto Chica.

Existe aqui em Cataguases o Pro-Idoso. Eu obtive a informação de que a estrutura do Pro-Idoso era meio pequena, não cabiam todos os programas e que existiam demandas de outras ações, então, nasceu assim. Nós fizemos uma proposta para a gestão do Pro-Idoso na época: Olha, o Instituto tem espaço, vamos levar algumas destas atividades para lá? (...) Até então, o Instituto não tinha gente contratada, eles vinham com os próprios coordenadores de lá para cá fazer as atividades. Enfim, aí acaba que envolve tudo, (...) os projetos vão se envolvendo, vão se inter-relacionando, vão conversando. Nós não criamos de fato um programa para esta idade não, nós atendemos uma carência que existia no Pró-Idoso (Presidente do Instituto Chica).

Neste ponto, identificou-se que, inicialmente, ações de responsabilidade social podem ser assistencialistas ou partir de uma filantropia corporativa, sendo o principal objetivo contribuir, diretamente, com uma causa específica, ajudando outra instituição (KOTLER; LEE, 2005 *apud* OLIVEIRA, 2006).

Em relação à continuidade e funcionamento das atividades para a terceira idade, a coordenadora do Projeto Qualidade de Vida explicou que, após a transferência de algumas atividades, como a ginástica e a ioga do pró-idoso para o Chica, foi formado o projeto “Dona Chiquinha sempre Jovem”, abordando as seguintes atividades para os idosos: ioga, ginástica, capoeira, teatro, canto, dança e informática. Posteriormente, outras atividades, como as lutas, foram introduzidas, e algumas, já existentes, deixaram de ser realizadas ou passaram a outros núcleos do Chica, como é o caso das aulas de informática. Assim, em 2008 foi criado o programa “Qualidade de Vida”, voltando todas as atividades físicas para a comunidade e, com isso, integrando ao “Qualidade de Vida” o Projeto “Dona Chiquinha”.

Levando em conta que a informática, apesar de ser voltada para a terceira idade, é atividade fora do núcleo do Projeto de Qualidade de Vida, a coordenadora do Projeto de Inclusão Digital explicou que as atividades nessa área tiveram início a partir da procura dos próprios idosos. Posteriormente à demanda, buscou-se uma forma de desenvolver as atividades de informática com a terceira idade, uma vez que a dinâmica das aulas deveria ser diferenciada dos outros grupos etários devido às limitações decorrentes do processo de envelhecimento.

(...) Eu não posso colocar um senhor de 60 anos na turma de um menino de 12, que não vai dar certo, não vai dar para desenvolver projetos. Naturalmente as crianças aprendem mais rápido porque já são nativos digitais, nós somos imigrantes. Por isso a gente trouxe a terceira idade e montou uma turma só para eles (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

É possível identificar na fala da coordenadora a dificuldade de relacionamento entre gerações diferentes. Segundo Barbero (2002 citado por UYEHARA, 2004), a inovação tecnológica é responsável por suscitar no homem moderno o desenvolvimento de outro ritmo de vida e de relação com os objetos e com as pessoas. Além disso, entendendo que a maioria das pessoas que se encontram na terceira idade, apesar de terem visto a criação da tecnologia digital, não participaram dela ativamente, a entrevistada relatou que, inicialmente, a informática para a terceira idade buscava somente a inclusão digital. Posteriormente, entendendo que os idosos apresentam mais dificuldade de aprendizado, mas diante da força de vontade e da participação intensa que eles têm, novas atividades foram sendo introduzidas.

Uma vez realizando atividades específicas e voltadas para a terceira idade, seria necessário ter um controle e, principalmente, um conceito que levasse essas atividades a atingir o público-alvo específico. Diante disso, a coordenadora do projeto Qualidade de Vida mencionou que não existiu seleção por idade ou caracterização fixa para que os idosos participassem das atividades propostas.

Na verdade, a gente nem define por idade. A mais velha, a gente tem ela como padrão. Então, assim, se ela consegue fazer, o resto também faz numa boa. Na ginástica, por exemplo, tenho aluno de 82 anos e ela faz tudo então, se ela faz, o restante também, com certeza, consegue. Então, se uma pessoa mais nova quer entrar num destes projetos, a gente já avisa: Olha, é voltado para a terceira idade. Se uma pessoa de 50 anos quiser entrar, oh, tem gente de 86 anos. Então, quem tem que acompanhar são os mais novos (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Já para as atividades de informática, segundo a coordenadora, é necessária uma seleção:

O pessoal da terceira idade, a gente vai fazendo a inscrição durante o ano, só acima de 55. Tem gente que até aumenta a idade para poder participar. A gente tenta desenvolver trabalhos diferenciados com eles, como eu faço com as crianças também (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

Apesar de o Instituto, no geral, não adotar a faixa etária para criar uma seleção para pessoas da terceira idade, um aspecto interessante que se tornou recorrente durante as entrevistas foi a ideia dos atores estratégicos sobre o que vem a ser a terceira idade e como ela se encontra apresentada nas atividades do Chica e na sociedade como um todo. Segundo os entrevistados, a terceira idade é uma parcela excluída socialmente, ou seja, estão numa fase da vida que responsabilidades outrora importantes e que obrigavam essas pessoas a se relacionarem com o mundo de uma forma mais ativa, já não existem mais. Os idosos carregam a imagem de saúde e físico fragilizados, mente e sociabilidade enfraquecidos, incapacidade de se adaptarem a uma vida tecnológica e computadorizada e, ainda, enfrentam a falta de respeito por parte das pessoas mais novas. Nesse cenário, os atores estratégicos se encontram aptos a desenvolver atividades que tragam um novo sentido, numa nova fase da vida; a velhice.

Eles estão numa idade que precisam ter carinho. Isso para mim é carinho, é você proporcionar a eles atividades que vão tornar a vida deles, depois da vida produtiva, de trabalho, de geração de renda, de criação da família, você vai criar qualidade de vida. Vai proporcionar atividades para eles continuarem se sentindo pessoas importantes, pessoas úteis. Isso para mim é carinho, não tenho outra palavra para isso. Dar atenção. Você não vai dar a ginástica para este pessoal ficar aí, todo (forte), não, é mais. O organismo já não é mais assim, não é só o biológico que conta. É o carinho mesmo, é a atenção, rir, se divertir, conviver com outras faixas etárias (Presidente do Instituto Chica).

O principal hoje da terceira idade é a saúde, que é um ponto de ganho fundamental para a qualidade de vida que eles têm. A segunda coisa é o respeito. Então a partir do momento que o Instituto desenvolve alguma atividade relacionada ao idoso, ela está com certeza pensando na saúde. Essa saúde não é só a questão física, é a questão da convivência, porque uma coisa leva à outra. Acho mais importante hoje para o idoso, ter saúde para poder viver, com a condição que eles têm, alguns já com debilidade. Eu acho é um pensamento do Instituto na hora que se dispõe a ter uma atividade com o idoso, tanto porque a saúde não é só física, é a

própria interação entre as pessoas ali, o convívio, a harmonia que eles têm, o tempo, ocupar a cabeça, ocupar o tempo deles, tudo contribui para a saúde, e o respeito que eles têm dos demais. (...) Se não tivessem os Institutos, ou lugares que pesassem assim, aí, tadinhos. Seriam realmente renegados e excluídos, porque um ponto fundamental também do instituto é a inclusão social, ali é um ponto de inclusão social. Então, eles são excluídos da sociedade, os idosos são, pelo menos aqueles que não têm uma condição sócio-econômica (...) (Gerente de Recursos Humanos da CIC).

3.2. Visão dos atores estratégicos sobre os custos e retornos dos investimentos sociais para a terceira idade

Diante do objetivo proposto desta pesquisa, examinar a percepção de atores estratégicos sobre os custos e o retorno dos programas de responsabilidade social, voltados para a terceira idade, tanto para a organização quanto para os participantes idosos dessas atividades, essa fase dos resultados buscou dar destaque às falas empresariais que permeiam essa temática. Assim, de importância para o estudo foi a identificação, principalmente, dos retornos trazidos pela RSE voltada para a terceira idade, uma vez que, diante das entrevistas, os custos e, ou, pontos negativos foram quase que inexistentes nas falas dos atores estratégicos e estão apresentados mais adiante.

Questionados, então, sobre os possíveis custos e retornos que investir em ações de RSE para a terceira idade poderia trazer para a sociedade e, principalmente, para os usuários dessas ações, os atores estratégicos entrevistados destacaram os ganhos na saúde, no psicológico e na socialização. Nesse cenário, as falas apresentadas abaixo vão de encontro ao que afirmou Oliveira (2006) quando relatou que a preocupação das organizações com o bem-estar deve ser estendida a todos os atores ligados a ela, envolvendo não só as necessidades de saúde e segurança, mas também aquelas relacionadas às necessidades emocionais e psicológicas.

De forma prática, são físicos. Pessoas que chegaram com artrite, artrose, peso, que não conseguiam colocar a mão no pé; já conseguem. São resultados que a gente não precisa avaliar para ver. Você vê a alegria, o bem estar, você encontrar pessoas que as vezes tem os mesmos problemas. Porque é aí que começam a surgir as doenças, nesta época, tem a pressão alta, a osteoporose, menopausa. Você acaba que conhece pessoas com os mesmos problemas. Aqui, você encontra pessoas na mesma situação e acaba entendendo o problema um do outro. Acho que este é o principal benefício psicológico, poder fazer amizade, poder se abrir (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Eu tenho notícias de depoimentos de pessoas que deixaram de tomar remédios. Tenho depoimentos da inclusão digital, de senhoras fazendo o curso de informática. Teve um caso muito bacana aqui no Instituto de uma senhora que sentou na frente da máquina e começou a chorar; aí ela falou: Eu aprendi a escrever na roça, no chão, com um pedacinho de pau, meu pai me ensinando a escrever; quando eu ia imaginar sentar na frente de um negócio desses. As vezes nem imaginavam que um dia elas fossem ter acesso a um negocio desses (Presidente do Instituto Chica).

Eu acho que começa na auto-estima. Eu acho que eles ficam mais felizes. Eles conhecem outras pessoas, só esta interação... A dona D., perdeu o marido a pouco tempo, vinha ela e o marido e ela ficou muito tempo sem vir. Desde que ela recomeçou, ela não faltou mais, isso tem umas 4 semanas. Então acho que é por ai os benefícios... Socialização, um bem para a saúde, acho que uma consequência se você esta feliz é estar mais saudável. Acho que é essa interação, o aprendizado mesmo. (...) A aula de informática é muito pouco para eu falar: nossa, a gente torna a velhice deles mais tranqüila, melhor. Acho que é exagero, mas a gente contribui um pouquinho. Acho que a gente não contribui tanto como uma aula de Ioga, uma caminhada. Acho que isso, para a saúde, é melhor, mas acho que o nosso, para a cabeça, é melhor (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

Juntamente com as carências biológicas já sofridas pelo envelhecimento, tornar-se idoso significa ter o nível de atividade diminuído. Nesse contexto, as atividades do Chica vêm preencher o tempo antes dedicado ao trabalho, filhos, casa, entre outros. Isso pode tornar os idosos mais felizes e com melhor percepção de sua qualidade de vida (SALGADO, 2007; LIMA *et al.*, 2008).

Outro ponto importante para verificar os benefícios trazidos pelas atividades do Chica retoma a discussão de que envelhecer torna as pessoas menos sociáveis e com menos interações sociais. Nessa visão, segundo os entrevistados, as atividades que o Instituto proporciona são capazes de reabilitar esses idosos socialmente, ou seja, a partir do momento em que estão em contato com outras pessoas da terceira idade e com outras diferentes faixas etárias, novos contatos e amizades são firmados, trazendo, com isso, uma qualidade de vida melhor e mais saudável.

A gente tem aluno aqui de classe muito pobre, que tem que vir a pé ou que vem de ônibus porque anda de graça, que gasta o dinheiro todo com remédios, que sustenta o neto ou que a filha não trabalha e tem 3 netos para criar, que as vezes não vem porque tem que tomar conta do neto, tem que levar para a escola... tem pessoas que vem de carro zero. E às vezes estas pessoas que vem de carro zero, estão aqui por este convívio, não tem isso em outro lugar. (...) Às vezes a pessoa tá para baixo, ta mal, não quer fazer nada e chega aqui e encontra as pessoas que são mais alegres (Coordenadora do Projeto Qualidade de Vida).

Em relação a pontos negativos que, possivelmente, poderiam ser encontrados ao oferecer atividades para a terceira idade, apenas a coordenadora do Projeto Qualidade de Vida, que também é uma das professoras de atividade física para a terceira idade do Chica, fez um relato. Neste, é possível observar que o ritmo lento, a dificuldade em guardar informações e a resistência às mudanças abruptas, apesar de terem sido citados como pontos negativos, são características consequentes do próprio processo do envelhecimento e não estão ligados às patologias que aparecem mais frequentemente nessa fase da vida (CAMPOBIANGO, 2003; BACELAR, 2002).

Eu adoro trabalhar com terceira idade, mas tem que ter muita paciência porque seu ritmo é acelerado e o deles é lento. Se você fala X, não tem X e Y ou nem Y, não tem como mudar. Tem que ser muito cautelosa. Porque eles interpretam mal, você tem que ser clara na hora de falar. As aulas não podem ficar mudando muito, tem que ir introduzindo as mudanças pouco a pouco. (...) Você tem que ter muita paciência, para mudança eles demoram um pouco. É o único ponto negativo. Mas isso é contornável (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Além dos pontos positivos e negativos mencionados, existe o ganho pessoal em se desenvolver ações de RSE ou trabalhar com pessoas da terceira idade. Nesse sentido, apesar de Macedo *et al.* (2003) relatarem os reflexos positivos como motivação, prazer e orgulho em termos de quem recebe as ações, pode-se coligir que isso se apresenta também como uma realidade para quem oferece as ações.

Eu acho que o retorno do Instituto acaba sendo maior, não sei como, nem o porquê. Estou falando do Instituto “eu.”, porque eu me sinto muito bem em fazer isso. E eu acredito que toda a direção do Instituto, todo mundo que está envolvido, os meninos que trabalham comigo, todo mundo gosta muito de trabalhar com eles e eles são muito carinhosos. Então, acho que a gente ganha mais do que eles. Acho que o que a gente oferece é muito menor do que o que eles dão. Este projeto e estas atividades que a gente desenvolve, são tão prazerosos para a gente que acho que acaba sendo mais prazeroso para a gente que para eles. Para eles também, mas a gente curte tanto que nem percebe (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

Diante de todos os benefícios apresentados, questionou-se a reação dos idosos às atividades realizadas. Segundo esses atores entrevistados, a participação dos idosos é algo a ser destacado, pois estão sempre dispostos e prontos para realizar aquilo que lhes é proposto. É nesse contexto que se firma a vontade da organização

em oferecer mais projetos para esse público. De acordo com os entrevistados, se existe a demanda, eles têm que tentar atendê-la. Segundo a coordenadora do Projeto Qualidade de Vida, o intuito do Instituto Chica é manter as atividades já existentes e tentar, no momento, “buscar mais pessoas, principalmente para a dança, bate pau e teatro, que são atividades artísticas e que dão mais visibilidade para o Instituto e para a Industrial”. De acordo com presidente do Instituto, os idosos “merecem toda a atenção, todo o carinho. (...) São pessoas que têm uma bagagem de vida muito grande”.

Você marca às 9hs e eles chegam às 8hs. São muito participativos e tudo que a gente faz eles participam, acham bonito, querem repetir (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

A reação deles é a melhor possível, mesmo as que não aprendem informática ficam felizes. A reclamação deles é que é pouco tempo de aula (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

A continuação das ações voltadas para o público idoso, no discurso dos atores, veio atrelada aos benefícios que as atividades traziam para quem as oferecia, ou seja, sendo a principal mantenedora do Instituto Chica, a CIC também via uma série de retornos para a organização ao investir em programas de ações sociais como um todo, assim como para a terceira idade. Inicialmente, só o fato de se ter um Instituto para promoção de ações sociais em nome da Companhia Industrial Cataguases já abarca a ideia de Araujo (2006), Daineze (2004) e Matias (1999), em que a responsabilidade social empresarial deve ser um processo natural, que flui espontaneamente e em longo prazo, englobando valores e princípios éticos que devem passar a incorporar missão, cultura e mentalidade dos *stakeholders* e ser adotados em todos os relacionamentos e ações da organização. Nesse sentido, tem-se uma incorporação da conduta ética pela organização como um todo.

É um exemplo de conduta. É um exemplo assim, eu acho que a gente passa a ser admirado, eu acho que a gente passa a ser um exemplo mesmo de uma empresa ética, uma empresa que investe dinheiro naquilo, que investe dinheiro nesse tipo de ação social, então é conduta mesmo, é um fortalecimento da conduta que a Companhia sempre teve durante muitos anos e que hoje se reflete em ações como aquela lá (Gerente de Recursos Humanos da CIC).

Segundo Arantes *et al.* (2004), investir em ações sociais pode ser uma poderosa alternativa para fortalecer a imagem corporativa e tornar a empresa reconhecida tanto pela sociedade quanto por um mercado de atuação maior. Assim,

esses autores entenderam que, ao mesmo tempo que funcionários, famílias e comunidade são assistidos, a empresa tem sua imagem extremamente fortalecida perante esses públicos. Com isso, entre os outros aspectos positivos para a Companhia Industrial Cataguases, realizar ações de responsabilidade social, principalmente diante de um público como o da terceira idade que participa ativamente e gosta das atividades que realiza, foram citados: conhecimento da organização por pessoas e, ou, outras empresas que não a conhecem; alcance maior da imagem positiva da organização, ganho qualitativo da imagem empresarial perante a sociedade e o mercado consumidor; e disseminação de valores e crenças adotados pela organização para a sociedade.

Fora daqui o Instituto é conhecido. Às vezes a pessoa nem conhece a Industrial, através do Instituto conhece ou o contrário, através da Industrial ela conhece o Instituto. (...) Aí junto com o nome do Instituto, vai o nome da Industrial. (...) Quando eles vêm apresentar ou tem alguma atividade extra, eles trazem alguém e o que a gente prega aqui é saúde, qualidade de vida, bem estar; todos estes valores. Então, acho que eles levarem estes valores e trazerem pessoas para receber estes valores, já é benefício. (...) Eu acho que um ganho que é assim, um cartão de visitas para nós é ser uma empresa que tem um Instituto de responsabilidade social empresarial. (...) A imagem é um dos primeiros. Isso que eu estou te falando. É o orgulho, né? (...) A gente fala do Instituto com muito orgulho, porque uma empresa que tem essa filosofia, essa idéia de ter um Instituto de responsabilidade social empresarial, eu acho que é fantástica (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Em relação a um possível ganho de mercado consumidor diante dos investimentos sociais da CIC, segundo o presidente do Instituto, não é percebida relação direta. Em outras palavras, apesar de ele mencionar que existe fidelização de clientes por meio do ganho positivo da imagem empresarial, isso não garante que o mercado consumidor seja expandido. Assim, apesar de as pesquisas mostrarem que cada vez mais os consumidores estão atentos aos investimentos sociais corporativos (MOHR *et al.*, 2001; INSTITUTO ETHOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL, 2003; UYEHARA, 2004; VERSCHOOR, 2006; GARCIA *et al.*, 2009), pode-se inferir que essa característica pode estar mais ligada a bens comercializados diretamente entre empresa e consumidor. O tecido produzido pela CIC não é repassado diretamente para o consumidor final e, portanto, não há relação direta entre benefício de imagem empresarial e aumento de vendas do produto. Com isso, tem-se que levar em conta o que Garcia *et al.* (2009) apresentam quando retratam o consumo consciente, ou seja,

cabe ao consumidor final parte da responsabilidade de buscar informação acerca das práticas sociais das empresas para, assim, prestigiá-las.

Para ser sincero, aumentar o mercado, a venda de um metro de pano, não aumentou. Comercialmente, em termos de venda, não agregou nada, mas agregou fidelização, agregou à imagem. Esta empresa, aos olhos dos nossos clientes é uma empresa que tem que continuar no mercado, que tem que continuar ativa, que nós temos que comprar dela para ela crescer e para ela continuar porque é uma empresa que mantém uma estrutura social muito forte. (...) Então, é isso, comercialmente, agregou muito pouco, em termos de vender mais, mas, mais fidelização, carinho pela empresa, admiração (Presidente do Instituto Chica).

Uma análise das respostas demonstra que os entrevistados reconhecem a importância de se trabalhar em uma empresa comprometida socialmente, ressaltando que há ganho comum quando se investe nesses programas, e tanto a empresa quanto a sociedade ganham. Além disso, pode-se observar que, em se tratando de benefícios, estes alcançam maior destaque do que os custos que os investimentos em atividades sociais para idosos podem trazer. Segundo esses atores estratégicos, ao falarem sobre custos, entendem-se apenas o que é gasto financeiramente para manter os programas, enquanto ao tratar-se de benefícios englobou-se a melhor imagem para a empresa e qualidade de vida para quem ofereciam e para quem recebiam as ações.

O custo é mínimo. Mínimo porque a gente já tem a sala de informática, já tem os profissionais. Já tem a fundação básica para exercer as atividades e a gente trabalha com estagiários (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

Custo em relação a ginástica e ioga, hoje eles já não tem muito custo. Custo é em relação à energia elétrica, um ou outro evento que a gente for fazer e que o Instituto paga. Colchonete os alunos trazem, os bastões e os pesos já foram feitos há mais tempo. Tem coisas que não perdem, são reutilizadas. Em relação ao Bate Pau, dança e teatro, o custo que a gente tem é em relação aos figurinos. As roupas, quando tem apresentações, são feitas aqui, aí os tecidos são da industrial e as costureiras são daqui. É um custo bem baixo (Coordenadora do Programa Qualidade de Vida).

Para o Instituto, só despesas. O Instituto não ganha, muito pelo contrário, essa mensalidade que entra diminui as nossas despesas. Não zera nem nos dão retorno, também porque não queremos. Antigamente, volto a dizer, era tudo gratuito no Instituto. Depois deste choque de gestão que nós fizemos na empresa, a realidade no Instituto mudou muito. (...) Eu sempre busquei alternativas e uma delas, com este público, foi esta: Gente, em algumas atividades vocês vão ter que nos ajudar. Quem não puder, não vai sair. Não pode, não pode. Carinho no lidar com os problemas (Presidente do Instituto Chica).

3.3. Percepção dos atores estratégicos sobre a participação de homens e mulheres da terceira idade nas atividades oferecidas

Uma questão latente durante a visita às atividades voltadas para a terceira idade foi a grande presença das mulheres nas atividades físicas. Assim, questionados sobre a participação de homens e mulheres idosos nas atividades desenvolvidas para a terceira idade, os atores estratégicos, direta ou indiretamente, trouxeram para a entrevista a questão da geração em que nasceram e foram criadas as pessoas, que hoje estão na terceira idade.

Gozado isso, né? Não sei, acho que o homem tem um... não sei se a palavra certa seria vergonha ou resistência. Eles se sentem constrangidos: “eu sou homem, eu sou macho”. Até porque são de uma geração que o nossos pais eram muito mais machistas. O Brasil ainda é um país machista, eles então, você veja bem, mais ainda. Eu acho que este é o grande dificultador. Já tem alguns, né? Não tinha nenhum, agora que estão vindo uns meninos. Eu vou por esta linha, que é uma coisa cultural, de criação. Se o Brasil ainda é uma sociedade machista, você imagina isso a 50 anos atrás? (...) Tem esta coisa de achar que não é coisa de homem (Presidente do Instituto Chica).

O homem é mais machista, ainda mais na idade deles: “Ioga, o que é isso, o que eu vou fazer lá?”. O que é uma bobagem, mas na cabecinha deles, não é. (...) Por elas, é meio que uma maneira de se libertarem. Todas as que a gente conversa, falam que sempre ficaram junto com o marido, sempre ficaram trabalhando em casa, nunca saíram. Então, eu acho que é uma maneira delas, agora, se exporem um pouco e fiquem mais independente do marido (Coordenadora do Programa de Inclusão Digital).

Essas falas suscitam a discussão feita por Areosa (2004) de que há diferença na forma de se perceber o homem ou a mulher da terceira idade, pois as mulheres são mais longevas, com maior participação em atividades sociais e mais cuidados em relação à saúde e à aparência, enquanto os homens se apresentam menos ativos, desleixados e sofrem um processo de envelhecimento mais acelerado.

Além da questão geracional, os atores estratégicos ressaltaram a importância que os homens dão à sua saúde.

Você já viu uma propaganda que está passando agora, do governo, sobre a saúde do homem? Que os homens morrem mais cedo? Porque eles não preocupam com a saúde? Então, a mulher, ela tem na sua essência, eu acho que isso é do inconsciente coletivo, (...) ela tem na sua essência a questão da sensibilidade. A sensibilidade muito maior com relação ao seu bem estar, à sua qualidade de vida, à sua saúde, à preocupação com o outro. Não que os homens não tenham, mas eu acho que isso na mulher é mais latente, é mais forte (Gerente de Recursos Humanos da CIC).

Nesse enfoque, Areosa (2004) trouxe a questão da aposentadoria como uma das principais alterações na vida da terceira idade. Com isso, esse evento pode ser citado como uma das causas da visão de que o homem possui maior dificuldade de adaptação nesse período. A mulher que na primeira década do século XXI se encontrava na terceira idade provavelmente nasceu até o fim da década de 1940 e, nesse período e nos anteriores, a participação feminina em atividades fora do lar ainda era muito pequena. Nesse cenário, a parcela feminina da população encontrou-se preservada de muitas das doenças que acometiam homens trabalhadores, causando, assim, mortalidade maior da parcela masculina da população (AREOSA, 2004). Pode ser mencionado com esse fato também o processo de “feminização da velhice”, relatado por Motta (citado por DIAS, 2007), em que pelo menos 60% da população que envelhece é de mulheres.

Com relação às atividades preferidas pelos homens e mulheres idosos entrevistados, enquanto os homens preferiam jogar sinuca, baralho, informática e dançar em casal, a preferência das mulheres eram as atividades físicas e esportivas e o teatro.

Já no tocante à informática, uma vez que se percebeu maior participação de homens nessa atividade em relação às atividades físicas, a coordenadora do Projeto de Inclusão Digital ainda colocou que isso perpassa por uma questão geracional. Segundo ela, na época em que os idosos de hoje eram ativos economicamente, mexer com a tecnologia era atividade restritamente masculina, e isso fez com que hoje esses homens sejam mais interessados pelo digital do que as mulheres.

Segundo Herédia e Casara (2000 citados por AREOSA, 2004), na fase dos 60 anos ou mais as opções de lazer podem variar de acordo com a idade, o sexo, a situação socioeconômica e sociocultural, a forma física e com o ambiente onde se vive. Apesar disso, percebe-se que é uma tendência muito mais masculina a preferência por atividades como ver TV ou jogar, sabendo que as mulheres se dedicam mais a atividades ligadas à socialização. Nesse contexto, o envelhecimento do corpo como problemática voltada para o feminino, como é tratado por Mattos (*apud* STREY *et al.*, 2000), pode ser levado em consideração (AREOSA, 2004). O fato de querer encobrir os sinais do envelhecimento afeta muito mais as mulheres do que os homens, sendo essa visão uma possível imposição sociocultural (AREOSA, 2004) e, assim, mais uma questão que justifica o fato de as mulheres se preocuparem mais com atividades físicas, boa alimentação e sociabilização do que os homens.

4. CONCLUSÕES

Com os resultados apresentados, entende-se que a visão dos responsáveis pelo fornecimento das ações sociais é um argumento interessante e valioso para que as empresas continuem investindo ou comecem a investir em programas específicos para a terceira idade.

As entrevistas com os atores estratégicos confirmaram o interesse cada vez mais crescente dos setores privados em promover ações sociais. Mostram que esse pensamento vem sendo construído junto com as ações que vão sendo aprimoradas.

Criar e manter um espaço apropriado para o desenvolvimento de ações de responsabilidade empresarial, como é o caso do Instituto Chica, não é tarefa fácil. Apesar disso e dos muitos custos, das parcerias e da dedicação que o desenvolvimento dos projetos necessita, os ganhos demonstrados pelos atores estratégicos em relação à imagem da empresa, à melhoria da qualidade de vida da população atendida e ao bem-estar pessoal dos fomentadores das atividades são motivos para que os investimentos sociais continuem acontecendo e crescendo.

Destacando a importância que a Responsabilidade Social Empresarial exerce para a sustentabilidade da empresa no mercado, mesmo que isso não reflita diretamente nas vendas ou no ganho de mercado consumidor, é por meio da divulgação indireta dessas ações que a empresa fideliza seus clientes e se mantém ativa. Assim, os custos financeiros revertidos para os fins sociais acabam não sendo vistos como ônus no orçamento empresarial, mas, sim, como um novo tipo de investimento e benefício. Com os discursos dos atores estratégicos estudados,

verifica-se que o fato de existirem leis e certificações para que as empresas contribuam mais e melhor com causas sociais acaba sendo uma forma de fomentar projetos maiores e atender melhor determinada população. Assim, os benefícios mostraram-se mais enfatizados do que os custos.

Por tudo isso, conclui-se que investir em ações sociais voltadas para a terceira idade é um ganho para todos os envolvidos. Apesar disso, ainda é necessário buscar uma forma de atender à diferente demanda entre homens e mulheres para serem desenvolvidos novos e melhores projetos.

O envolvimento dos idosos em programas sociais é fundamental para minimizar as consequências do processo de envelhecimento, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e inclusão social de uma parcela da população ainda esquecida por tais ações. Além disso, contribui para a valorização social das pessoas envelhecidas, deixando cada vez mais distante a ideia de que envelhecer é perder prestígio e se tornar incapacitado para a vida.

Por fim, novos estudos podem buscar entender como investimentos em cultura e educação ao longo da vida influenciam ou interferem na forma de se perceber o processo de envelhecimento e suas consequências.

5. REFERÊNCIAS

ARANTES, E. C. *et al.* A responsabilidade social corporativa e suas influencias na percepção e na decisão de compra do consumidor. In: **Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades**. 3. ed., Peirópolis, SP, 2004. v. 3.

ARAUJO, M. R. M. de. Exclusão social e responsabilidade social empresarial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, 2006.

AREOSA, S. V. C. O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento?. **Textos & Contextos**, n. 3, dez. 2004.

BACELAR, R. **Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação**. 2. ed. rev. Recife. Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA. 2002.

BOUDON, A. Social S.A. **Conjuntura Econômica**. São Paulo, v. 56, n. 2, p. 31-5, fev. 2002.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

CAMPOBIANGO, C. R.; FARIAS, R. C. P. **A importância do vestuário na qualidade de vida do idoso**. In: Congresso Brasileiro, 17, e; Encontro Latino-Americano de Economia Doméstica, 5., 2003, Guarapari. **Anais...** Guarapari, ES: ABED, CFED e CRED, 2003.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES. Disponível em: <<http://www.cataguases.com.br/por/index.htm>>. Acesso em: 20 out. 2008.

DAINEZE, M. do A. Códigos de ética empresarial e as relações da organização com seus públicos. In: **Responsabilidade social das empresas: a contribuição das universidades**. 3. ed. Peirópolis, SP, 2004. v. 3, p. 75.

DIAS, I. G. **A institucionalização asilar na percepção do idoso e de sua família: o estudo do “Lar dos Velinhos”**. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

ETHOS – Instituto de Empresas e Responsabilidade Social. 2003. Disponível em: <http://www1.ethos.org.br/EthosWeb/pt/93/servicos_do_portal/perguntas_frequentes/perguntas_frequentes.aspx>. Acesso em: 23 ago. 2002.

ETHOS – Instituto de Empresas e Responsabilidade Social. **Ferramentas de gestão**. s. d. Disponível em: <<http://www.ethos.org.br>>. Acesso em: 9 out. 2003.

GARCIA, A. F. C.; POMPERMAYER, M. M.; FERREIRA, M. A. M.; TEIXEIRA, K. M. D. Investigação dos impactos da responsabilidade social sobre percepções de consumo e comportamento de compra. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, 3., 2009, Juazeiro, BA, e Petrolina, PE. **Gestão Social e Políticas Públicas de Desenvolvimento: ações, articulações e agenda. Resumos...** Petrolina, PE: Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2009. v. 1, p. 1-15.

GONÇALVES, E. L. **Balço social da empresa na América Latina**. São Paulo: Pioneira, 1980.

INSTITUTO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO. Disponível em: <<http://www.chica.org.br/institucional/missao/conheca/conheca.htm>>. Acesso em: 20 out. 2008.

IOSCHPE, E. **3º setor – desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.

LIMA, A. M. M. de; SILVA, H. S. da; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 27, dez. 2008 .

MACEDO, L. C.; AVERSA, M. B.; PEREIRA, R. M.; GALBETTI, R. **Responsabilidade social nas empresas londrinenses**. Disponível em: <<http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/projetosdepesquisa/0119.htm>>. Acesso em: 9 out. 2003.

MATIAS, A. J. A responsabilidade das empresas. **A Gazeta Mercantil**, Seção: Opinião, p. A – 2. São Paulo: Gazeta Mercantil, set. 1999.

MOHR, L. A.; WEBB, D. J.; HARRIS, K. E. Do Consumers expect companies to be socially responsible? The impact of corporate social responsibility on buying behavior. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 35, n. 1, 2001.

OLIVEIRA, F. M. Estratégias de responsabilidade social corporativa: um estudo sobre os 231 casos concretos do Instituto Ethos. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**. v. 5, n. 1, maio 2006.

RAMOS, Marília. Os sintomas depressivos e as relações sociais na terceira idade. **Revista do Departamento de Psicologia, UFF**, Niterói, v. 19, n. 2, dez. 2007.

SALGADO, M. A. Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. In: **A terceira idade: estudos sobre envelhecimento**. Políticas publicas para a habitação do idoso. São Paulo: SESC, Jun. 2007. v. 18, n. 39, p. 1-96.

SAUERBRONN, F. F.; SAUERBRONN, J. F. R.; PAULA, J. Uma discussão acerca dos fundos de investimento éticos à luz da literatura de responsabilidade social empresarial – Considerações e proposta de agenda de pesquisas. **Perspectivas Contemporâneas**, Campo Mourão, v. 4, n. 1, p. 52-80, jan./jun. 2009.

TEIXEIRA, K. M. D.; POMPERMAYER, M. M. Família, responsabilidade social e cidadania. In: Damiano Teixeira, K. M.; GOUVEIA, P. (Eds.). **Tudo em família: textos, temáticas e discussões**. Ed. UFV. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2008.

UYEHARA, A. M. G. **Responsabilidade social e envelhecimento**: o que as empresas tem a ver com isso? Concurso Talentos da Maturidade – Banco Real. São Paulo, 2004.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2004.

VERSCHOOR, C. C. Consumers consider the importance of corporate social responsibility. **Strategic Finance**, august. 2006.

**ARTIGO 3 – PERFIL DA TERCEIRA IDADE PARTICIPANTE DOS
PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL
PROMOVIDOS PELO INSTITUTO CHICA E A PERCEPÇÃO SOBRE
ENVELHECIMENTO – CATAGUASES, MG**

RESUMO

Este trabalho pretendeu caracterizar socioeconomicamente os idosos atendidos pelos programas de responsabilidade social empresarial do Instituto Francisca de Souza Peixoto, em Cataguases, MG, e analisar a percepção desses idosos sobre o processo de envelhecimento. A amostra compreendeu 33 idosos, e a coleta de dados foi realizada utilizando-se questionário e entrevista fundamentados em roteiros semiestruturados. A análise dos dados foi realizada por meio da análise descritiva univariada, utilizando-se o SPSS – Versão 15.0, e da análise das falas dos entrevistados. Os resultados indicaram que os idosos perceberam o envelhecimento como processo natural, com aspectos positivos e negativos. Além disso, muitos diziam não se sentirem velhos por não vivenciarem o comprometimento físico e mental próprio da idade. Assim, a percepção de serem idosos, desatrelada da ideia de serem velhos, proporcionava satisfação com a qualidade de vida e trazia perspectivas de maior bem-estar no futuro.

Palavras-chave: Terceira idade. Envelhecimento. Responsabilidade social empresarial.

ABSTRACT

This paper had as aim to characterize socio-economically the elderly attended by the program of corporate social responsibility from the Francisca de Souza Peixoto Institute, located in the city of Cataguases – State of Minas Gerais, Brazil, and to analyze the perception of these elderly people regarding the aging process. The sample consisted of 33 elderly people and the data collection was done using a survey and an interview based in semi-structured scripts. The data evaluation was done through uni-varied analysis, using the software SPSS – Version 15.0, and the analysis of speech from the interviewees. The results have shown that the elderly had perceived aging as a natural process, with positive as well as negative aspects. Furthermore, many of them did not feel old since they did not feel physical or mental illness which comes with the age. Thus, the perception of being old, released from the Idea of being old, provided satisfaction with the life quality and brought better perspectives of well being in the future.

Keywords: Seniors. Aging. Corporate social responsibility.

1. INTRODUÇÃO

Desde os anos de 1940, o segmento das pessoas com 65 anos de idade, ou mais, é o que apresenta maior taxa de crescimento populacional, evidenciando o número expressivo de pessoas com 80 anos ou mais (CAMARANO *et al.*, 1999). Destarte, o Brasil deixar de ser um país predominantemente de jovens para se tornar um país de população envelhecida (DIAS, 2007). Pode-se dizer que, juntamente com esse processo, serão vivenciadas consequências diversas sobre os domínios da vida individual e coletiva.

Destaca-se que existe diferenciação entre a longevidade vivenciada pela população feminina e pela masculina, sendo a predominância da população idosa feminina um fenômeno mundial, maior em países desenvolvidos (NERI, 2007). Enquanto o homem ao atingir seus 65 anos pode esperar viver mais cerca de 13 anos, a mulher tem a expectativa de viver mais 17 anos (CAMARANO *et al.*, 1999).

Esse contexto sugere olhares especiais para as demandas por políticas públicas e sociais que entendam, principalmente, que os idosos¹⁴ da atualidade, em sua maioria, têm um perfil que, com certeza, será diferente dos que vivenciarem esse processo daqui a alguns anos (VERAS; CALDAS, 2004; CAMARANO *et al.*, 1999).

Com isso, entende-se como necessário traçar um perfil dos idosos frequentadores de programas de responsabilidade social de uma empresa (RSE)¹⁵,

¹⁴ Apesar da existência de discussões sobre o diferente significado entre idosos e terceira idade, este estudo adota os dois termos como sinônimos, significando toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003).

¹⁵ Por RSE entende-se: "... o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela" (CARDOSO; ASHLEY, 2002, p. 7).

entendendo que este pode vir a ser um meio para que mais investimentos sejam realizados em atividades especificamente direcionados para esse público. Além disso, conhecer as peculiaridades do público-alvo, assim como a visão que este tem sobre o processo de envelhecimento, é fundamental para que as instituições melhorem as ações já realizadas e, por conseguinte, a qualidade de vida do público idoso.

Coloca-se que os idosos perceberão seu processo de envelhecimento de maneira mais positiva quando se sentirem cuidados e amparados por programas/ações direcionados às suas necessidades, independentemente de suas características pessoais, familiares, sociais e culturais.

Portanto, como objetivo principal, neste trabalho a pretensão foi caracterizar socioeconomicamente os idosos atendidos pelos programas de RSE do Instituto Francisca de Souza Peixoto, em Cataguases, MG, caracterizando a percepção desses atores sobre o processo de envelhecimento pelo qual estão passando.

2. METODOLOGIA

2.1. Local de estudo

Este estudo foi desenvolvido no Instituto Francisca de Souza Peixoto (Instituto Chica), localizado na cidade de Cataguases, MG.

O Instituto Chica, fundado em 1999, responde pela política social da Companhia Industrial Cataguases (CIC), indústria mundialmente conhecida pela produção de tecidos de algodão. Esse Instituto é um espaço destinado a pessoas da comunidade como um todo, e no ano de realização da pesquisa, 2009, era responsável pelo desenvolvimento de aproximadamente 28 projetos socioambientais que atendiam mais de 40 mil pessoas (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, s. d.).

2.2. População e amostra

A população deste estudo remeteu-se aos 99 idosos frequentadores das atividades desenvolvidas no Instituto Chica.

A amostra, por sua vez, foi composta por 33 idosos, 28 mulheres e 5 homens com 60 anos ou mais, participantes das atividades oferecidas, sendo uma amostra intencional definida a partir da disponibilidade que esses idosos tiveram para participar da pesquisa durante o período de coleta de dados.

2.3. Forma de coleta de dados

Após um primeiro contato com os responsáveis pelo Instituto Francisca de Souza Peixoto e pelo interesse desses para com a realização da pesquisa, foram coletados, por meio da correspondência eletrônica com as coordenadoras das

atividades desenvolvidas, os dados cadastrais de todos os idosos participantes das atividades do Instituto.

Posteriormente, entre os dias 19 e 24 de outubro de 2009 a primeira visita ao Instituto Chica foi realizada com o intuito de conhecer as atividades desenvolvidas para o público da terceira idade e os idosos participantes dessas atividades; apresentar a pesquisa para os idosos e fazer um cadastro daqueles interessados em participar dessa enquete.

O cadastro dos idosos que comporiam a amostra do trabalho ocorreu por meio de um questionário semiestruturado que continha questões sobre aspectos socioeconômicos (vide anexos).

Por fim, entre os dias 8 e 15 de novembro de 2009 aconteceram as entrevistas com os 33 idosos cadastrados, no intuito de entender qual a percepção deles sobre o processo de envelhecimento pelo qual estão passando. As entrevistas duraram, em média, 45min. As falas foram transcritas e os dados, categorizados tematicamente.

2.4. Forma de Análise dos dados

Foi realizada uma análise descritiva dos dados quantitativos utilizando-se o software estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) – Versão 15.0. Esses dados foram analisados de acordo com algumas variáveis, como: (1) idade, (2) sexo, (3) escolaridade, (4) estado civil, (5) número de filhos, (6) renda média mensal e (7) profissão.

A análise das entrevistas baseou-se em uma análise das falas buscando-se identificar o que era dito a respeito das categorias/temas/assuntos seguintes: (1) com quem mora, (2) o envelhecer, (3) aspectos biológicos e fisiológicos, (4) aspectos psicológicos, (5) perspectivas de vida, (6) autoimagem e (7) sexualidade.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de alcançar o objetivo inicialmente proposto, esta sessão está dividida em dois tópicos, a saber: perfil dos idosos frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto; e percepção dos idosos frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto sobre o processo de envelhecimento.

3.1. Perfil dos idosos frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto

De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Francisca de Souza Peixoto, em 2009 estavam cadastradas 99 pessoas com 60 anos ou mais, que participavam das atividades ali desenvolvidas. Desses idosos, 88 (88,9%) eram mulheres e 11 (11,1%) homens.

Das atividades desenvolvidas pelo Instituto Chica, as seguintes eram direcionadas ao público da terceira idade: dança, ginástica, ioga, teatro, bate-pau e informática. Além dessas atividades, pessoas com 60 anos de idade ou mais faziam parte do projeto “Velha a Fiar” em que materiais têxteis eram reaproveitados e transformados em peças artesanais e de vestuário, com finalidade de venda. Apesar de essas atividades serem voltadas para a população idosa, não eram frequentadas apenas por elas, contando com aproximadamente 135 pessoas frequentadoras, em que a mais nova tinha 18 e a mais velha, 85 anos de idade.

Em relação à população idosa do Instituto Chica, pode-se verificar que, enquanto as mulheres se concentravam em atividades como ginástica, ioga e dança, os homens estavam mais concentrados em atividades como informática e ginástica. Ainda, do total de idosos cadastrados, a maioria (84,4%) participava de apenas uma

atividade no Instituto, e entre as mulheres observou-se que maior número participava de mais de uma atividade, sete mulheres em relação a dois homens. Em relação à idade dos participantes, enquanto a maioria dos homens tinha entre 60 e 69 anos, as mulheres tinham entre 64 e 74 anos de idade.

Da população apresentada, um perfil detalhado de 33 idosos será discutido, sendo entrevistados participantes de todas as atividades direcionadas à terceira idade. No Quadro 1, apresenta-se uma descrição da amostra de idosos estudados em relação à especificação das atividades realizadas e ao sexo. Isso permite identificar quantos idosos foram entrevistados participantes de cada atividade.

Quadro 1 - Participação dos idosos entrevistados nas atividades do Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009

Nº de atividades de que participava	Descrição das atividades	Nº de entrevistados/ atividade	Sexo dos entrevistados/ atividade	Nº de idosos entrevistados
1	Ginástica	5	5 mulheres	23
	Ioga	9	8 mulheres 1 homem	
	Dança	2	1 mulher 1 homem	
	Informática	3	2 mulheres 1 homem	
	Costura	4	4 mulheres	
2	Ginástica e Dança	1	1 mulher	2
	Dança e Teatro	1	1 mulher	
3	Ginástica, Ioga e Bate-Pau	1	1 homem	4
	Ginástica, Informática e Bate-Pau	1	1 homem	
	Dança, Teatro e Bate-Pau	1	2 mulheres	
4	Ginástica, Dança, Teatro e Bate-Pau	4	4 mulheres	4

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à caracterização dos entrevistados, além da relação com as atividades das quais participavam no Instituto Chica, analisam-se: idade, sexo, escolaridade, estado civil, número de filhos, com quem reside, renda média mensal e profissão.

Dos 33 idosos entrevistados, 28 eram mulheres e cinco homens, com a idade média de 69 anos ($\sigma = 5,77$ anos), idade mínima de 60 anos e idade máxima de 85 anos. Detalhadamente, entre as mulheres, a idade média encontrada foi de 69,49 anos ($\sigma = 5,71$ anos) e mínimo e máximo de 60 e 85 anos respectivamente, enquanto para os homens foi encontrada uma idade média de 66,6 anos ($\sigma = 6,14$ anos) com idade mínima de 60 anos e máxima de 70 anos. Percebeu-se que a idade média das mulheres é quase três anos acima da apresentada pelos homens, dado que reforça outras pesquisas que comprovam ser a expectativa de vida feminina mais alta que a masculina (NERI, 2007; CAMARANO *et al.*, 1999).

De acordo com Neri (2007), acompanhando o envelhecimento populacional que está em curso em todo o mundo, manifesta-se a feminização da velhice como transição de gênero. Assim, os padrões de gênero que vêm afetar o grau com que homens e mulheres estão expostos no processo de envelhecimento dependem de cada sociedade. No Brasil, as mulheres demarcam maioria entre as pessoas com mais de 60 anos, apresentando a razão de 62 homens para cada 100 mulheres (NERI, 2007).

Relacionando o sexo com as atividades das quais os idosos pesquisados participavam no Instituto Chica, pôde-se observar que 71,42% das mulheres e 60% dos homens se dedicavam à prática de apenas uma atividade, e as mulheres concentravam-se mais em atividades como a dança e a costura, enquanto os homens, na informática e na ginástica. Destaca-se que a grande identificação das pessoas idosas, principalmente mulheres, com a atividade da ioga, pode ser dada pelo fato de a professora possuir, na época da pesquisa, 70 anos de idade; fato esse que pode caracterizar empatia entre alunos e professor e, conseqüentemente, fazer com que idosos busquem a ioga.

Em relação ao estado civil dos pesquisados, 13 (39,4%) idosos eram casados, 14 (42,42%) viúvos, 4 (12,12%) separados e 2 (6,06%) divorciados. Entre os viúvos, separados e divorciados em 2009, 2 possuíam namorado(a) e 7, um(a) companheiro(a). Assim, a situação conjugal, em 2009, dos idosos pesquisados era:

39,4% casados, 24,2% viúvos, 6,1% namorando, 21,2% com companheiro(a), 6,1% separados e 3% divorciados (Figura 1).

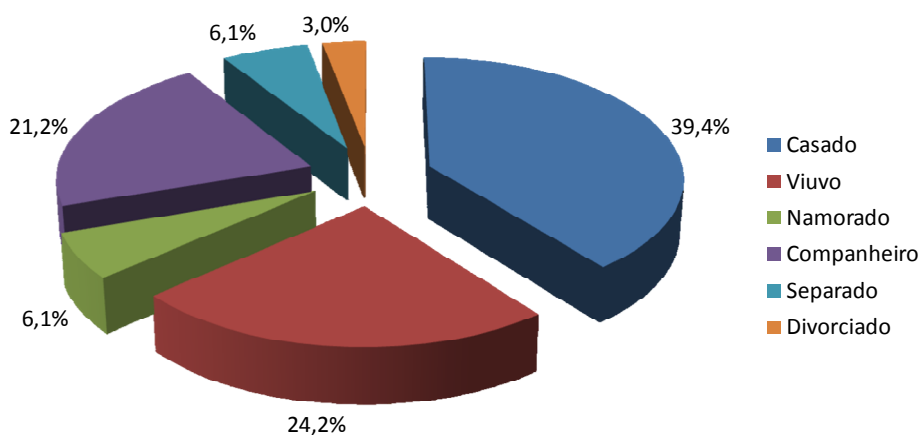


Figura 1 - Estado civil dos idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao estado civil e ao sexo, dos homens idosos pesquisados 60% eram casados e os outros 40% possuíam companheira, enquanto 60,71% das mulheres eram casadas ou com companheiros/namorados e 39,28% delas eram viúvas, separadas ou divorciadas.

Vale ser destacado que, entre os participantes, foram entrevistados três casais. Entre esses, apenas um era formalizado, referindo-se ao primeiro casamento do homem e da mulher. Nos outros dois casos, os casais eram reconstituídos por uma união informal, em outras palavras, um dos casais era formado por um senhor separado e uma senhora viúva, enquanto o outro era formado por pessoas separadas.

De acordo com os dados apresentados por Camarano *et al.* (1999), mais da metade das mulheres idosas pesquisadas pela PNAD de 1995¹⁶ eram viúvas, enquanto mais de $\frac{3}{4}$ dos homens se encontravam em uma união conjugal. Segundo essa autora, isso se deve a dois motivos: um é a longevidade apresentada pelas mulheres, e outro é a construção social de os homens brasileiros se casarem, geralmente, com mulheres mais jovens do que eles. Além disso, o recasamento é uma realidade mais vivenciada pelos homens viúvos do que pelas mulheres viúvas.

No que diz respeito ao número de filhos, encontrou-se uma média de três filhos ($\sigma = 2,29$ filhos) por idoso, destacando 27,3% dos pesquisados que possuíam

¹⁶ Única PNAD que levantou informações sobre o estado conjugal.

dois filhos e outros 27,3%, três filhos. É válido destacar que 24,2% dos idosos possuíam mais de cinco filhos, e 6,1% possuíam nove filhos (Figura 2).

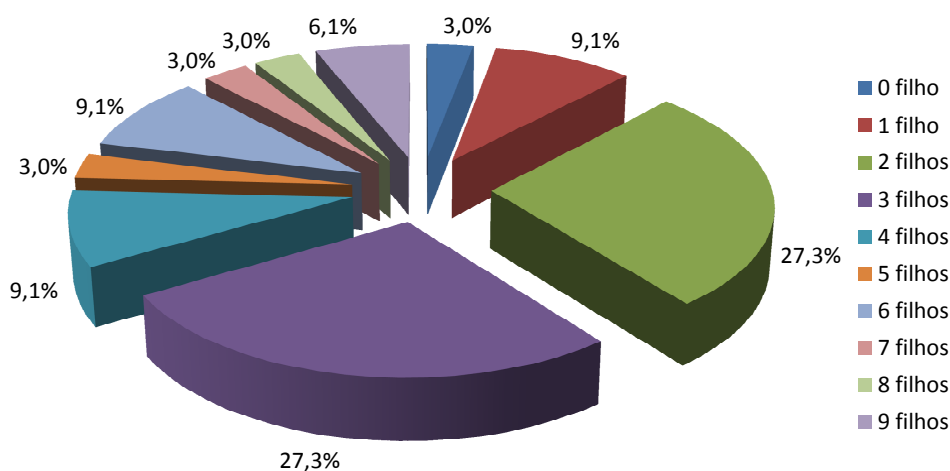


Figura 2 - Número de filhos dos idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à identificação de com quem os idosos dividiam a moradia, pode-se relatar que 36,4% moravam com marido/esposa/companheiro; 18,2%, sozinhos; 18,2%, com marido/esposa/companheiro e filhos; 9,1%, com filhos; 6,1%, com filhos e netos; 6,1%, com filhos, nora/genro e netos; 3%, com marido/esposa/companheiro, filhos e netos; e 3%, com marido/esposa/companheiro e mãe. Segundo Camarano *et al.* (1999), entre as famílias com idosos é expressiva a proporção de casais sem filhos ou de pessoas vivendo sozinhas. Para essas autoras, essa situação pode ser explicada pelo estágio do ciclo de vida em que as famílias com/de idosos se encontram. Ou seja, geralmente, os idosos já não vivem mais com seus filhos ou, devido à sobremortalidade dos homens, as mulheres idosas moravam sozinhas com seus filhos.

Em relação à moradia, 90,9% dos idosos possuíam casa própria, enquanto 9,1% pagavam aluguel.

Ao que se refere à escolaridade dos pesquisados, 60,6% (20 idosos) estudaram até o quarto ano do ensino fundamental e 12,1% (4 idosos) cursaram apenas o fundamental, enquanto 3% (1 idoso) tinham o ensino superior completo e outros 3% cursaram pós-graduação, o que pode ser verificado na Figura 3. Dois idosos, 6,06% da amostra não quiseram informar a escolaridade.

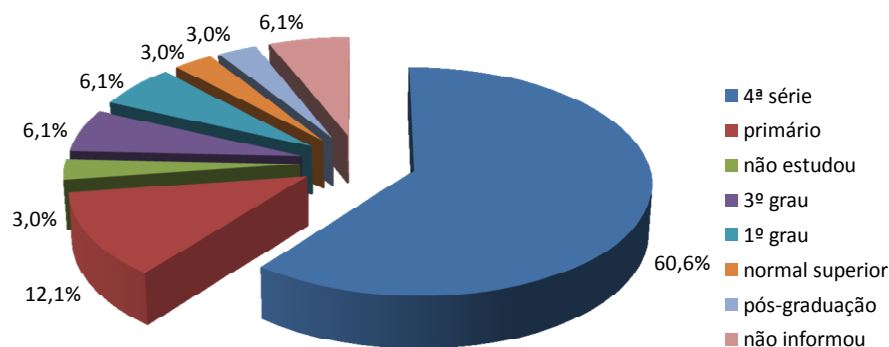


Figura 3 - Escolaridade dos idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.

Buscando a relação entre escolaridade e o sexo dos pesquisados, verificou-se que aqueles que possuíam 1º grau, 3º grau, pós-graduação e normal superior, totalizando 18,18% do total de pesquisados, 66,66% eram mulheres e 33,33%, homens. Ainda pode-se destacar que 100% desses homens tinham o ensino superior completo. Dados demonstram que, quando se trata de escolaridade em relação à população idosa, a população masculina é consistentemente mais alfabetizada que a feminina. Nesse mesmo sentido, quanto mais jovem a população, mais alfabetizada ela também se apresentava. Apesar de a realidade brasileira demonstrar ganhos expressivos em relação à proporção da população idosa instruída, ela ainda é muito baixa (CAMARANO *et al.*, 1999). Além disso, a diferença de escolaridade entre os sexos pode estar relacionada à discriminação de gênero havida nas oportunidades educacionais vivenciadas pelos idosos em geral, não apenas entre os objetos desta pesquisa.

Em relação à renda média mensal que os idosos possuíam, 33,3% deles recebiam cerca de um salário mínimo, ou seja, R\$465,00, valor do salário mínimo vigente na época da realização da pesquisa. Ainda, 15,2% recebiam cerca de dois salários mínimos e 12,1%, mais de três salários mínimos. Três idosos (9,09%) não quiseram informar a renda mensal.

De acordo com os dados dos entrevistados que não informaram a renda, dois eram homens, cujas profissões dos homens eram militar e motorista, e uma mulher que, apesar de ser “do lar”, informou que o marido era militar e preferia, assim, não informar sua renda mensal.

Eu falei que isso aí eu só respondo para a Receita Federal e olhe lá! Dá para viver bem, embora nos últimos anos eu recebo da União, eu fui militar, e esses últimos governos têm marcação com militar. As Forças Armadas estão sucateadas. Mas em matéria de salário, nós perdemos muito. Mas, ainda dá pra viver bem (Senhor L., militar, 70 anos).

Olha, eu não gosto de falar muito nessas coisas não, porque eu tenho medo do imposto de renda, né? Então eu fico mudo, tem que ficar. Aposentadoria eu não posso porque eles tão sabendo, mas outros meios, como às vezes eu faço alguma viagem com algum granfino, eu tiro mais um “café” (Senhor LN., motorista, 73 anos).

Sobre a questão da profissão exercida, dos cinco homens pesquisados, 2 (40%) eram motoristas, 1(20%) militar, 1(20%) garçom e 1 (20%) não quis mencionar sua profissão. Entre as 28 mulheres, as maiores porcentagens apareceram para as profissões de “do lar” (46,42%), operárias de indústria têxtil (14,28%) e enfermagem/auxiliar de enfermagem (14,28%). Sete idosas ainda exerciam atividade remunerada, mas que não correspondiam às atividades remuneradas de outrora. Daquelas, quatro (57,14%) eram costureiras no projeto “Velha a Fiar” desenvolvido pelo Instituto Chica, 2 (28,57%) eram cuidadoras de idosos e uma (14,28%) fazia salgados para festas.

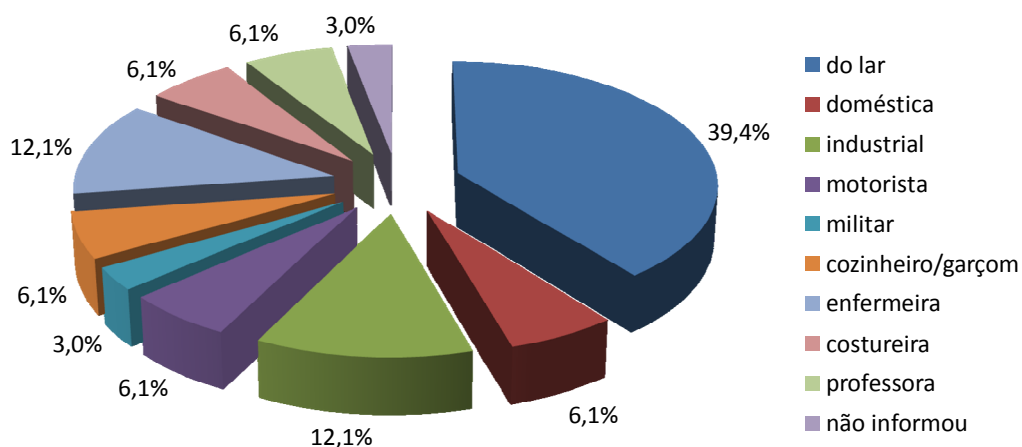


Figura 4 - Profissão outrora exercida pelos idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.

Relacionando a renda média familiar mensal, sexo e as profissões exercidas outrora, pode-se inferir que a maior parte das mulheres “do lar” era das que recebiam cerca de um salário mínimo, uma vez que eram, também, aposentadas ou pensionistas.

Vale destacar que, da amostra pesquisada, 81,8% dos idosos encontravam-se aposentados e o restante (15,2%) não. Entre os não aposentados, todos eram mulheres, e, dessas, 50% eram pensionistas e 66,6% sempre exerceram a profissão “do lar”.

Segundo Camarano *et al.* (1999), é fato que, de acordo com a idade, os rendimentos da população idosa decrescem e a renda provinda de aposentadoria, tanto para homens quanto para as mulheres, é crescente. Ainda, afirmaram que a aposentadoria para as mulheres desempenha papel muito mais importante do que para os homens. Para Neri *et al.* (2007), no Brasil há mais homens aposentados do que mulheres, embora existam mais mulheres pensionistas. Tudo isso faz sentido porque, tradicionalmente, os homens ingressavam no mercado de trabalho em maior número do que as mulheres, adquirindo, assim, direito à aposentadoria. As mulheres, por sua vez, dedicavam-se ao trabalho doméstico onde, até então, não havia esse direito.

3.2. Percepção dos idosos frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto sobre o processo de envelhecimento

Após o conhecimento do perfil dos idosos que frequentavam as atividades para a terceira idade desenvolvidas pelo Instituto Chica, considerou-se interesse entender a percepção deles sobre o processo de envelhecimento, assim como as características mais latentes nesse contexto.

Para Ballone (2002 *apud* TRIBESS, 2006), a percepção do envelhecimento pode ser tida como manifestação subjetiva, em níveis somático e funcional, de alterações que vão sendo sofridas ao longo dos anos.

De início, forte foi a associação e o distanciamento entre os termos *idoso* e *velho* propostos pelos idosos pesquisados, ou seja, embora durante as entrevistas esses termos fossem usados pelos pesquisados para designar as mesmas coisas, quando questionados sobre a ideia de serem idosos, eles diferenciavam e separavam os dois conceitos. Assim, o distanciamento entre o *ser idoso* e *ser velho* pode ser identificado no sentido de o primeiro estar mais relacionado a uma questão cronológica e física, enquanto o segundo, a uma questão de ideologia. Vale destacar que o *ser velho* ganha sempre conotação mais depreciativa do que o *ser idoso*. Nesse sentido, sentir-se velho vem acompanhado das falas referente às mudanças negativas que a idade trouxe.

Eu me acho idosa. Acho que depois dos 60 anos tem que passar como idosa (Senhora AS, 60 anos de idade).

Eu me considero uma pessoa idosa porque já tenho 69 anos. Sentir velha, assim, não. Falar assim, “ah, eu já estou velha, não estou valendo nada”, eu não me sinto assim não (Senhora EV, 69 anos de idade).

Outros, ainda, apesar da idade, não se consideravam idosos, uma vez que não sentiam as consequências que o processo de envelhecimento pode causar, como falta de motivação e interesse em realizar as atividades do dia a dia, entre outros. Assim, ser idoso era entendido e associado não à idade, mas a como o processo de envelhecimento era vivenciado.

Ainda não. Graças a Deus não, porque idosa é uma pessoa parada, com uma bengala na mão. A minha velhice ainda não chegou, eu não cheguei naquela fase, ai que dor, que dor aqui, que dor ali, enquanto eu não chegar nesta, eu não me considero velha não (Senhora AG, 73 anos de idade).

Idoso? Não, porque, inclusive, é o que eu falo pra minha senhora atual, a cabeça e o cérebro comandam o corpo. Então, eu falo pra ela, eu não me considero idoso, eu estou na terceira idade, não podemos negar. Mas, eu sou assim, vamos dizer, atuante né?! (Senhor LN, 63 anos de idade).

Ainda em relação ao sentir-se idoso ou velho, dois entrevistados relataram que se sentiam, realmente, idosos e velhos. Porém, foi ressaltado que o *sentir-se velho* não era decorrente da idade e, sim, do estado emocional/psicológico.

Sinto porque a minha cabeça já é bem mais velha que meu corpo. Sempre senti isto, desde nova (Senhora ML, 66 anos de idade).

Ficou evidente que sempre existe uma retomada ou uma comparação com a vida enquanto eram mais jovens, mesmo ao referir-se a pouco tempo atrás. Assim, os idosos entrevistados percebiam o envelhecimento a partir da comparação entre o que é *ser velho* e o que é *ser novo*.

Gosto de ser como eu sou. Compreendo que estou ficando uma pessoa de idade e que não sou aquela mocinha mais, novinha. Eu aceito (Senhora AS, 60 anos de idade).

Eu não, minha filha! Eu acho que o que eu faço, muita menina de vinte anos não consegue. Então eu acho que idade eu tenho, mas eu não uso a minha idade (Senhora DN, 70 anos de idade).

Assim, fisicamente eu já estou em decadência, não sou mais aquela pessoa que eu fui a três, quatro anos atrás. Então, até oitenta anos foi maravilhoso. Agora eu já to sentindo, eu já fico mais desanimada, entendeu?! Mas, dou conta das minhas coisas, tudo que eu pego pra fazer eu dou conta! Tudo que eu pego pra fazer eu faço! (Senhora RC, 85 anos de idade).

Em relação à idade cronológica, os entrevistados consideraram que não existe idade determinada para que o indivíduo se sinta velho. Apesar disso, alguns entrevistados destacaram que a idade é fator que pode ser determinante de uma pessoa idosa. Todos os idosos entrevistados demonstraram satisfação com a idade que possuíam e, quando essa satisfação aparecia abalada, utilizavam a fé nos propósitos divinos para relatarem que envelhecer é característica eminente de todo ser humano.

Com isso, embora haja determinação social da velhice pela idade cronológica, entende-se que apenas a idade ou fatores biológicos não devam ser os únicos fatores determinantes desse processo (CAMARANO *et al.*, 1999; DEBERT 2004; ALCÂNTARA, 2004; LINS DE BARROS, 2004). Assim, a percepção dos pesquisados está mais voltada para a forma como pensam a velhice, pois, como afirmaram Bacha e Strehlau (2008), o pensamento tem mais a ver com sua qualidade de vida e longevidade do que a idade cronológica, podendo-se ter uma “idade sentida” e outra “idade aparente”.

Por fora eu me sinto (idosa), mas, por dentro, eu me sinto uma criança! (Senhora I, 66 anos de idade).

Eu acho que tenho 15, 16 anos. Minha mente é ocupada, penso só para frente (Senhora R, 76 anos de idade).

Considero minha idade avançada, mas aqui dentro é muito jovem. Até na minha maneira de vestir, eu odeio vestir roupa que me envelhece. Gosto de coisa moderninha (Senhora Z, 76 anos de idade).

De acordo com Areosa (2004), a velhice nunca acontece de uma vez, em sua totalidade, havendo sempre partes do corpo que se mantêm mais jovens ou sadias que outras.

Em termos históricos, é sabido que a primeira ideia atrelada ao envelhecimento, uma vez que este processo traz, de fato, mudanças biológicas inquestionáveis, é a imagem do que seria uma fase indesejável da vida humana

(BACELAR, 2002; PEIXOTO, 2003; VERAS; CALDAS, 2004; AREOSA, 2004). Nesse sentido, a ideia de “situação indesejada” foi relatada apenas por uma idosa, e nos demais pesquisados pôde ser encontrada, indiretamente, quando se analisou o envelhecimento associado a situações de perda da saúde, força, capacidade para o trabalho, capacidade para o exercício de determinadas atividades, desenvolvimento do raciocínio, entre outros. Com isso, ficou evidente que os entrevistados entendiam que, juntamente com a velhice, existe a diminuição de certas condições e, entre elas, da saúde.

É muito difícil envelhecer, é a doença mais incurável que tem. Preferia antes, mas não quero morrer também. Aproveita o tempo de vocês porque a velhice é triste (Senhora DN, 70 anos de idade).

As mudanças são assim, uma dor no joelho, dor na perna, no pé. Você vê que isso é a idade. Você não se sente velho, mas aquilo chega e não pede para entrar (Senhora Z, 76 anos de idade).

Sei lá, a gente parece que vai aparecendo, assim, alguma coisa na vida da gente. Vai aparecendo um problema, uma doença, uma coisa assim. Porque olha, eu não tinha pressão alta, depois disso eu peguei pressão alta. O corpo anda assim, mais cansado. Eu to sentindo agora (Senhora TS, 74 anos de idade).

Mas, a gente não pede pra adoecer. Deus que sabe que a gente merece e se ele achar que tenho que passar por isso, vamos passando (Senhora ME, 69 anos de idade).

De modo geral, segundo Garcia *et al.* (2005), aos 75 anos, indivíduos idosos possuem, em média, seis doenças coexistentes, e as mais comuns são: hipertensão, diabetes, artroses, afecções respiratórias, acidentes vasculares, insônia, cardiopatias diversas, infecções urinárias, deficiências visuais, entre outras. Neste trabalho, as doenças mais relatadas estavam ligadas às disfunções da visão (vista cansada, catarata e glaucoma); problemas nos ossos e nas juntas (dores de coluna, bico de papagaio, osteoporose); pressão alta; e problemas com a glicose. Além desses, foram relatados surdez, colesterol alto, labirintite, problemas hormonais e de estômago, Parkinson e câncer de próstata.

No contexto da ocorrência das doenças durante o processo de envelhecimento, foi mencionada a diferente forma como homens e mulheres se cuidam. Assim, para os entrevistados as mulheres eram mais cuidadosas em relação à saúde enquanto os homens foram colocados como aqueles que não se preocupavam com a saúde e prática de exercícios. Ainda, em relação à percepção diferenciada do

envelhecimento entre homens e mulheres, os entrevistados relataram que elas sentiam-se mais a vontade para buscar atividades como aquelas oferecidas pelo Instituto Chica, enquanto eles, uma vez mais acanhados e comodistas, preferiam atividades como baralho e sinuca. Essas características das mulheres e dos homens também foram ressaltadas por Areosa (2004), que considerou que, na velhice, “as questões de gênero estão fortemente imbricadas”.

Você já deve ter ouvido na televisão que as mulheres vivem 7 anos a mais que os homens, porque as mulheres se cuidam mais. Os homens não se cuidam. Eu mesmo, só fui no médico para ver a próstata porque ela mandou. Ainda bem, porque foi na hora certa (Senhor JR, 60 anos de idade).

Os homens são mais acomodados, não se preocupam com médico. Homem é assim: não sinto nada, não vou no médico (Senhora AS, 60 anos de idade).

Homens não procuram se cuidar. Porque você acha que tem mais mulher nesse mundo? Os homens tão morrendo muito cedo, não se cuidam. Eu falo para eles fazerem um exercício, uma ginástica (Senhora Z, 76 anos de idade).

Depende de pessoa para pessoa, os homens são mais tímidos e por causa desta razão eles perdem muitas coisas (Senhora RC, 85 anos de idade).

Sinceramente, os homens não perceberam o bem que faz a educação física. Um pouco eu acho que é vergonha. Acho que não é só aqui, nos grandes centros também (Senhor R, 70 anos de idade).

Observou-se que, atrelados à questão do envelhecimento, alguns fatores foram mais destacados pelas entrevistas. Assim, além das patologias, o desgaste do corpo e a diminuição da quantidade e da qualidade das horas dormidas foram vistos como resultado de um processo natural que será vivenciado por todos que envelhecem.

Porque é um processo natural, não tem como escapar do biológico (Senhora MT, 67 anos de idade).

Ah, já está me pesando. Ah, eu fui perdendo a força. O corpo é muito gordo, eu não consigo subir mais nas coisas. É assim, eu sinto que eu já perdi as forças. Eu não tinha disposição de andar, de arrumar as coisas, a minha casa. Minha casa, agora, tem que ir arrumando em etapas. O dia que eu passo pano eu não agüento, porque eu tenho problema de coluna e não durmo de dor. Estou sentindo a velhice. Depois dos 60, que vai jogando a gente para trás (Senhora D, 70 anos de idade).

A mente muda um pouco, mais cansada, mais esquecida. O corpo fica mais cansado, dolorido, coisa que antes não era. Tomo remédio. Tenho um pouquinho de surdez e também a vista, mas não me atrapalha muito. Ouvir, às vezes me atrapalha um pouco porque tenho que pedir para falarem mais alto. O som não chega direito (Senhora E, 69 anos de idade).

O sono, apesar de relatado como bom pela maioria dos idosos, por cinco dos entrevistados era considerado fator ruim, uma vez que precisavam de remédio para conseguir descansar. Pôde-se observar que os idosos entendiam que, com o aumento da idade, a necessidade de muitas horas dormidas diminuía e, quando os relatos indicavam o sono maldormido, isso estava ligado a questões emocionais e de preocupações passadas no dia a dia.

Não quer dizer que eu não tenha insônia, a noite que estou preocupada, eu durmo mal. Depois, estabelece e volta ao normal. Não durmo mais que 6 horas por noite não. Meu marido precisa mais de 7 horas pra dormir. Se eu dormir umas 5 horas, tá bom. Não posso é dormir menos. Minha natureza é de acordar cedo, acostumei desde pequenininha, ia pro curral tirar leite com meu pai (Senhora L, 74 anos de idade).

Eu durmo três horas por noite, fico deitada seis horas por noite, mas só durmo 3. Eu deito meia noite, meus pés já estão inchados, precisando. Durmo até as 6h, não passo de 6h de jeito nenhum. Seis horas tenho que levantar, é quando o corpo já está doendo. Tenho disposição o dia inteiro, não tenho vontade de deitar, dormir, ficar na cama, parada (Senhora ML, 66 anos de idade).

Ah, eu não durmo bem não, eu tomo medicamento. Para não viciar muito, porque eu sei que esse remédios viciam, eu tomo meio de duas miligramas. Aí eu durmo o sono que é aquele primeiro sono, quando eu acordo, não durmo mais. Igual hoje, estou acordada desde as quatro horas (Senhora TI, 65 anos de idade).

Em relação a fatores psicológicos, foram questionadas a presença/ausência de sentimentos e sensações que pudessem ser geradoras de algum tipo de depressão, sentimento ruim ou mau humor. Nesse sentido, o destaque é dado para o que os idosos chamaram de “preocupações”: desentendimento com os filhos, preocupações com a família, ansiedade, medo.

Eu procuro me distrair com outras coisas, porque todos nós temos problemas, né?! Mas então, eu procuro sempre saber conviver e administrar meus problemas (Senhor C, 60 anos de idade).

Eu ando muito ansiosa, sabe? Isso até tem me trazido problema de ritimia, e é por ansiedade (Senhora MY, 69 anos de idade).

Às vezes me sinto revoltada, sinto que às vezes tem umas coisas que não dá certo. Aí, quando eu vejo que essas coisas tão querendo cair em mim, eu respiro fundo (Senhora TI, 65 anos de idade).

Ainda no contexto das perdas, chamou atenção, na pesquisa, a questão da chegada da aposentadoria, ou seja, da perda da capacidade para o trabalho formal. Areosa (2004), nesse sentido, apontou uma realidade diferenciada para homens e mulheres, identificando que o homem possui maior dificuldade de adaptação nesse período por ter estabelecido, ao longo da vida, relações mais significativas no espaço público e no mundo do trabalho que as mulheres. Nesta pesquisa, apesar de identificar a dificuldade de adaptação com o período de aposentadoria, não se obteve diferenciação em relação aos sexos. A dificuldade de adaptação à aposentadoria e a relação desta com o envelhecimento foram sentidas por todos aqueles que possuíam relação forte com o trabalho formal, ou seja, para homens e mulheres que muito se dedicaram à esfera do trabalho remunerado quando mais novos, a aposentadoria foi sentida com mais intensidade.

A minha vida começou a mudar depois que eu aposentei. Até me adaptar, aí foi um pouco complicado, porque na época que eu aposentei eu trabalhei por 10 e resolvi parar, foi assim, aquela coisa rápida. Toda vida eu tive atividade, minha vida inteira, então eu parei rápido e comecei a entrar em depressão e foi indo, foi indo. Eu me adaptei e graças a Deus hoje eu tenho uma vida tranquila (Senhor C, 60 anos de idade).

Para Salgado (2007), a velhice é uma etapa de ressocialização, em que existem novos modelos de comportamento que podem e devem ser aprendidos e desenvolvidos, o que implica aprendizado de novos papéis como o de viúvo(a), solitário(a), aposentado(a) ou limitado(a) fisicamente. Esse reaprendizado das condições e relações sociais pode ser tido como gerador de sentimentos indesejáveis em determinados momentos.

Atualmente, alguns conceitos errôneos e, ainda comuns, sobre a velhice e o idoso são o fato de este ser triste e doentio. Diante de uma sociedade capitalista, que ainda associa aposentadoria e velhice, esta passa a ser associada à inutilidade, à dependência e à pobreza. Assim, ainda é comum associar a velhice a uma etapa de dependência e incapacidade de realização individualmente, de atividades rotineiras (AREOSA, 2004; NERI, 2005; COSTA LOPES, 2007).

Nesse sentido, esta pesquisa trouxe poucas declarações, uma vez que os idosos entrevistados se manifestaram independentes da ajuda familiar ou de outro tipo de ajuda. Mostraram-se idosos ativos em termos sociais, usando a terceira idade para fazerem o que outrora eram impossibilitados por questões financeiras ou falta de tempo. Herédia e Casara (2000 *apud* AREOSA, 2004) colocaram que ter saúde na velhice não significa somente a ausência de doenças, mas, sim, a presença de autonomia e independência, sendo a independência relacionada ao não precisar de ajuda para realizar as tarefas.

Eu vou envelhecer com qualidade de vida. Eu não quero depender dos filhos, não gosto de ser dependente. Enquanto eu puder, quero fazer sozinha. Quero que Deus me dê cabeça (Senhora MD, 64 anos de idade).

Me sinto bem. Me sinto melhor do que era por que, hoje, por exemplo, eu já sou senhora do meus nariz: Vou ali, tá!? Fui (Senhora ME, 69 anos de idade).

Apesar da associação da velhice a determinadas situações de perda, esse estágio da vida traz, também, a associação com algumas virtudes e desafios que só são possíveis com o avançar da idade. Segundo Lima *et al.* (2008), esse tipo de ganho acumulado, trazido pela idade, torna a fase da velhice tão importante quanto os outros estágios vitais pelos quais se passa. Assim, alguns entrevistados relataram que a fase de envelhecimento é a melhor da vida e, para a maioria deles, encontravam-se mais satisfeitos com a atual etapa da vida do que com a vida que levavam antes de serem idosos.

Muito desse fato pode ser entendido a partir do momento em que se entendem as comparações que são feitas para ressaltar a velhice como a melhor fase da vida, ou seja, os entrevistados, geralmente, comparavam a fase da velhice com fases como a infância, adolescência ou épocas de trabalho ativo e, nesse sentido, julgavam-se com mais qualidade de vida por, nessas épocas, terem passado por mais dificuldades financeiras e sociais do que no momento presente. Assim, quase todos os entrevistados associaram o envelhecimento a um ganho de qualidade de vida. Apenas dois entrevistados mencionaram que a vida atual não é satisfatória, e isso acontece por (1) não ter bom relacionamento com o marido e (1) por querer fazer muitas coisas que não consegue.

(...) Com as coisas que eu alcancei? Sou satisfeita! Eu vim do nada, hoje, vivo à toa, recebendo! (risos) (Senhora RC, 85 anos de idade).

Foi ter mais qualidade de vida, com certeza, porque quando eu trabalhava, minha vida era família, trabalho. Nem passear eu passeava. Hoje, eu tenho mais diversão, né?! (...) Eu tenho uma vida muito mais tranqüila, saudável. Sou satisfeito sim, como te disse, hoje tenho uma vida tranqüila. (...) Já me senti um pouco inútil, quando eu aposentei. Comecei a entrar em depressão, mas hoje não. Me adaptei à vida, hoje é muito boa! (Senhor C, 60 anos de idade).

Tenho mais condição de envelhecer saudável, né? As tecnologias, a ciência desenvolveu muito, né?! (Senhora L, 74 anos de idade).

Outro fator que se mostrou latente nos questionamentos sobre envelhecimento foi a questão da aparência física ou imagem dos idosos. Nesse sentido, a determinação da imagem corporal é influenciada por componentes biofísicos, psicológicos, ambientais e comportamentais bastante complexos. Segundo Areosa (2004), a questão do envelhecimento do corpo é uma problemática essencialmente feminina, uma vez que se liga a uma questão de gênero enraizada às questões socioeconômicas. Disfarçar ou encobrir os sinais do envelhecimento seria uma imposição sociocultural que abarca muito mais mulheres que homens. Segundo pesquisa daquela autora, mulheres idosas, além de se preocuparem mais com a imagem corporal, possuem melhor autoestima, se cuidando e sendo mais ativas que os homens.

Relatos deste estudo corroboram a pesquisa de Areosa (2004) e somam também à afirmação de que as mulheres apresentam o desejo de um corpo mais magro que o dos homens e que isso não deixa de acontecer na velhice.

Eu queria ser mais alta, mais bonita, mas isso é um dom de Deus! (Senhora M, 66 anos de idade).

Eu não me conformo de ser encorpada como eu sou, mas acho que é da idade. Eu queria ser mais alta, grandona, magra. Sempre fui assim, baixinha e... não gorda, né?! (Senhora MD, 64 anos de idade).

Não, eu gosto de mim, mas eu gostaria de colocar um bumbum. Eu só não fiz isso na vez da mama, porque o que tirou aqui não podia colocar (Senhora MT, 69 anos de idade).

Agora eu não to olhando tanto, o cabelo tá precisando pintar, fazer escova, mas eu tô fazendo um tratamento de dente e só vou poder voltar a pintar em dezembro. Em dezembro eu vou trocar a mobília (referindo-se a prótese dentária que utilizava) (Senhora DV, 77 anos de idade).

Gosto, porque tem que gostar, foi a aparência que Deus nos deu né?! E também pela minha idade, eu acho. Eu até agradeço muito a Deus (Senhor LN, 75 anos de idade).

Alguns idosos entrevistados levantaram a questão da sexualidade vivenciada na terceira idade que, para alguns autores, não deixa de estar atrelada à questão de gênero e se relacionar com a construção social do corpo e da aparência física (GATTO, 2005; RIBEIRO, 2005; TRINDADE; BRUNS, 2007).

De acordo com Gatto (2005), são poucos os temas que apresentam a amplitude da sexualidade enquanto uma questão, ao mesmo tempo e profundamente, social e individual. Complementando, Trindade e Bruns (2007) colocaram que, por sempre ter sido submetida a normas, regras e valores, a sexualidade tem sua expressão marcada pelo ocultamento, e, com isso, homens e mulheres, principalmente na velhice, vivenciam-na de forma diferenciada. Enquanto as mulheres baseiam suas dificuldades sexuais em fatores de caráter moral, as dificuldades dos homens vêm atreladas as alterações na capacidade de ereção (RIBEIRO, 2005).

Geralmente, os homens, quanto mais velhos, possuem maior resistência e dificuldade para verbalizar o que sentem no que se refere ao relacionamento sexual (TRINDADE; BRUNS, 2007). Já as mulheres idosas se tornam mais ativas que passivas, colocando em jogo o poder de sedução e a capacidade de despertar o desejo do homem no lugar da capacidade sexual em si. Assim, muitas vezes afastadas da possibilidade da ocorrência da gravidez, as mulheres mais velhas “encontram-se livres e seu corpo é mais do que nunca seu”. Apesar disso, algumas passam por momentos de conflitos e promovem o total distanciamento do sexo.

Nesta pesquisa, no geral, os relacionamentos foram mostrados com grande respeito e exaltando a característica de companheirismo entre os cônjuges. Nesse sentido, os homens demonstraram-se muito mais reservados que as mulheres. As mulheres, por sua vez, destacaram situações não comumente retratadas em estudos como o aqui proposto. Percebeu-se que o cuidado das mulheres em termos da saúde pode ser identificado, também, em relação às relações sexuais.

Ah, a de agora é ótimo, ela é espetacular né?! (Senhor LN, 73 anos de idade).

Ontem eu estava no ponto de ônibus e ele passou num carro, tão bonito, tão gostoso. Me deu adeusinho e eu dei adeusinho para ele também. Estou com ele na cabeça. Acho que eu sou muito safadinha, mas é só de brincadeira (Senhora L, 74 anos de idade).

Mora comigo não, ele mora lá em Astolfo Dutra e eu aqui, ele vem todo dia. Já tem 7 anos que nós estamos juntos, ele lá e eu cá. Eu não vou lá não, ele que vem cá. Ele vem quase todo dia (Senhora EZ, 69 anos de idade).

Tenho namorado. Um companheirinho que todo domingo passa o dia comigo. A gente joga um baralhinho, e nosso namoro é assim, cada um mora na sua casa e cada um faz as suas despesas, não tem nada de contar um com o outro não. Aí, domingo, é o domingo do namoro. Aí, faz uma comida melhor, põe a mesa mais bonita. Faço unha no sábado, arrumo o cabelo que no domingo eu vou namorar (Senhora ML, 66 anos de idade).

Mas é porque os homens gostam de abusar, acham que porque é viúva, é mulher de programa, essas coisas (Senhora C, 69 anos de idade).

Sou uma pessoa sadia, não ando por aí transando com qualquer um. Se eu gosto de uma pessoa... Como agora, é assim: ele está doído para acontecer alguma coisa, e eu estou empurrando. Digo para ele que sem camisinha, não dá. (...) Você sabe como é homem, com moça eles vão devagar porque sabem que as coisas são diferentes, mas uma mulher como eu, eles querem logo levar para cama. E não é assim, vamos esperar mais um pouco (Senhora Z, 76 anos de idade).

No que diz respeito às perspectivas esperadas para a vida futura, os entrevistados dividiram-se entre achar que a forma como vivem hoje, por já ser melhor que quando mais novos, pode permanecer como está e querer que o futuro seja ainda melhor do que a situação de vida atual. Costa Lopes (2007) relatou que o idoso, “investindo no presente tem perspectivas de futuro, alimentando novas chances, à medida que passa a ter direito de construir novos projetos” (p. 146).

Por fim, entende-se que as falas aqui analisadas caminham para a ideia de que o envelhecimento, sendo um processo, não evoca somente elementos que perpassem pelos fatores biológicos, fisiológicos, psicológicos e sociais. Envelhecer deve ser percebido a partir de todos esses fatores, caracterizando-se como processo multidimensional (MERCADANTE, 2005; RIBEIRO, 2006).

4. CONCLUSÕES

Pode-se inferir que a população aqui caracterizada demanda políticas sociais que minimizem carências educacionais e, principalmente, carências surgidas devido a uma renda média mensal baixa. Em outras palavras, sendo a renda um dos fatores proporcionadores de bem-estar e uma vez estando esse recurso escasso, as demandas que seriam supridas por ele, como saúde, alimentação e lazer, devem encontrar outras formas para serem sanadas.

Em relação ao envelhecimento, pode-se dizer que grande parte da população da terceira idade do Instituto Chica entende que é um processo inerente ao andamento natural da vida. Assim, embora relatem limitações físicas, apoiam-se em aspectos positivos, trazidos pela idade, para se adaptarem melhor às novas condições. Além disso, a ideia de serem *idosos*, desatrelada da ideia de serem *velhos*, proporciona perspectiva melhor de futuro.

Além dos ganhos com a maturidade, experiência e liberdade, envelhecer caracteriza uma fase de maior cuidado com o corpo, mente e saúde, principalmente para as mulheres. Com isso, os idosos do Instituto Chica passavam a apontar para uma velhice ativa, feliz, de autonomia e independência.

Com tudo isso, conclui-se que, de fato, o envelhecimento é um processo que não pode ser estudado tendo em vista apenas quesitos biológicos, físico ou aspectos socioeconômicos. Cada realidade é responsável por imprimir significados em sua população e no que esta faz, pensa, age ou vive. Apesar disso e embora ainda persista uma realidade de carências para a população mais velha, os ganhos sociais, tecnológicos e medicamentosos fazem com que os idosos tenham representação

social mais positiva do processo de envelhecimento, o que possibilita a realização de projetos de vida outrora impossíveis de serem realizados.

Uma vez que essa discussão não termina aqui, novos estudos podem buscar a comparação do comportamento e da percepção de um conjunto equivalente ao dos idosos aqui estudados, mas que não frequentassem programas de responsabilidade social empresarial para, com isso, ampliar o campo da pesquisa. Ainda, pode ser estudado como investimentos em cultura e educação ao longo da vida influenciam ou interferem na forma em que idosos percebem o processo de envelhecimento e suas consequências físicas, mentais e sociais.

5. REFERÊNCIAS

ALCANTARA, A. O. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas, SP: Alínea, 2004.

AREOSA, S. V. C. O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento? **Textos & Contextos**, n. 3, 2004.

BACELAR, R. **Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação**. 2. ed. rev. Recife. Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002.

CAMARANO, A. A. *et al.* Como vai o idoso brasileiro?. In: **Textos para discussão**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 57 p.

COSTA LOPES, R. G. Imagem e autoimagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, A. L. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC, 2007.

DIAS, I. G. **A institucionalização asilar na percepção do idoso e de sua família: o estudo do “Lar dos Velhinhos” – Viçosa/MG**. 2007. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2004.

GARCIA, M. A. A.; ODONI, M. A. A.; CARVALHO, A. P.; SOUZA, C. S.; FRIGÉRIO, R. M.; MERLIN, S. S. Idosos em cena: falas do adoecer. **Interface**, Botucatu, v. 9, n. 18, 2005.

GATTO, L. C. Psicosexualidade na terceira idade. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2005.

INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO. Disponível em: <<http://www.chica.org.br/institucional/missao/conheca/conheca.htm>>. Acesso em: out. 2008.

LIMA, A. M. M. de; SILVA, H. S. da; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface**, Botucatu, v. 12, n. 27, 2008.

LINS DE BARROS, M. M. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

MERCADANTE, E. Aspectos antropológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão São Paulo**: Atheneu, 2005.

NERI, A. L. *et al.* **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: SESC, 2007.

NERI, A. L. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no estatuto do idoso. **A Terceira Idade**, v. 16, n. 34, p. 7-24, 2005.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de. (Coords.). **Velhice ou terceira idade?** 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003

RIBEIRO, A. Sexualidade na terceira idade. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2005.

RIBEIRO, R. N. Abordagens teóricas da velhice: múltiplos acessos. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F. ; ARCURI, I. G. **Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. São Paulo: Vetor, 2006.

SALGADO, M. A. Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. **A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento – Políticas públicas para a habitação do idoso**, São Paulo, SESC, v. 18, n. 39, p. 1-96. jun. 2007.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. Meia-idade masculina: significados do envelhecimento. In: BRUNS, M. A. T.; DEL-MASSO, M. C. S. **Envelhecimento humano: diferentes perspectivas**. Campinas,SP: Alínea, 2007.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, 2004.

**ARTIGO 4 – PROGRAMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E SEUS
IMPACTOS NO BEM-ESTAR PESSOAL E NO PROCESSO DE
ENVELHECIMENTO: ANÁLISE A PARTIR DA VISÃO DOS IDOSOS DO
INSTITUTO CHICA – CATAGUASES, MG**

RESUMO

Este artigo objetiva analisar as percepções dos idosos sobre sua inserção nos programas de responsabilidade social empresarial e as implicações dessa inserção para o bem-estar pessoal e para o processo de envelhecimento. Juntamente com esse objetivo, buscou-se conhecer o ambiente familiar e social nos quais os idosos vivem e realizam suas atividades, uma vez que é necessário entender como algumas questões familiares e sociais são vivenciadas para, posteriormente, compreender como se pode associar o possível bem-estar trazido pelas atividades realizadas com o processo de envelhecimento e seu contexto familiar e social. Para alcançar o objetivo proposto, foram realizadas entrevistas, com o auxílio de um roteiro semiestruturado com 33 idosos frequentadores do Instituto de Responsabilidade Social Francisca de Souza Peixoto, em Cataguases, MG. As falas foram transcritas, categorizadas tematicamente e analisadas. Concluiu-se que os idosos, além de entenderem a velhice como um processo natural, perceberam que as atividades praticadas são fundamentais para possuírem motivações, ocupações e aprendizado constante. Assim, perceberam que suas atitudes em relação ao envelhecimento são fundamentais para que esse processo aconteça sem prejuízos para seu bem-estar pessoal, familiar e social e para sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Terceira idade. Envelhecimento. Qualidade de vida e responsabilidade social empresarial.

ABSTRACT

This paper has the purpose of analyzing the perception of the elderly regarding their inclusion in the programs of enterprise social responsibility and the impacts of this for the personal welfare and for the aging process. It was important to get to know the family and social environment in which the elderly live and do their activities, once it is necessary to understand how some of the family and social questions are experienced so that later on one can understand how we can associate the welfare that may be brought by the activities that they do with the aging process and its family and social context. In order to achieve the proposed objective, interviews were done, with the help of a semi-structured script, with 33 elderly who participated of the activities at the Instituto de Responsabilidade Social Francisca de Souza Peixoto, in Cataguases, State of Minas Gerais. The speech was transcribed, thematically categorized and analyzed. As a conclusion the elderly, not only understood that old age is a natural process but also realized that the activities that were practiced were fundamental to enable them with motivations, occupations and constant learning. Furthermore, they realized that their attitudes regarding aging are fundamental for this process to take place without harming their personal, family and social welfare.

Keywords: Elderly. Aging. Life quality and corporate social responsibility.

1. INTRODUÇÃO

O idoso¹⁷, assim como o processo de envelhecimento e a velhice, por longo tempo esteve associado a questões pejorativas, nas quais situações de perda são frequentes e desinteressantes tanto para quem envelhece quanto para os que veem o envelhecimento de seus próximos.

Para Duarte (2002), os idosos fazem parte da sociedade e devem ser colocados como parte dela. Não são apenas pessoas que envelhecem, mas continuam com necessidades e talentos tão diversificados como os que são vivenciados em outras fases da vida.

Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) apresentam que, em 2050, o número de pessoas com mais de 60 anos, que era de aproximadamente 600 milhões no ano 2000, poderá chegar a quase dois bilhões, atingindo cerca de 15% da população mundial (ONU, 2003). Nesse cenário, a ideia de envelhecimento como demérito é trocada por uma imagem que potencializa a terceira idade para novas experiências e aprendizados, que incentiva a busca por uma velhice saudável e com qualidade de vida e bem-estar (DUARTE, 2002).

Na colocação de Lima *et al.* (2008), a qualidade de vida na terceira idade excede os limites da responsabilidade individual, devendo ser vista por múltiplos aspectos, o que quer dizer que uma velhice satisfatória resulta, também, da interação entre pessoas e de suas relações interpessoais, extraindividuais e comunitárias. Nesse

¹⁷ Apesar da existência de discussões sobre o diferente significado entre idosos e terceira idade, este estudo adota os dois termos como sinônimos e significando toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003).

sentido, pode ser a partir da inclusão social que se conseguirá um resgate do valor social do idoso (RAMOS, 2007).

Coloca-se que os idosos passam a se sentir mais incluídos socialmente a partir do momento em que têm acesso a programas que atendam às suas diferentes necessidades, proporcionando a eles maior satisfação com o bem-estar e com o processo de envelhecimento.

Portanto, como objetivo principal, este trabalho pretendeu analisar as percepções dos idosos sobre a inserção nos programas de responsabilidade social¹⁸ e as implicações dessa inserção para o bem-estar pessoal e para o processo de envelhecimento por que passam. Além disso, buscou-se compreender o ambiente familiar e social onde os idosos vivem e realizam suas atividades.

¹⁸ Por RSE entende-se: “... o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela” (CARDOSO; ASHLEY, 2002, p. 7).

2. METODOLOGIA

2.1. Local de estudo

Esta pesquisa foi desenvolvida no Instituto Francisca de Souza Peixoto (Instituto Chica), localizado na cidade de Cataguases, MG.

O Instituto Chica é um espaço destinado a pessoas da comunidade de Cataguases como um todo, sendo no ano de realização da pesquisa, 2009, responsável pelo desenvolvimento de, aproximadamente, 28 projetos socioambientais que atendiam mais de 40 mil pessoas. Fundado em 1999, o Instituto responde pela política social da Companhia Industrial Cataguases (CIC), indústria mundialmente conhecida pela produção de tecidos de algodão (INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO, s. d.).

2.2. População e amostra

A população deste estudo compreendeu 99 idosos cadastrados nas atividades desenvolvidas no Instituto Francisca de Souza Peixoto. Por sua vez, a amostra foi composta por 33 idosos, sendo 28 mulheres e 5 homens com 60 anos ou mais, que participavam de atividades oferecidas no Instituto Chica. A amostragem foi intencional, definida a partir do interesse e da disponibilidade que os idosos teriam para participar da pesquisa durante o período de coleta de dados.

Na amostra deste estudo, encontram-se participantes de todas as atividades direcionadas à terceira idade desenvolvidas pelo Instituto Francisca de Souza Peixoto: dança, ginástica, ioga, teatro, bate-pau e informática. Além dessas

atividades, pessoas com 60 anos de idade ou mais faziam parte do projeto “Velha a Fiar”, em que materiais têxteis são reaproveitados e transformados em peças artesanais e de vestuário, com finalidade de venda. Assim, foram entrevistados 12 idosos participantes da ginástica, 10 da ioga, 8 da dança, 7 do bate-pau, 6 do teatro, 4 da informática e 4 do “Velha a Fiar”. Ressalta-se que, desses entrevistados, 23 participavam de apenas uma atividade, enquanto os outros 10 idosos frequentavam de duas a quatro atividades.

2.3. Forma de coleta de dados

Após um primeiro contato com os responsáveis pelo Instituto Francisca de Souza Peixoto e diante do interesse deles para com a realização da pesquisa, foram coletados, por meio da correspondência eletrônica e junto com as coordenadoras das atividades desenvolvidas, os dados cadastrais de todos os idosos participantes das atividades.

Posteriormente, entre os dias 19 e 24 de outubro de 2009, a primeira visita ao Instituto Chica foi realizada com o intuito de conhecer as atividades desenvolvidas para o público da terceira idade e os idosos participantes dessas atividades; apresentar a pesquisa para os idosos; e fazer um cadastro daqueles interessados em participar da pesquisa.

Por fim, entre os dias 08 e 15 de novembro de 2009, aconteceram as entrevistas com os 33 idosos cadastrados, no intuito de entender a percepção deles sobre a inserção nos programas de responsabilidade social e as implicações dessas atividades para o bem-estar pessoal e para o processo de envelhecimento. As entrevistas duraram, em média, 45 minutos. As falas foram transcritas e os dados, categorizados tematicamente.

2.4. Forma de análise dos dados

A análise dos dados coletados foi feita por meio de uma análise das falas dos entrevistados. Assim, os dados foram analisados de acordo com algumas categorias preestabelecidas a respeito da percepção dos idosos sobre a inserção nos programas de RSE e suas implicações para o bem-estar pessoal e processo de envelhecimento, assim como para a dinâmica do ambiente familiar e social no qual os idosos vivem e realizam suas atividades: (1) Porque se inseriu nas atividades do Instituto Chica; (2) Como se inseriu nas atividades do instituto Chica; (3) A quanto tempo participa das

atividades no instituto Chica; (4) Impactos na qualidade de vida; (5) Impactos na vida social; (6) Impactos na vida familiar; e (7) Impactos no processo de envelhecimento.

Os dados quantitativos foram analisados, baseando-se na análise univariada, utilizando-se o Statistical Package for Social Science (SPSS) – Versão 15.0.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de atender aos objetivos inicialmente propostos, esta sessão está dividida em três tópicos, a saber: caracterização do ambiente familiar e social no qual os idosos vivem e realizam atividades; inserção nos programas de responsabilidade social empresarial (RSE); e percepções dos idosos sobre a inserção em programas de RSE e suas implicações para o bem-estar pessoal e processo de envelhecimento.

3.1. Caracterização do ambiente familiar e social no qual os idosos, frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto, vivem e realizam suas atividades

Inicialmente, apesar de se ter identificado, por meio das entrevistas realizadas, que a dinâmica familiar dos idosos frequentadores do Instituto Chica não tenha sofrido alterações diante da inserção nos programas de RSE, buscou-se entender como algumas questões familiares e sociais são vivenciadas para, posteriormente, compreender como poderia associar o possível bem-estar trazido pelas atividades realizadas com o processo de envelhecimento e seu contexto familiar e social.

Dos 33 idosos entrevistados, 28 mulheres e 5 homens com idade média de 69 anos, em 2009, 39,4% eram casados, 24,2% viúvos, 6,1% possuíam namorado, 21,2% tinham companheiro(a), 6,1% eram separados e 3% eram divorciados. Dos homens idosos, 60% eram casados, e os outros 40% possuíam companheira, enquanto 60,71% das mulheres eram casadas ou com companheiros/namorados e 39,28% delas eram viúvas, separadas ou divorciadas.

Em relação à organização familiar dos entrevistados, destaca-se que 36,4% deles moravam com marido/esposa/companheiro, 18,2% eram sozinhos, 18,2% tinham marido/esposa/companheiro e filhos, 9,1% viviam com filhos, 6,1% com filhos e netos, 6,1% com filhos, nora/genro e netos, 3% com marido/esposa/companheiro, filhos e netos, e 3% com marido/esposa/companheiro e mãe. Do total de 36,4% idosos morando com marido/esposa/companheiro, 1/3 eram homens, o que corresponde a 80% da amostra masculina estudada. Ainda, o restante da amostra masculina era contemplada nos núcleos familiares com marido/esposa/companheiro e filhos.

Esses dados corroboram o que Camarano *et al.* (1999) apresentaram, ao analisarem dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995¹⁹, segundo a qual mais de ¾ dos homens se encontravam em uma união conjugal. Para essas autoras, esses dados podem ser explicados tendo por base a longevidade apresentada pelas mulheres e a construção social de os homens brasileiros se casarem, geralmente, com mulheres mais jovens do que eles. Outro ponto que pode ser discutido é o fato de o recasamento ser uma realidade mais vivenciada pelos homens viúvos do que pelas mulheres viúvas (CAMARANO *et al.*, 1999).

Os arranjos familiares, então identificados neste estudo, foram: 18,2% de famílias unipessoais, 36,4% de famílias conjugais, 18,2% de famílias nucleares; 9,1% de famílias monoparentais, 6% de famílias ampliadas e 12,2% de famílias monoparentais e ampliadas (Figura 1).

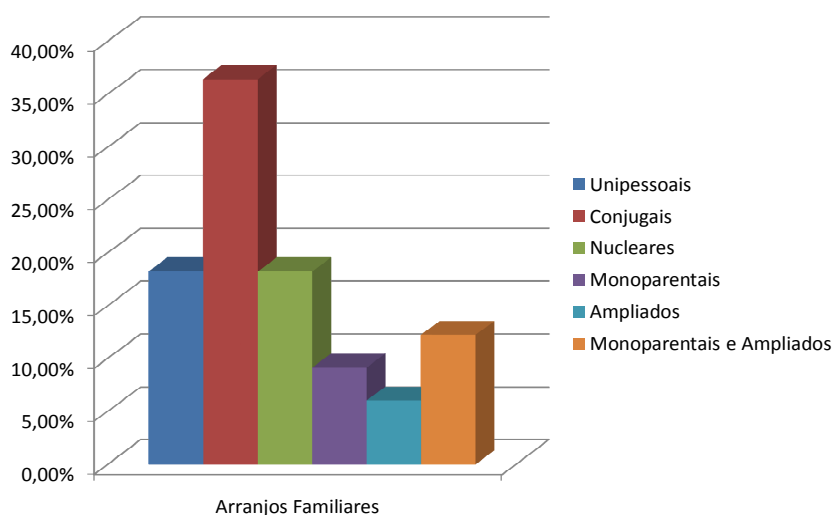


Figura 1 - Porcentagem de arranjos familiares dos idosos entrevistados, Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.

¹⁹ Única PNAD que levantou informações sobre o estado conjugal.

Diante desse perfil, os arranjos unipessoais foram formados apenas por mulheres, sendo a falta do cônjuge relacionada, na maioria das vezes, à viuvez. Com base nisso, retomam-se dados da pesquisa da PNAD de 1995 que mostrou que mais da metade das mulheres idosas pesquisadas eram viúvas (CAMARANO *et al.*, 1999). Além disso, dados do IBGE (2008) ressaltam que cerca de 6,7 milhões de famílias unipessoais no país, 40,8% eram formadas por pessoas de 60 anos ou mais, sendo a experiência de recasamentos, quando há separações ao invés de morte, muito mais vivenciada por idosos do que por idosas (IBGE, 2008).

Nos arranjos pesquisados, a falta do parceiro foi promotora de grandes mudanças em termos econômicos e sociais, entendendo que, quando vivos, eram os maridos os responsáveis pelas atividades externas à casa e por proverem o recurso financeiro para o núcleo familiar, enquanto as mulheres eram as responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos. Outras pesquisas indicam que, de acordo com a idade, os rendimentos da população idosa decrescem e a renda provinda de aposentadoria/pensão é crescente, desempenhando papel mais importante para as mulheres do que para os homens, uma vez que elas tiveram suas conquistas sociais e de trabalho, acrescidas de preconceitos com suas potencialidades e desempenhos e, nesse sentido, quando incorporadas ao mercado de trabalho, as mulheres o fizeram de forma secundária e com rendimentos menores em relação aos homens (CAMARANO *et al.*, 1999; BOUTIQUE; SANTOS, 2005).

Das idosas entrevistadas, 40% só passaram a ter contato direto com outras pessoas após a morte dos parceiros, uma vez que estes não gostavam de que as esposas saíssem ou realizassem tarefas fora de casa. No período da coleta de dados, essas idosas encontravam-se adaptadas e julgavam-se independentes, autônomas e inseridas nas atividades externas à esfera privada.

Nesse sentido Rocha (2005), afirmou que alguns idosos somente começam a viver com menos compromissos no momento em que perdem a companhia daquela pessoa que esteve a vida toda ao seu lado. Motta (2005), em pesquisa com viúvas baianas, apresentou que as viúvas de hoje enfrentam dificuldades quando subitamente se encontram só e precisam atuar no espaço público. Isso ocorre porque são de uma geração preparada, apenas, para a vida privada. Apesar dessa realidade, essa autora relatou que a falta do cônjuge, muitas vezes, significa libertação de situações desagradáveis vivenciadas e, de certa forma, um aval para que coisas

outrora não possíveis de realização sejam feitas, como: viajar, participar de atividades sociais, ir ao banco, pagar as contas, entre outras.

Toda essa problemática perpassa pela construção social da imagem de viúva e desprovida de iniciativas que a mulher carrega e que é discutida por Motta (2005), Rocha (2005) e Tôrres (2006). Esses autores colocaram que a viuvez é condição social dotada de estranheza, pois se refere a algo inesperado, não planejado e instantaneamente modificador da vida. Ficar viúva pode representar uma quebra súbita do equilíbrio das relações familiares e, com isso, um estabelecimento de novos arranjos no grupo familiar. Motta (2005) mencionou que Durkheim (1982, p. 205-6) já evidenciava a viuvez como “[...] uma desorganização total da família cuja influência o cônjuge sobrevivente sofre.”, usando o termo “anomia doméstica” para referir-se a tal situação. Com tudo isso, a viuvez feminina é historicamente marcada pelo luto e caricatura da mulher que sofre constantemente pela perda do marido. Nesse aspecto, tornar-se viúvo não deve ser fato visto com universalidade, pois, além de ser fenômeno entranhado no caráter do gênero, em que homens e mulheres vivenciam essa realidade de forma diferenciada, recebe influências de classe e outras inserções sociais dos indivíduos (MOTTA, 2005; ROCHA, 2005; TÔRRES, 2006). Estas discussões podem ser mais bem entendidas nas falas dos entrevistados abaixo:

Eu não sabia, porque eu não fazia nada, eu era dona de casa. Eu falava que eu era a empregada da casa e ele era o chefe. Ele dizia: Quando eu morrer, você vai sentir! Eu dizia que ia morrer primeiro que ele, brincando com ele. E acabou que aconteceu. Eu fiquei perdidona, minha filha. Fui aprendendo, dando pancada, né?! (Senhora DN, 70 anos de idade).

Ele que decidia tudo. Tanto que quando ele faleceu e eu tive que pagar o primeiro imposto pra minha casa, eu chorei igual criança, porque eu não sabia. De pensar que eu ia ter que entrar na prefeitura, sem saber como eu ia entrar, sem ter conhecimento algum. Ele que cuidava de tudo, mas o dinheiro saía de mim. Ele já não tinha idade mais pra trabalhar, eu tinha que costurar para manter a casa. Ele que controlava e o homem da casa era eu. (...) E quando eu me aposentei, pra me apresentar no banco do Brasil, pra pegar minha aposentadoria, como eu chorei também! Foi outro dia que eu chorei, mas chorei demais! Como eu ia entrar no Banco do Brasil?! Insegurança, insegura. Aí fui, cheguei lá chorando, aí o caixa, um rapaz que tava em pé assim, ele falou assim: Porque a senhora tá chorando? Tá sentindo mal? Eu disse: Não, eu quero receber e não sei como eu vou fazer. Ele passou a mão no meu braço, me levou lá no caixa e disse: Ela quer receber, ela nunca fez esse tipo de coisa na vida. Para você ver, eu já estava com setenta anos. Aí me trataram com todo carinho, toda atenção (Senhora RC, 85 anos de idade).

Em relação aos gastos financeiros, as idosas pesquisadas relataram que a principal preocupação estava em não possuir dívidas. Nesse sentido, as primeiras contas a serem pagas ou pensadas eram aquelas referentes aos remédios e à alimentação. Essa realidade também foi verificada em outros idosos pesquisados.

Eu acho que se você ganha quatrocentos e sessenta e cinco, você deve viver dentro dos quatrocentos e sessenta e cinco. Primeiro você cuida dos remédios, porque você não pode parar em pé sem remédios. Se você precisa de remédio, você precisa comprar. As primeiras coisas que eu compro são os remédios. Compro remédio, depois eu passo pra alimentação, aquilo que eu, mais ou menos, vejo que tem necessidade. Por exemplo, eu compro cinco quilos de arroz e esqueço que tem que comprar de novo; compro três quilos de feijão, e esqueço que tem que comprar de novo, entendeu?! Então, eu deixo chegar no final. Sei que naquele mês eu tenho que deixar outras contas pra fazer aquela compra que to com necessidade (Senhora RC, 85 anos de idade).

No que diz respeito aos arranjos conjugais, metade dos idosos pesquisados era casada formalmente enquanto a outra metade não. Com maior frequência, foi verificada a situação em que marido e esposa possuíam renda e, por esse motivo, administravam e tomavam as decisões de compra juntos. Apesar disso, percebe-se que existe tendência de o homem ter maior peso na decisão quando esta diz respeito a um bem de maior valor (sofá, geladeira, reforma da casa), enquanto as mulheres são mais autônomas em relação a gastos referentes à manutenção da casa (alimentação, pagamento de contas).

Compra sou eu. Ela também administra. Ela administra o lado dela e eu o meu. Quando ela precisa, pede socorro, eu ajudo. Quando eu preciso... Que nem agora, há poucos dias, ela viu uma geladeira *frost free*, e aí ela adorou a tal de *frost free*. Quando o vendedor falou pra ela que não tem gelo, não forma gelo, aí ela adorou! Aí ela cismou com o tal de *frost free*. Ela chegou até em casa sorrindo, eu falei pra ela: já vem bomba!. Quando ela entra em casa sorrindo, eu até fico satisfeito quando ela está sorrindo, mas pode saber que vem bomba. Vimos, compramos, pronto! Quer comprar, comprou (Senhor LN, 63 anos de idade).

Além disso, encontraram-se casais em que a renda masculina ainda era a sustentadora da casa, enquanto em outros arranjos o dinheiro do trabalho feminino era visto como ajuda e destinado, apenas, para gastos pessoais femininos. Nota-se, assim como em outros estudos, que a provisão dos recursos financeiros familiares é

componente fundamentalmente da identidade masculina, ou seja, ainda é presente e forte a realidade dos homens enquanto provedores dos recursos financeiros para o núcleo familiar (FREITAS, 2009). Apesar dessa discussão, uma idosa entrevistada relatou que o marido nunca exerceu o papel de “chefe” e, por isso, foi a renda dela que sempre manteve a família no passado e, agora, o casal.

Em relação à divisão das tarefas domésticas para os arranjos conjugais, verificou-se a predominância da mulher no cuidado com a casa. Assim, apesar de a metade dos homens desses casais ajudarem nas tarefas, eram as esposas/companheiras que faziam a maioria dessas atividades. Ressalta-se que um casal entrevistado relatou que era o homem o responsável pelas atividades da casa, uma vez que a mulher, por problemas de saúde, não podia exercer tarefas pesadas ou que exigiam maior esforço físico e, com isso, ele realizava as tarefas de limpeza, enquanto a mulher cuidava da alimentação. Entre os entrevistados, notou-se que não era frequente o uso de empregadas domésticas ou faxineiras.

Eu sempre faço aquilo que ela deixa eu fazer porque, às vezes, eu quero e ela não quer que eu faça... (Senhor L., 70 anos de idade).

Sou uma mulher que não pode dar uma geral na casa. Não posso varrer, meu marido que varre. (...) O que ele pode fazer, ele faz. Varre o quintal, arruma a cozinha. A única coisa que ele não faz é cozinhar! (Senhora AS, 60 anos de idade).

Para os idosos pesquisados, componentes de famílias nucleares, a realidade mais citada foi a de um dos filhos morando com o casal idoso e, nesse caso, os filhos, em sua maioria, eram mulheres. Nesse contexto, a maioria das filhas contribuía com os trabalhos domésticos e, aquelas que não o faziam era porque estavam inseridas no mercado de trabalho em tempo integral. Duas idosas entrevistadas mencionaram que não recebiam ajuda nem do marido e nem dos filhos para realizar os trabalhos domésticos.

Em relação à administração dos recursos financeiros, todos os entrevistados mencionaram realizar a administração em conjunto, mas, na metade dos casos, a mulher não contribuía com a renda familiar. Além disso, a renda obtida pelos filhos era destinada apenas para gastos pessoais, ou seja, os filhos não contribuía, financeiramente, para o sustento da casa. Foram identificados casos em que a

preocupação em pagar o dízimo, para a igreja que frequentavam era prioridade entre os gastos.

Uma situação apresentada melhor pelas falas de idosas de famílias nucleares foi a existência das redes de apoio entre vizinhos, ou seja, existia a relação de troca, principalmente em relação a produtos alimentícios, entre as idosas entrevistadas e vizinhos ou amigos, o que contribuía para que o recurso financeiro pudesse ser alocado para diferentes fins, que não os alimentares.

Às vezes uma vizinha me dá uma verdura, eu dou uma banana, é assim, entendeu? Se eu faço uma coisinha boa eu levo para a vizinha, é assim. Não tem muita intimidade nas casas não, ainda mais que tem uma morando lá pertinho que veio da roça agora há pouco tempo, uma dona assim muito simpática, muito agradável; o quintal dela faz divisa com o meu quintal. Então, a gente está sempre trocando as coisas. Um dia desses ela me deu abobrinha, eu dei banana. Eu dei fruta-pão, ela me deu acerola. Quando a gente encontra, ela me abraça, me beija, uma dona de idade, pouco mais que eu também (Senhora M. C., 69 anos de idade).

No que diz respeito aos arranjos monoparentais, eram formados na totalidade por mulheres e seus filhos, em sua maioria, por viúvas e um filho, uma vez que os demais já saíram do núcleo familiar. Para Camarano *et al.* (1999), a situação de os idosos não viverem mais com seus filhos ou, de as mulheres idosas morarem sozinhas com seus filhos pode ser entendida a partir do estágio do ciclo de vida no qual as famílias com/de idosos se encontram.

Nesses arranjos, as tarefas domésticas eram mais bem distribuídas entre mães e filhos, sendo que, um núcleo, a idosa responsável apenas pelo preparo das refeições. A renda era proveniente, principalmente, das idosas, mas havia a possibilidade de, na falta de algum recurso, financeiro ou não, terem ajuda dos demais filhos. Assim, a prioridade para o gasto da renda estava relacionada aos remédios e alimentação.

As famílias ampliadas foram as que apareceram com menor frequência entre os entrevistados (6%). Nesses núcleos, onde foram entrevistadas idosas, todas participavam do projeto “Velha a Fiar” e, assim, mencionaram que a renda conseguida com a venda das peças produzidas era de grande importância para suas famílias. Em nenhuma dessas famílias, era a idosa a responsável pelas tarefas domésticas, ou seja, quando não eram os outros moradores da casa que realizam as tarefas, existia a presença da faxineira ou de empregada doméstica. Em relação aos

gastos e administração dos recursos financeiros, a saúde aparecia como prioridade mais uma vez; a preocupação em comprar/pagar os remédios estava em primeiro lugar.

Os dois últimos arranjos apresentados, famílias monoparentais e famílias ampliadas, evidenciaram a realidade em que, cada vez mais, o idoso se coloca como importante fonte de recursos financeiros para a família. Essa característica é colocada por autores como Camarano *et al.* (2004), como tendência nacional, que tende a aumentar.

Para os arranjos, que neste estudo se chamou de monoparentais ampliados²⁰, a figura das mães com filhos e netos prevaleceu, e em um caso foram encontrados uma idosa, sua filha, genro e netos morando juntos. Nesses casos, são os filhos que mantinham as despesas financeiras da casa, e a renda das idosas era para gastos pessoais. Apenas em um caso a renda da idosa era fundamental para ajudar na manutenção das despesas familiares. Em relação às tarefas domésticas, as idosas realizavam parte delas e recebiam ajudas dos demais integrantes do núcleo familiar. Nessas famílias, também foram encontrados relatos de idosas que têm, como prioridade para os gastos financeiros, o pagamento do dízimo à igreja de que participa.

Em todos os arranjos familiares apresentados, como dito inicialmente, não foi encontrada uma situação em que a entrada ou a participação nas atividades do Instituto Chica tenha sido promotora de fortes modificações na dinâmica familiar como um todo. Apesar disso, em relatos específicos, se pode perceber que as atividades melhoraram a integração social dos idosos e que situações proporcionadas pelo aprendizado no ambiente do Instituto são levadas para as esferas familiar e privada. Assim, mesmo que de forma indireta e pouco sentida, a participação nas atividades interfere nas relações e atividades familiares.

Mudou, porque isso faz com que a gente fique sempre junto. Como no teatro, dança, eu estou sempre com ela, né?! Então, nosso companheirismo melhorou porque estamos sempre juntos. Graças a Deus, até hoje, fazem 7 anos, nós nunca enjoamos um do outro. Nossa união parece que vai concretizando, cada vez mais (Senhor C, 60 anos de idade).

²⁰ Neste estudo, consideraram arranjos monoparentais ampliados como aqueles formados por um dos cônjuges e seus parentes diretos ou colaterais, ou seja, núcleos familiares onde estejam presentes um dos pais e seus descendentes e exista extensão das relações para avós, netos, genros, noras etc.

Nossa, tô aprendendo muita coisa. Eu tenho que aprender a mexer no Excel. Eu peço os outros pra fazer. Sou a síndica do prédio. É feito em uma planilha, eu paguei pra fazer. Mas todo mês eu mudo, entendeu? Mudou muito, se eu não tivesse nem noção de internet, estava fazendo na caneta, né? Deixando em um papel lá escrito. Somo todas as despesas, só vou clicando e já aparece lá. Na loja, é meu marido, agora vai informatizar a loja. Mas em casa sou eu (Senhora L., 69 anos de idade).

3.2. A inserção de idosos frequentadores do instituto Francisca de Souza Peixoto nos Programas de Responsabilidade Social Empresarial

No tocante à inserção dos idosos nos programas de RSE, além do tempo em que eles já participavam das atividades do Instituto Chica, verificou-se como e por que esses idosos iniciaram a participação em atividades para a terceira idade.

A maior parte dos entrevistados conheceu o Instituto Chica e começou a frequentar as atividades oferecidas por meio de um grupo para a terceira idade já existente em Cataguases, o Pró-Idoso. Nesse contexto, atividades antes desenvolvidas no espaço físico do Pró-Idoso passaram, no ano de 2005, a ser oferecidas nas instalações do Instituto Chica e, com isso, parte dos idosos que antes participavam das atividades oferecidas no Pró-Idoso, passou a frequentar o Instituto.

Além do conhecimento por meio do Pró-Idoso, os demais entrevistados mencionaram que conheceram o Instituto Chica ao irem com algum parente realizar outras atividades, por indicação de amigos que já participavam do Instituto, por indicação médica, por conhecerem pessoas que trabalhavam no Instituto e por terem visto apresentações de teatro.

Tem uns cinco anos já. Faço assim, treino *jiu-jítsu* e hidroginástica na cidade, mas faço o que eu posso. Cuido do meu garoto, trago ele e faço também. Porque ele estuda na APAE, aí eu sou acompanhante dele e entro no meio (Senhora RS., 76 anos de idade).

Tem uns 3 anos. Eu vim em uma festa aqui e gostei. E falei assim: Porque eles fazem e eu não posso fazer? Ah, eu vou entrar neste negócio e vou fazer também (Senhora TI, 65 anos de idade).

Entre os motivos pelos quais as atividades, inicialmente, foram procuradas, pode-se destacar que a busca por melhora na saúde foi a que mais apareceu nas falas dos entrevistados. De acordo com as falas, uma vez que entendem o envelhecimento como processo que será sentido por todos e que abrange múltiplos aspectos, a busca

por atividades como a ginástica, ioga e bate-pau esteve mais associada a questões de busca por melhoria da saúde.

Quando entrei aqui que me deu depressão. Tem uns dois anos mas não lembro bem certinho, as meninas que sabem. Na época eu estava muito fora de mim com a depressão. No meu caso não era remédio, por isso que eu vim procurar um grupo de pessoas com atividades que não me prejudicassem, que me ajudasse nesse sentido. Eu entrei e pedi para as meninas me arrumarem qualquer coisa para eu fazer. Só tinha ajudante para descartelar tecido e eu aceitei. Fui para a maquina um dia e não deu certo ai voltei para descartelar tecido e fiquei. Ai passei para bordar e deu certo, fiquei ate hoje (Senhora E., 74 anos de idade).

Eu fui consultar aí o médico me indicou para procurar a L. aqui, aí eu vim. Ele indicou para fazer atividade física. Deve ter... tem dois anos que estou fazendo. Eu caminhava, mas não foi muito tempo não, porque ele mandou eu caminhar e depois ele mandou eu caminhar e vir aqui. Então agora eu só estou vindo aqui, não estou caminhando não. Comecei por causa da saúde (Senhora M.C., 69 anos de idade).

Além da saúde, foi recorrente a busca por atividades que preenchessem o tempo ou que não permitissem ao idoso ficar ocioso em casa. Juntamente com esse aspecto e tendo em vista que a velhice é uma fase de novas adaptações, uma vez que novos papéis como o de viúvo(a), aposentado(a) e avô(ó) são adquiridos, há a necessidade de que esse processo de adaptação seja sentido com menor intensidade.

Vinha trazer meu menino e nesta parte da tarde eu não tinha nada o que fazer, ou eu ficava sentada ou eu ficava andando. A hora que ele está lá, agora, eu estou aqui (Senhora RS., 76 anos de idade).

Porque eu estava me sentindo muito sozinha em casa, com medo de depressão. Os filhos casaram e foram viver as vidas deles. É muito complicado, muito difícil para mim. Então, eu procurei me adaptar a nova vida, nova idade, procurando me adaptar as novas necessidades. Porque a melhor coisa que tem é trabalhar em grupo da terceira idade. Fui para o Pró-Idoso primeiro e lá eu entrei para a ioga e para o coral, foram as primeiras atividades que eu fiz. Depois, vim para cá, para o artesanato. Fazia muito enfeite de natal (Senhora ML., 66 anos de idade).

Nessas situações, percebe-se a ideia proposta pela Teoria da Atividade apresentada por Salgado (2007). Segundo esse autor, a etapa do envelhecimento é uma etapa de ressocialização, em que existem novos modelos de comportamento que podem e devem ser aprendidos e desenvolvidos, o que implica aprendizado de novos

papéis, como o de viúvo(a), solitário(a), aposentado(a) ou limitado(a) fisicamente e, nesse cenário, entra a importância da convivência e dos trabalhos em grupo para um envelhecimento saudável.

Observou-se que a questão da depressão, assim como a busca por melhora em relação a essa doença, também se manteve presente nas falas apresentadas.

A busca pela atividade de informática apareceu dentro do contexto da busca por novos aprendizados, ou seja, a vontade de aprender algo novo, juntamente com a vontade de vencer o desconhecido, foram falas mais recorrentes em relação aos idosos que frequentavam a informática.

Houve, ainda, o interesse por manter determinados relacionamentos ou buscar outros, além da necessidade de distração e, ou, o distanciamento de questões tidas como problemáticas no dia a dia. Na perspectiva da teoria da atividade levantada outrora, a melhor maneira de se viver o envelhecimento seria manter-se ativo até o fim da vida, evitando a inatividade relacionada aos estereótipos da velhice, por meio do engajamento em atividades sociais. Assim, quando um indivíduo perde papéis sociais por estar envelhecendo e se afasta da vida economicamente produtiva, deve procurar atividades que restabeleçam o convívio para que o sentimento de exclusão não seja profundo (SALGADO, 2007; LIMA *et al.*, 2008).

Ah, porque tem as amigas que estavam aqui, e a gente precisa fazer uns exercícios. Igual aqui, tem o alongamento, muito bom! (Senhora C., 69 anos de idade).

Porque as pessoas falam que é bom para a cabeça, aliviar dos problemas. Todo mundo tem problemas, né?! Eu acho que ajuda muito! (Senhora MD., 64 anos de idade).

Ainda em relação à busca pelas atividades do Instituto Chica, verificou-se que, enquanto as mulheres estavam mais motivadas a procurar atividades como a dança, costura, ginástica e a ioga, os homens estariam mais interessados na informática e na ginástica. Segundo os entrevistados, os homens se interessam mais por atividades que não são ou não estão presentes no Instituto, como jogos de baralho, dominó e festas. Essa questão suscita a discussão de que há diferenças na forma de se perceber o homem ou a mulher da terceira idade, e as mulheres são mais longevas, com maior participação em atividades e com mais cuidados em relação à saúde e à aparência em relação aos homens. Estes, por sua vez, apresentam-se menos

ativos e mais desleixados em termos de saúde e aparência, tendo preferência por atividades como assistir a TV ou jogos (AREOSA, 2004).

Quanto ao tempo em que os idosos deste estudo participavam das atividades no Instituto Chica, a Figura 2 demonstra que cerca de 27,3% deles não recordavam a época em que começou a frequentar as atividades. Apesar disso, daqueles que identificaram há quanto tempo estavam no Chica, nove estavam lá desde o ano em que as atividades começaram a ser oferecidas para a terceira idade, ou seja, 2005.

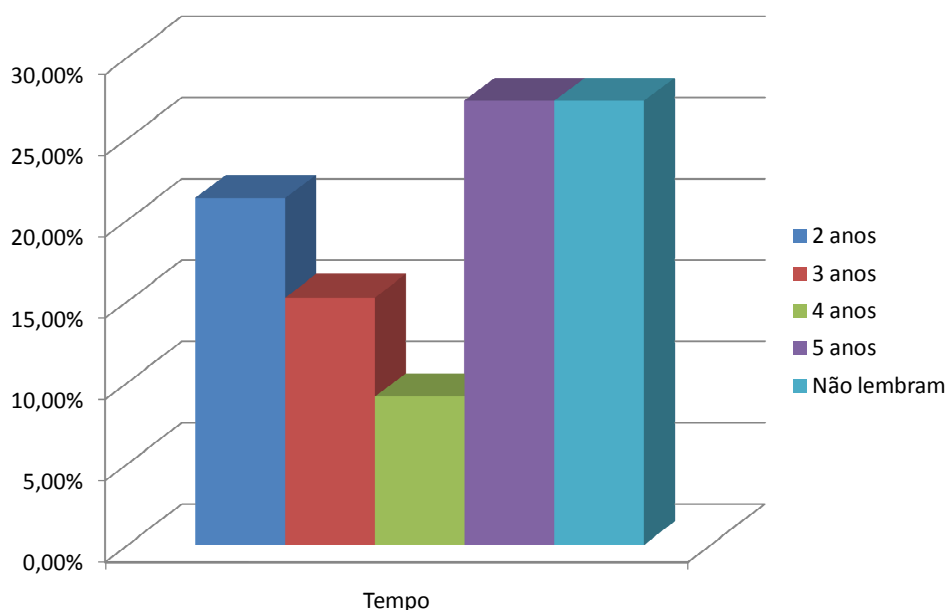


Figura 2 - Início da participação dos idosos entrevistados nas atividades do Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da Pesquisa

3.3. Percepção dos idosos frequentadores do Instituto Francisca de Souza Peixoto sobre os impactos dos Programas de Responsabilidade Social Empresarial no bem-estar pessoal e no processo de envelhecimento

Diante do objetivo principal deste estudo, analisar as percepções dos idosos sobre sua inserção nos programas de responsabilidade social e as implicações dessa inserção para o bem-estar pessoal e para o processo de envelhecimento, essa fase da análise dos resultados buscou destacar as falas que permeiam essa temática. Assim, de importância para o estudo, foi a identificação, principalmente, dos benefícios trazidos pelas atividades desenvolvidas no Instituto Chica para a terceira idade, uma vez que, diante dos idosos, os pontos negativos e, ou, prejuízos que poderiam ser desencadeados pelos programas de RSE são quase que inexistentes.

Com isso, em relação aos impactos trazidos pela participação nos programas de RSE desenvolvidos pelo Instituto Chica, foi possível destacar três aspectos, a saber: impactos pessoais, impactos de socialização e impactos familiares.

Questionados sobre as mudanças vivenciadas nessas três esferas, maior ênfase foi dada aos impactos pessoais vivenciados pelos idosos em relação às atividades realizadas no Instituto Chica. Nesse sentido, maior destaque foi relatado em relação à saúde, ao corpo e à mente, ou seja, estes são os que mais se beneficiaram ou ganhavam melhorias com a participação nas atividades desenvolvidas.

Em relação à saúde e ao corpo, os benefícios são traduzidos em termos de maior agilidade, ganho de força muscular, diminuição das dores musculares, ganho de energia física, melhoria e controle de doenças.

É importante, é muito importante. Se eu deixar de vir aqui umas duas vezes já começo a sentir o corpo diferente, doendo (Senhora M.C., 69 anos de idade).

Benefício pra saúde, acho que foi o mais importante. Eu fiz 2 anos de ioga, só não continuei por causa do horário. Como eu já fazia a natação, por causa da hérnia, é muito bom pra mim. Além disso, eu tenho bico de papagaio, uma inflamação que dói muito. Tenho que controlar com exercício mesmo, não posso ficar tomando antiinflamatório, que faz mal. Exercício ajuda muito, é essencial para uma vida saudável, você tem que se exercitar, tem que fazer, não pode ficar parada dentro de casa só com as coisas do lar (Senhora L., 69 anos de idade).

Olha, além da energia que melhorou, eu, graças a Deus, até minha pressão está certinha. Passo na farmácia todo dia pra medir pressão. Então, melhorou tudo de corpo, de cabeça, de tudo. (...) Eu não podia me abaixar. Se eu fizesse assim, estalava um negócio que daqui eu não levantava. Muitas vezes eu fui para a emergência aqui. E agora eu arrei lá no chão. Graças a Deus meu corpo é paradinho (Senhora DV, 77 anos de idade).

Falo para todo mundo entrar no Chica porque lá ajuda a viver, lá não fica doente, não fica com depressão. Fica uma pessoa viva! Depois que to no Chica, não gosto de tomar remédio ou ir no médico (Senhora L, 74 anos de idade).

Além dos ganhos com a saúde e o corpo, a questão de ajudar a mente a ficar sempre ativa foi também mencionada pelos entrevistados. Ainda foi encontrado, como aparece em parte da última fala apresentada, a questão de as atividades atuarem como minimizadoras de quadros depressivos, em que o idoso não tem ânimo para realizar as demais tarefas do dia a dia.

Meu físico melhorou, não é enferrujado, entendeu?! Pra você ver, eu faço tudo isso agora com oitenta e poucos anos, faço isso numa boa! Meu físico não é enferrujado, minha mente não é retardada, não falo devagar não, e não tenho essa mania de estar censurando, essa mania de estar falando dos outros. Não gosto disso, não faço aquilo! Eu faço de tudo, agora... vou tentar: Cê faz isso pra mim dona Rita? Vou tentar. Mas, sempre dá certo! Nunca digo não; vou tentar. Vou tentar, porque eu também não sei como vai reagir as coisas, né mesmo? A senhora aí fazer teatro? Vai depender do texto, se eu conseguir ler o texto, aí não me dêem em cima, me dêem um prazo pra mim decorar. Porque minha mente não é nova igual a sua, mas também não tenho dificuldade, entendeu?! Não tenho dificuldade (Senhora RC., 85 anos de idade).

A mente fica ocupada. Se a mente cair pra outra coisa, você perde o exercício que esta fazendo. A L. falou lá e você não ouviu. Já aconteceu comigo, quando tava muito preocupada, com meu filho no hospital, o pensamento entrou e quando eu vi, a L. tinha passado todos os exercícios. Tem que ficar ali, prestando atenção (Senhora C., 69 anos de idade).

Quando eu comecei aqui, eu não era muito boa, largava fogão ligado, luz acesa. Tinha que ir no psicólogo (Senhora L., 74 anos de idade).

Até esse momento, pode-se observar relação das falas dos entrevistados com o que alguns autores entendem por envelhecimento normal, ou seja, que o processo de envelhecimento traz, juntamente com o avanço da idade, processos físicos e psicológicos que são responsáveis pela diminuição da agilidade, dificuldade em relação à memorização e socialização, retardamento dos movimentos e da coordenação motora, menor flexibilidade nos movimentos, perda de equilíbrio, entre outros (RAMOS, 2007; PAPALÉO NETTO; PONTE, 2005; CAMPOBIANGO, 2003; BACELAR, 2002). Apesar disso, envelhecer não está diretamente relacionado a adoecer e é um processo que deve acontecer sabendo ou aprendendo a conviver bem com as limitações impostas pelos anos, mantendo-se sempre em atividade.

A partir daqui, pode-se verificar que os idosos pesquisados buscam um envelhecimento saudável, em que o desejável é envelhecer com participação e inclusão social, com qualidade e manutenção da autonomia dos indivíduos. Segundo Papaléo Netto e Ponte (2005), tudo isso pode ser entendido, também, como busca por um envelhecimento bem-sucedido. Assim, entende-se que, ao se pensar no envelhecimento saudável, é necessário preocupar com múltiplos fatores, como: saúde física e mental, independência na vida diária e econômica, integração social, suporte familiar, entre outros (LIMA *et al.*, 2008). O envelhecimento saudável vai estar

relacionado à maneira pela qual os idosos conseguem se adaptar às mudanças vivenciadas nessa fase da vida, principalmente em relação aos ganhos e as perdas com os quais se deparam.

Diante do exposto, outro ponto a ser destacado é a contribuição das atividades do Instituto Chica para o preenchimento do tempo dos idosos. Uma vez que as pessoas que envelhecem diante de uma fase nunca antes vivenciada e, que, por isso, demandam esforços no sentido adaptativo e de busca por atividades que ocupem o lugar do trabalho, do cuidado com os filhos e da própria convivência com o cônjuge ou outras pessoas da família, as atividades do Instituto Chica foram colocadas como fundamentais para essa adaptação e preenchimento do tempo.

A ioga, a gente passa a ter aquela responsabilidade, né? Levantar seis horas da manhã. Eu venho, tantas horas eu tenho que acordar, né? O que eu faço: pego meu uniforme, coloco em cima do sofá. Coloco tudo lá direitinho! A bolsa, não esqueço! Então, isso aí é uma coisa de responsabilidade mesmo (Senhora M.C., 69 anos de idade).

Porque eu considero como trabalho. Porque eu não sei fazer de qualquer jeito. Eu, quando faço uma coisa, me dou por inteiro! Todo dia eu tenho compromisso de horário, comunico quando não venho. Porque foi isso que completou o meu dia! Então, enquanto eu não ocupei meu tempo por inteiro eu não me senti legal! (Senhora MY., 69 anos de idade).

É muito importante! Para mim, é fundamental porque a gente, que não tem uma perspectiva de vida, vai fazer o que? Vai ficar em casa só arrumando casa? Fica louco porque casa nunca acaba de arrumar, comida nunca para de fazer, então tem que ter outra atividade. (...) Ajuda, dependendo da cabeça de cada um, ajuda demais. Ajuda a não envelhecer, porque a gente se sente útil, prosperando, progredindo (Senhora AG., 73 anos de idade).

Tenho hora para sair, tenho hora para chegar. Tenho lugar para ir, com gente da minha idade! Chega lá, para não falar de problemas, falam de coisas diferentes. É muito bom para a cabeça da gente. Aqui é proibido falar em problemas! Vamos representar, vamos cantar, gritar, fazer caretas! A gente esquece daquela parte triste da vida da gente, que todos nos temos (Senhora ML., 66 anos de idade).

Não, é muito bom. Bom pra mim, bom pra todos que participam! Está sempre ocupando a mente com alguma coisa que tira a mente daquele dia a dia, né? Eu me sinto bem por causa disto, ajuda, também, a não ficar ocupando a mente com uma coisa só, né? Então, estamos sempre em movimento, pensando: Amanhã tem isso... tantas horas (Senhor C., 60 anos de idade).

No que diz respeito aos impactos de socialização, que foram entendidos como os benefícios que os programas de RSE podem trazer para os contatos entre indivíduos, foi verificado que são benefícios de grande valia para os idosos. Muitas vezes, são esses impactos que fazem com que os entrevistados permaneçam e continuem frequentando a Instituição, pois, juntamente com a questão do relacionamento com outras pessoas, existe o fluxo de troca de sentimentos e experiências, entre outros. Com isso, apesar da discussão de que envelhecer torna as pessoas menos sociáveis e com menos interações sociais, as atividades do Instituto Chica proporcionavam certa reabilitação social. Ou seja, a partir do momento em que estão em contato com outras pessoas da terceira idade e com outras faixas etárias, novos contatos e amizades são firmados, trazendo, com isso, qualidade de vida melhor e mais saudável.

É o convívio. Você chega aqui, às vezes está meio triste, logo fica alegre. Chega uma, brinca; chega outra, brinca, e a gente acaba, às vezes, até esquecendo dos problemas. Tenho um contato saudável. (...) É tanta saudade, no trabalho antigo eu trabalhava, às vezes até vinte e quatro horas. Então, não sente tanta falta de atividade, porque depois que a gente aposenta, a gente sente muita falta de atividade (Senhora TI., 65 anos de idade).

É, porque eu penso assim, a gente pega amizade com as pessoas aqui, vai conversando com um, com outro, fala uma coisa, fala outra, e a aí gente pensa assim: Ah, não é só eu que tenho esses problemas, o outro também tem (Senhora M.C., 69 anos de idade).

Quando a gente está ensaiando o teatro, fica todo mundo empolgado com o texto pra decorar. Se tiver que cantar, estamos cantando. Se tiver que falar, estamos falando. Se tiver que gritar, a gente tá gritando. Chega o dia de vir, junta as colegas todas, tem muita amizade entre nós, as colegas do teatro e dança. É muito bom conviver assim, né?! Se ficar dentro de casa sozinha, os filhos já cresceram e foram pra outros rumos, e a gente ficar dentro de casa sozinha, sozinha, sem nenhuma atividade, sem nada... (Senhora EZ., 69 anos de idade).

Se eu ficar em casa fico isolada. Amigo a gente tem que estar perto. Ajuda a fazer mais amigos, gente que eu não tinha contato, to tendo. Adoro conviver com os jovens. Acho que a gente tem que acompanhar a evolução dos jovens. O teatro tá ajudando muito (Senhora Z., 76 anos de idade).

Conhecemos mais gente. Muitas vezes a gente vem pela ginástica, mas vem pelo convívio também (Senhor JR., 60 anos de idade).

Muitas mulheres relataram a situação de outrora quando se dedicaram única e exclusivamente aos cuidados com a casa e com os filhos, não possuindo contato com

outras pessoas fora do círculo de parentes e vizinhos e, portanto, não sabendo se comportar diante de situações que exigiam destreza com as pessoas. Além disso, algumas mulheres mencionaram que, quando casadas, sofriam com o ciúme do marido ou não podiam sair do contexto familiar para realização de outras tarefas. Nesses cenários, foi verificado que as atividades do Instituto Chica trouxeram grandes mudanças em termos de socialização, pois foi por meio delas que essas mulheres passaram a possuir amigos e a saber se comportar com vizinhos e pessoas próximas.

Na colocação de Neri (2007) trazida por Lima *et al.* (2008), uma velhice satisfatória resulta, também, da interação entre pessoas e de suas relações intra, extraindividuais e comunitárias. É a partir da inclusão social que se pode, portanto, resgatar, como valor para a sociedade, o indivíduo idoso e suas vivências (RAMOS, 2007).

Não tinha muitos amigos, vivia mais em casa, com os filhos. Aqui ajudou a ficar mais solta! (Senhora T., 74 anos de idade).

Eu nunca gostei de muito contato com vizinho, mas me dou bem com todo mundo. Quando vim para cá, já estava no Pró-Idoso, antes, eu não tinha amigas não. Não tinha nenhuma amiga. Depois, tudo mudou, tudo foi melhorando! (Senhora MD., 64 anos de idade).

Eu combinava bem com os vizinhos, mas parecia que tinha vergonha, entendeu? Parecia que tinha vergonha de cumprimentar as pessoas, procurar, conversar com as pessoas assim... Eu era mais fechada, muito mesmo (Senhora M.C., 69 anos de idade).

Depois disso que eu aprendi. Eu sempre tive vergonha de chegar nos lugares. Agora, depois de 50 anos que eu aprendi que você chega nos lugares e dá bom dia, boa tarde. Aí você entra, parece que entra com a alma lavada, não tem vergonha, parece que some tudo (Senhora V.M. 62 anos de idade).

As aulas de informática mostraram a inserção dos idosos no mundo tecnológico e quanto isso pode estar presente também nas relações sociais, pois, segundo Barbero (2002 citado por UYEHARA, 2004), a inovação tecnológica pode ser responsável por suscitar no homem o desenvolvimento de um novo ritmo de vida, assim como uma nova maneira de se relacionar com os objetos e com as pessoas. Assim, os entrevistados que participavam do curso de Informática relataram que o ganho de relacionamentos não ficou somente na esfera dos amigos feitos nas aulas ou no

Instituto, mas foi entendido como melhora dos relacionamentos familiares, uma vez que proporcionaram maior contato com a família extensa que não vivia próximo a eles.

Comunicação com amigos, poder se relacionar com seus filhos de longe, parentes, cunhados, estou sempre em contato. Só tenho dois irmãos, sou a caçula. Então, sempre me comunico com eles pela internet. Mas o instituto me deu muita força sim. Até hoje eu participo porque eu gosto da internet (Senhora L., 69 anos de idade).

Acho que eu já estava bastante socializado, o que trouxe foram amigos virtuais, que eu não conheço pessoalmente. Só isso! É uma convivência virtual, mas convivência! (Senhor L., 70 anos de idade).

Em relação aos impactos familiares, já discutidos anteriormente, menor ênfase foi identificada, ou seja, uma vez que se buscou verificar quais os impactos que a participação nas atividades do Chica poderiam trazer para a dinâmica familiar como um todo e poucos relatos mencionaram mudanças. Segundos os idosos entrevistados, participar de atividades para a terceira idade pouco alterava a dinâmica familiar, e isso pode ser entendido a partir do momento em que os próprios idosos se colocavam como pessoas independentes, tendo controle e autonomia para tomar decisões e reger suas vidas. Essa independência mencionada é explicada por Herédia e Casara (2000 *apud* AREOSA, 2004), como não precisar de ajuda para realizar as tarefas. Além disso, partem do princípio de que ter saúde na velhice não significa somente a ausência das doenças, mas, sim, a presença da autonomia e da independência.

Apesar disso, a fala apresentada a seguir resume o que é o sentimento em relação ao convívio familiar e como as atividades vêm suprir carências nesse cenário. A sociedade e as famílias não estão preparadas para suprir as necessidades naturais decorrentes do processo do envelhecimento e proporcionar a assistência e o carinho especial de que o idoso necessita (GODOY; RIBEIRO, 2005). Para Dias (2007), tradicionalmente os idosos têm a expectativa de serem cuidados por parentes próximos. Apesar disso, ressaltando que a mudança na estrutura familiar e o aumento das atividades laborais de seus membros reduzem o tempo para a convivência intergeracional, essa realidade tem sofrido alterações.

Com isso, pode-se inferir que, apesar de não mudar a dinâmica familiar como um todo, a participação nas atividades trabalha com o sentimentalismo familiar e

com a adaptação dos idosos no que diz respeito a um melhor bem-estar e aceitação com a fase de envelhecimento.

Acho que eu não vivo sem o grupo da terceira idade mais, eu não consigo! Consegui trocar a família pelo grupo da terceira idade. Ninguém pode ficar me dando atenção, eu ando pouco e não posso ficar indo na casa dos outros. A família é grande, mas a gente se fala muito por telefone. Todo mundo se adora mas cada um no seu canto, né? E eu e duas tias minhas já viemos para estes grupos da terceira idade, Pró-Idoso e Instituto. É isso que ajuda a gente a viver, sem dúvida. Lá, somos todos iguais, aqui somos todos iguais! Ninguém é mais velho que ninguém, ninguém é mais gordo que ninguém. Então, a gente se sente igual. Isso é muito bom porque a gente sente que ainda tem coisa para viver, né?! Não pode se entregar e ficar pedindo a morte de jeito nenhum. (...) Eu sempre falo para minhas amigas que nós somos felizes porque alcançamos a terceira idade com muita atividade. Porque a 10 anos atrás, os velhos não tinham muito que fazer, era um implicando com o outro. Agora não, a gente sai e quando chega está cansado, toma banho e vai ver uma novela. Então, melhora o ritmo de atividade em casa e na rua também. Melhora tudo! (Senhora ML., 66 anos de idade).

No que se refere aos impactos negativos que os programas de RSE poderiam trazer para os idosos, foi discutido o fato de que conviver com pessoas é difícil e, nesse sentido, fazer atividades com maior número de pessoas implica focos ou falas da vida alheia que nem sempre são bem vindas.

Um fala do outro, o cochicho não acaba, tem muito fuxico e futrica (Senhora L., 74 anos de idade).

Foram mencionados, por alguns idosos, pontos negativos em relação às atividades oferecidas, que deveriam ser mais frequentes e exigir mais deles. Nesse sentido, os entrevistados colocavam que as aulas de exercícios físicos poderiam ser dadas mais vezes por semana, enquanto atividades como informática, além de oferecidas mais vezes por semana, deveriam ensinar conteúdos diferentes e mais profundos. Com esses relatos, pode-se inferir que, de certa forma, os próprios idosos, apesar de entenderem que possuem alguma dificuldade de memorização e aprendizado, colocaram-se abertos para novas experiências e situações que exijam superação. Além disso, questionavam as atividades no sentido de que, por mais benéficas que fossem, subestimavam a capacidade adaptativa e de aprendizado desses idosos, uma vez que não exigiam maiores esforços deles.

A mudança que os entrevistados colocaram como pontos negativos estimularia os idosos a serem mais ativos e pensarem mais em atividades futuras, pois, segundo Costa Lopes (2007), a partir do momento que os idosos investem no presente, eles criam melhores expectativas para um futuro e, com isso, alimentam novos aprendizados e criam novos projetos. Com isso, entende-se que os idosos do Instituto Chica se sentiriam mais motivados, exerceriam mais atividades que ocupassem o tempo livre e aprenderiam mais, ficando, assim, mais satisfeitos com eles mesmos, com a forma que envelhecem, com as atividades realizadas e com a própria Organização.

4. CONCLUSÕES

Diante do que foi proposto inicialmente, analisar as percepções dos idosos sobre sua inserção nos programas de responsabilidade social e as implicações dessa inserção para o bem-estar pessoal e para o processo de envelhecimento pelo qual estão passando, identificou-se que muito mais importante são os benefícios trazidos pelas atividades desenvolvidas no Instituto Chica para a terceira idade, uma vez que pontos negativos e, ou, prejuízos são quase que inexistentes aos olhos dos idosos.

Entre os benefícios, estes foram sentidos como mais presentes nas áreas da saúde e da sociabilização com as pessoas. Pode-se entender que são esses impactos que fazem com que os idosos permaneçam e continuem a frequentar o Instituto Chica, pois, juntamente com a questão do relacionamento com outras pessoas, existe o fluxo de troca de sentimentos e experiências vivenciados com bastante intensidade.

Dos pontos negativos, pode-se inferir que, apesar de negativos, demonstram quanto os idosos estão satisfeitos com as atividades realizadas, assim como a vontade de continuação tanto dos programas quanto da participação nas atividades. Embora vivenciassem as carências biológicas naturais do processo de envelhecimento, os idosos demonstraram que as atividades do Chica preenchiam o tempo antes dedicado ao trabalho, aos filhos, à casa, entre outros, o que pode torná-los mais felizes e com uma melhor percepção de sua qualidade de vida.

O fato de a participação nos programas de RSE não apresentar pontos negativos marcantes pode ser entendido tendo em vista o motivo da busca dos idosos pelas atividades e os benefícios por eles levantados. Nessa visão, uma vez que os idosos buscaram melhoria nos aspectos da saúde, mente e sociabilização e

entenderam que são nesses aspectos que possuem melhorias ao participarem das atividades, eles se sentiam extremamente satisfeitos com o Instituto e com o próprio processo de envelhecimento.

Considerando os dados apresentados e discutidos, pode-se concluir que, além de os idosos do Instituto Chica apontarem para uma velhice mais ativa, feliz, de autonomia e independência, são os idosos que têm mais consciência de suas possibilidades enquanto atores de seus processos de envelhecimento, ou seja, além de entenderem a velhice como processo natural, entendem que atividades como aquelas que praticavam são fundamentais para possuírem motivações, ocupações e aprendizado constante. Nesse contexto, formam a ideia de que envelhecem com mais satisfação e bem-estar, tanto no âmbito pessoal quanto no familiar e social.

Outras pesquisas podem, além da busca da comparação do comportamento e percepção de outros grupos de pessoas idosas, investigar como investimentos estatais e empresarial podem interferir na percepção e processo de envelhecimento para as relações familiares e suas consequências.

5. REFERÊNCIAS

AREOSA, S. V. C. O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento?. **Textos & Contextos**, n. 3, 2004.

BACELAR, R. **Envelhecimento e produtividade**: processos de subjetivação. 2. ed. rev. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002.

BALDESSIN, A. O idoso: viver e morrer com dignidade. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**: velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2005.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. Presidência da Republica. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

BOUTIQUE, N. C.; SANTOS, R. L. A. Aspectos socioeconômicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**: velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2005.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; PASINATO, M. T. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Novos idosos brasileiros: muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; BELTRÃO, K. I.; PASCOS, A. R. P.; MEDEIROS, M.; CARNEIRO, I. G.; GOLDANI, A. M.; VASCONCELOS, A. M. N.; CHAGAS, A. M. R.; OSÓRIO, R. G. Como vai o Idoso Brasileiro?. In: **Textos para discussão** – Rio de Janeiro, IPEA, 1999.

CAMPOBIANGO, C. R.; FARIAS, R. C. P.. A importância do vestuário na qualidade de vida do idoso. In: Congresso Brasileiro, e Encontro Latino-Americano de Economia Doméstica, 5., 2003, Guarapari. **Anais...** Guarapari, ES: ABED, CFED e CRED, 2003.

COSTA LOPES, R. G. Imagem e autoimagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, A. L. **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC, 2007.

DIAS, I. G. **A institucionalização asilar na percepção do idoso e de sua família**: o estudo do “Lar dos Velhinhos” – Viçosa/MG. 2007. (Mestrado) – Dissertação Universidade Federal de Viçosa. 2007.

DUARTE, G. D.; DIAS, J. M. **Responsabilidade social: a empresa hoje**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1986.

FREITAS, W. M. F.; CAVALCANTE DA SILVA, A. T.; CARDOSO COELHO, E. A.; GUEDES, R. N.; LUCENA, K. D. T.; COSTA, A. P. T. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Revista Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.

GODOY, R. M. de; RIBEIRO, R. C. S. Programas de preparação para a aposentadoria: uma responsabilidade social das empresas. In: **A terceira idade: as políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no Estatuto do Idoso**, São Paulo, SESC, v. 16, n. 34, p. 1-104, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de indicadores sociais 2008**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1>. Acesso em: out. 2008.

INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO. Disponível em: <<http://www.chica.org.br/institucional/missao/conheca/conheca.htm>>. Acesso em: out. 2008.

LIMA, A. M. M. de; SILVA, H. S. da; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 27, 2008.

MOTTA, A. B. Viúvas: o mistério da ausência. **Estud. Interdiscip. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, 2005.

NERI, A.L. *et al.* **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: SESC, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento - 2002**. Trad. por Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

PAPALÉO NETTO, M.; PONTE, J. R. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo. Atheneu, 2005.

RAMOS, Marília. Os sintomas depressivos e as relações sociais na terceira idade. **Rev. Dep. Psicol., UFF**, Niterói, v. 19, n. 2, 2007.

ROCHA, C.; GOBBI, I.; MAZZARINO, M.; KRABBE, S.; AREOSA, S. V. C. Como mulheres viúvas de terceira idade encaram a perda do companheiro. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 65-73, jul./dez. 2005.

SALGADO, M. A. Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. A terceira idade: estudos sobre envelhecimento. **Políticas Públicas para a Habitação do Idoso**, São Paulo, SESC, v. 18, n. 39, p. 1-96, 2007.

TÔRRES. E. M. **A viuvez na vida dos idosos**. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Escola de Enfermagem, 2006.

UYEHARA, A. M. G. **Responsabilidade social e envelhecimento: o que as empresas tem a ver com isso?**. Concurso Talentos da Maturidade – Banco Real. São Paulo, 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você é velho não tanto quando tem uma certa idade, mas quando tem certos pensamentos.

Você é velho quando lembra as desgraças e as ofensas sofridas e esquece as alegrias e os dons que a vida lhe ofereceu.

Você é velho quando se aborrece com as crianças que correm, as meninas que conversam animadamente, os jovens que se beijam.

Você é velho quando continua a louvar os tempos antigos e lamenta toda a novidade.

Você é velho quando não gosta mais do canto dos pássaros, do azul do céu, do sabor do pão, da frescura das águas, da beleza das flores.

Você é velho quando continua a dizer que precisa ter os pés no chão e apaga da sua vida a fantasia, o sonho, o risco, a poesia, a música.

Você é velho quando acha que terminou para você a estação da esperança e do amor.

Você é velho quando pensa na morte como um descer ao túmulo ao invés de subir ao céu.

Se, ao contrário, você ama, espera, ri, então Deus alegre a sua juventude, mesmo que você tenha 90 anos.

Anísio Baldessin (2005)

As entidades privadas, juntamente com o Estado e demais organizações, são participantes diretos dos conflitos sociais e, portanto, influentes nos rumos da vida em sociedade. Programas de responsabilidade social desenvolvidos por instituições privadas surgem como apoiadores indiretos para uma velhice saudável, ou seja, suprem a pouca eficiência do Estado em prover políticas públicas úteis para um envelhecimento saudável, tanto física quanto mental e socialmente.

Embora este estudo tenha se restringido a uma pequena população de idosos participantes de programas de responsabilidade social desenvolvidos por uma

empresa, os resultados demonstraram que a população idosa demanda ações sociais que minimizem carências, sejam elas referentes a renda, saúde, mente ou socialização. Nesses aspectos, as mulheres demonstraram-se mais carentes do que os homens e estes, por sua vez, demonstraram-se menos receptivos a qualquer ação que venha a modificar, ainda mais, a vida diária.

O processo de envelhecimento deve ser visto ou estudado com base em aspectos múltiplos, pois cada realidade é responsável por imprimir significados em sua população e no que esta faz, pensa, age ou vive. Além disso, envelhecer deve ser entendido com demarcação cultural e de gênero, uma vez que homens e mulheres não estão sob as mesmas condições sociais e, ou, biológicas.

Diante desses olhares, percebeu-se que os idosos do Instituto Chica têm representação social positiva do processo de envelhecimento, o que indica velhice ativa, feliz, de autonomia e independência, possibilitando a realização de projetos de vida outrora não possíveis de serem realizados.

Provavelmente, essa realidade não seria a mesma se não tivessem sido encontrados benefícios significativos, presentes em termos de saúde e socialização, trazidos pelos programas de responsabilidade social dos quais os idosos participavam. Verificou-se que são esses efeitos que fazem que os idosos permaneçam e continuem a frequentar o Instituto Chica, pois, juntamente com a questão do relacionamento com outras pessoas, existe a troca de sentimentos e experiências vivenciados com intensidade.

A questão do sentimento de carinho e cuidado tornou-se primordial e indissolúvel de todo o fenômeno aqui estudado, ou seja, entre os resultados já apresentados, vale o destaque, tanto por parte dos atores estratégicos quanto dos idosos, à atmosfera de carinho e de cuidado, na qual as atividades do Instituto Chica são oferecidas e realizadas. Nesse sentido, coloca-se que são esses sentimentos que constituem os elos que unem e proporcionam diálogo entre público-alvo e organização, fazendo que o esperado pelo primeiro seja o proposto pelo segundo.

O fato de os participantes dos programas de RSE não terem focado pontos negativos marcantes, levando em consideração que buscavam melhora nos aspectos da saúde, mente e socialização e entendendo que são nesses aspectos que possuem melhorias qualitativas, faz entender que se sentem extremamente satisfeitos com o Instituto e com o próprio processo de envelhecimento.

Entende-se que todos esses aspectos demonstram o quanto os idosos estão satisfeitos com as atividades realizadas, assim como a vontade de que haja continuidade tanto dos programas quanto da participação neles. Assim, embora vivenciem as carências biológicas naturais do processo de envelhecimento, os idosos demonstraram que as atividades do Chica preenchem o tempo antes dedicado ao trabalho, filhos e casa, entre outros, o que os torna mais felizes e com melhor percepção de sua qualidade de vida.

Por tudo isso, pode-se concluir que, além dos idosos do Instituto Chica apontarem para uma velhice mais ativa, feliz, de autonomia e independência, são idosos que têm consciência de suas possibilidades enquanto atores de seus processos de envelhecimento. Ou seja, além de entenderem a velhice como processo natural, consideram as atividades praticadas como fundamentais para possuírem motivação, ocupação e aprendizado constante. Nesse contexto, formam a ideia de que envelhecem com mais satisfação e bem-estar pessoal, familiar e social.

Os resultados ainda permitem concluir que a visão dos responsáveis pelo fomento das ações sociais, juntamente com aquela da terceira idade, são argumento ímpar para que as empresas continuem investindo ou comecem a investir em programas específicos para os idosos. Os custos financeiros revertidos para os fins sociais acabam não sendo vistos como ônus no orçamento empresarial, mas, sim, como novo tipo de investimento e benefício. Enfim, investir em ações sociais voltadas para a terceira idade pode ser um ganho para todos os envolvidos. Apesar disso, ainda é necessário buscar uma forma de atender a diferente demanda entre homens e mulheres para serem desenvolvidos novos e melhores projetos.

Certamente, a discussão levantada não se esgota aqui, mas ajuda a abrir novos caminhos para outras pesquisas que possam trabalhar com as temáticas da velhice, idoso, terceira idade e dos programas de responsabilidade social empresarial, no sentido de buscar novos entendimentos e revertê-los em melhorias sociais para essa categoria populacional. Novos estudos poderiam buscar a comparação do comportamento e da percepção de um conjunto equivalente aos idosos aqui estudados, mas que não frequentassem programas de responsabilidade social empresarial para, com isso, ampliar o campo da pesquisa. Ainda, pode ser estudado como investimentos em cultura e educação ao longo da vida influenciam ou interferem na forma de se perceber o processo de envelhecimento e suas consequências. Pela amplitude de implicações e campos que envolvem esses

assuntos, verificou-se a necessidade de aprofundar o conhecimento e os estudos no que se refere à identificação dos programas de responsabilidade social, bem como os efeitos desses programas para os indivíduos da terceira idade. Dessa forma, tornar-se-ia possível maior conhecimento sobre esses atores sociais e suas especificidades, bem como a utilização desses conhecimentos científicos para futuras ações em prol desse segmento social, expandindo-se, assim, um domínio potencial para novos trabalhos de pesquisa conjunta entre empresas, entidades públicas e acadêmicas.

As limitações encontradas durante a realização desta pesquisa dizem respeito à (1) dificuldade de marcar e realizar as entrevistas com maior número de idosos, uma vez que eles, inicialmente, não foram receptivos à pesquisa; e (2) às características da cidade de Cataguases que podem diferir de outras com igual tamanho, devido ao seu contexto histórico e cultural, o que pode repercutir nas características e acesso da população a determinados programas e projetos, principalmente como os da esfera social, exemplo dos programas de responsabilidade social empresarial estudados. A metodologia utilizada, no que se refere à forma de coleta dos dados e apesar de ter demandado grande esforço e tempo da pesquisadora para sua elaboração e, principalmente, para a compilação dos dados conseguidos por meio das entrevistas e depoimentos, supriu as demandas do estudo de forma satisfatória, sendo, assim, muito interessante para outros estudos.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS ATORES ESTRATÉGICOS

DADOS DO RESPONDENTE

Nome:

Idade:

Cargo ocupado na organização:

Tempo em que trabalha na organização:

Principais responsabilidades na organização:

ENTREVISTA

1. Falar sobre a Responsabilidade Social Empresarial (RSE):

a) Conceito

b) Utilização da RSE na Organização.

c) Porquê do interesse em investir na RSE.

d) O que o Instituto Chica veio contribuir para as ações sociais da organização.

e) Parcerias com outras organizações (governo, Ong's, empresas, comunidade, escolas, igrejas) para a realização das ações sociais.

f) Investimento da empresa no Instituto (material, financeiro).

g) Incentivos fiscais, ou não, para atuar na RSE.

h) Divulgação da RSE praticada pela organização (como é feita, para quem é feita, para quem é destinada, porque é feita).

i) Importância da prática da RSE para a(s) organização(ões). Porque se tem investido em RSE.

2. Falar da terceira idade:

- a) Conceito de idoso e, ou, terceira idade.
- b) Como e porque se deu o interesse por este público.
- c) Como este público vem sendo atendido pelos programas de RSE desenvolvidos.
- d) Reação dos idosos aos programas de RSE.
- e) Porque existe maior procura das mulheres da terceira idade, em relação aos homens da mesma idade, pelos programas/atividades do Instituto Chica.

3. Falar dos custos e retornos da RSE voltada para a terceira idade:

- a) Como são pensados os programas voltados para a terceira idade (planejamento, avaliação, existência da participação do idoso).
- b) Benefícios proporcionados pelos programas de RSE aos idosos.
- c) Contribuição dos programas de RSE para uma inclusão social dos idosos.
- d) Contribuição dos programas de RSE para um envelhecimento bem-sucedido.
- e) Custos que este tipo de investimento tem trazido à Organização.
- f) Retornos que este tipo de investimento tem trazido à Organização.
- g) Até que ponto é interessante para a Organização investir em programas para a terceira idade.
- h) Interesse na continuação dos programas que atendam o público da terceira idade.
- i) Existência de metas no curto, médio ou longo prazos de melhorar os investimentos em programas que atendam o público idoso.

APÊNDICE B

CADASTRO PARA ENTREVISTAR OS IDOSOS

NOME: _____

SEXO: () FEMININO () MASCULINO

IDADE: _____

TELEFONE PARA CONTATO: _____

ESCOLARIDADE: _____

CIDADE ONDE NASCEU: _____

CIDADE ONDE MORA: _____

ESTADO CIVIL: () CASADO () AMIGADO () VIÚVO
() SOLTEIRO () SEPARADO

É APOSENTADO: () SIM () NÃO

PROFISSÃO: _____

RENDA MÉDIA MENSAL (QUANTO RECEBE POR MÊS): R\$ _____

NÚMERO DE FILHOS: _____

PESSOAS COM QUEM MORA: _____

TEM DISPONIBILIDADE PARA VIR AO INSTITUTO FORA DO HORÁRIO
DAS AULAS? () SIM () NÃO

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO PARA OS IDOSOS

DO IDOSO

Nome:

Idade:

Renda média mensal: R\$

DO ENVELHECIMENTO

1. Você se considera uma pessoa idosa? Por quê?
 sim não
2. O que marcou o início do seu envelhecimento?
 Idade Aposentadoria Aparecimento de alguma doença
 Perda de sentidos Saída dos filhos de casa outro
3. Sua vida teve mudanças após completar 60 anos? Quais?
 sim não
4. Como você avaliaria o funcionamento dos seus sentidos:
 - a. Audição: Muito ruim Ruim Nem ruim nem boa Boa
 Muito boa
 - b. Visão: Muito ruim Ruim Nem ruim nem boa Boa Muito boa
 - c. Paladar: Muito ruim Ruim Nem ruim nem boa Boa Muito boa
 - d. Olfato: Muito ruim Ruim Nem ruim nem boa Boa Muito boa
 - e. Tato: Muito ruim Ruim Nem ruim nem boa Boa Muito boa

5. As perdas nos seus sentidos afetam sua vida diária?
() Nada () Muito pouco () Mais ou menos () Bastante () Extremamente
6. As perdas nos sentidos afetam a sua capacidade de participar em atividades?
() Nada () Muito pouco () Mais ou menos () Bastante () Extremamente
7. O funcionamento dos seus sentidos afeta a sua capacidade de interagir com outras pessoas?
() Nada () Muito pouco () Mais ou menos () Bastante () Extremamente
8. Você está satisfeito(a) com a sua saúde?
() muito insatisfeito () insatisfeito () mais ou menos satisfeito
() satisfeito () muito satisfeito
9. Você sente dores físicas? () sim () não
10. Você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
11. Você é acompanhado por algum médico? () sim () não
12. Você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
13. Você tem disposição suficiente para seu dia a dia?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
14. Você gosta da sua aparência física?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
15. Você está satisfeito(a) com o seu sono?
() muito insatisfeito () insatisfeito () mais ou menos satisfeito () satisfeito
() muito satisfeito
16. Você está satisfeito(a) com sua capacidade de desenvolver as atividades do seu dia a dia?
() muito insatisfeito () insatisfeito () mais ou menos satisfeito () satisfeito
() muito satisfeito
17. Você está satisfeito(a) consigo mesmo(a)?
() muito insatisfeito () insatisfeito () mais ou menos satisfeito () satisfeito () muito satisfeito
18. Com que frequência você tem sentimentos negativos, como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?
() nunca () algumas vezes () frequentemente () muito frequentemente
() sempre

19. Envelhecer foi ter mais qualidade de vida para você?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
20. Você considera que envelheceu bem?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
21. Você se sente capaz para continuar aprendendo mesmo estando na terceira idade?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
22. Você tem suporte da sua família?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente

DA BUSCA PELAS ATIVIDADES DO INSTITUTO

1. Como conheceu o Instituto Chica?
() Pró-idoso () Por um amigo () Por um familiar
() Propaganda () outro
2. Quando começou a frequentar o Instituto?
3. Por que começou a frequentar o Instituto?
4. Alguém lhe incentivou a participar das atividades? Quem?
() sim () não
5. Gosta destas atividades? Pq?
() sim () não
6. Para você o Instituto Chica é:
() muito ruim () ruim () nem ruim nem bom () bom () muito bom
7. Estas atividades melhoraram sua qualidade de vida?
() sim () não
8. Quais são os maiores benefícios trazidos para você por estas atividades? Se tiver mais de uma resposta, estabeleça a ordem de prioridade colocando o número 1 na que for mais importante.
() é lazer () é diversão
() traz tranquilidade () ajuda a descansar e relaxar
() ajuda a esquecer os problemas () ajuda a fazer mais amigos
() traz cultura () ajuda a me sentir mais jovem
() outro
Quais?: _____
9. Quais os prejuízos destas atividades?
10. O que seus familiares/amigos acham de você participar destas atividades?

11. O que mudou na sua vida após iniciar as atividades no Instituto?
12. Você acredita que estas atividades ajudam a envelhecer melhor? Por quê?
13. Você sabe o que é responsabilidade social? Em caso afirmativo, o que você entende como Responsabilidade Social? () sim () não

DA VIDA FAMILIAR ANTES DA PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DO INSTITUTO

1. Antes de participar das atividades do Instituto, suas condições de vida familiar eram as mesmas de hoje? () sim () não
2. Caso a resposta anterior tenha sido “não”: em que aspectos houve mudança?
() residência () convivência familiar () relacionamento familiar () outro
3. Com quem residia:
4. Sua residência era: () alugada () própria () cedida
5. Você era satisfeito com as condições do local onde morava?
() muito insatisfeito () insatisfeito () mais ou menos satisfeito () satisfeito
() muito satisfeito
6. Você teve que realizar alguma mudança na estrutura da residência quando começou a envelhecer? Quais? () sim () não
7. Como era o relacionamento com os membros familiares?
() bom e próximo () de dependência financeira () de dependência física
() de dependência emocional e afetiva () distante e conflituoso
Por quê? _____
8. Você era feliz/satisfeito com a forma com a qual se relaciona com sua família?
Por quê?
() não () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
9. Como seu dia era preenchido?
10. Quais eram as suas tarefas (principais) dentro de casa?
11. Você se sentia uma pessoa útil em casa?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
12. Você contribuía com a renda familiar?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente

13. Quem é o principal responsável pela renda da família?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
14. Quem decidia como seria gasto o dinheiro da família?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
15. Quem controlava como seria gasto o dinheiro da família?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
16. Quando recebia o salário/aposentadoria, quais eram suas prioridades? Numere, sendo a primeira das necessidades a mais importante (número 1):
() pagar as contas (luz, água, telefone)
() alimentação (fazer compra de comida)
() lazer (fazer passeios, ir a festas...)
() saúde (comprar remédios, ir ao médico, fazer exames)
() educação (escola, materiais escolares, uniformes)
() compra de roupas e sapatos (artigos do vestuário)
() pagar aluguel
() compra de supérfluos
() transporte
() outros. Quais: _____
17. Quem era o principal responsável pelas tarefas domésticas?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
18. Quem ajudava na realização das tarefas domésticas?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
19. Você tinha autonomia para tomar decisões dentro de sua família?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
20. Você sentia que as pessoas da sua família respeitavam sua liberdade?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
-

DA VIDA FAMILIAR APÓS A PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DO INSTITUTO (ATUALMENTE)

1. Sua residência é: () alugada () própria () cedida
2. Você está satisfeito com as condições do local onde mora?
() muito insatisfeito () insatisfeito () mais ou menos satisfeito
() satisfeito () muito satisfeito
3. Como é o relacionamento com os membros familiares?
() bom e próximo () de dependência financeira () de dependência física
() de dependência emocional e afetiva () distante e conflituoso
Por quê? _____
4. Você é feliz/satisfeito com a forma com a qual se relaciona com sua família? Por quê?
() não () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
5. Como o seu dia é preenchido?
6. Quais são as suas tarefas (principais) dentro de casa?
7. Você se sente uma pessoa útil em casa?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
8. Você contribui com a renda familiar?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
9. Quem é o principal responsável pela renda da família?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
10. Quem decide como será gasto o dinheiro da família?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
11. Quem controla como será gasto o dinheiro da família?
() respondente () filhos () idoso
() cônjuge () outros. Especifique: _____
12. Quando recebe o salário/aposentadoria, quais são suas prioridades? Numere, sendo a primeira das necessidades a mais importante (número 1):
() pagar as contas (luz, água, telefone)
() alimentação (fazer compra de comida)
() lazer (fazer passeios, ir a festas...)
() saúde (comprar remédios, ir ao médico, fazer exames)

- educação (escola, materiais escolares, uniformes)
 compra de roupas e sapatos (artigos do vestuário)
 pagar aluguel
 compra de supérfluos
 transporte
 outros. Quais: _____
13. Quem é o principal responsável pelas tarefas domésticas?
- respondente filhos idoso
 cônjuge outros. Especifique: _____
14. Quem ajuda na realização das tarefas domésticas?
- respondente filhos idoso
 cônjuge outros Especifique: _____
15. Você tem autonomia para tomar decisões dentro de sua família?
- nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente
16. Você sente que as pessoas da sua família respeitam sua liberdade?
- nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente

DA VIDA SOCIAL ANTES DA PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DO INSTITUTO

-
1. Tinha contato com outras pessoas que não eram seus familiares? Amigos, colegas, vizinhos?
- nunca algumas vezes frequentemente
 muito frequentemente sempre
2. Como era o relacionamento com estas outras pessoas?
- bom e próximo de dependência financeira de dependência física
 de dependência emocional e afetiva distante e conflituoso
 Por quê? _____
3. Você era feliz/satisfeito com a forma com a qual se relacionava com outras pessoas? Por quê?
- não muito pouco mais ou menos bastante totalmente
4. Você tinha uma vida social ativa?
- não muito pouco mais ou menos bastante totalmente
5. Quais eram as suas tarefas (principais) fora de casa?

6. Você se sentia uma pessoa útil fora do ambiente familiar?
 nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente
7. Você tinha autonomia para tomar decisões fora do ambiente familiar?
 nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente
8. Você sentia que as pessoas fora do ambiente familiar respeitavam sua liberdade?
 nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente

DA VIDA SOCIAL APÓS A PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES DO INSTITUTO (ATUAL)

1. Tem contato com outras pessoas que não sejam seus familiares? Amigos, colegas, vizinhos?
 nunca algumas vezes frequentemente
 muito frequentemente sempre
2. Como é o relacionamento com estas outras pessoas?
 bom e próximo de dependência financeira de dependência física
 de dependência emocional e afetiva distante e conflituoso
Por quê? _____
3. Você é feliz/satisfeito com a forma com a qual se relaciona com outras pessoas?
Por quê?
 não muito pouco mais ou menos bastante totalmente
4. Você tem uma vida social ativa?
 não muito pouco mais ou menos bastante totalmente
5. Quais são as suas tarefas (principais) fora de casa?
6. Você se sente uma pessoa útil fora do ambiente familiar?
 nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente
7. Você tem autonomia para tomar decisões fora do ambiente familiar?
 nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente
8. Você sente que as pessoas fora do ambiente familiar respeitam sua liberdade?
 nada muito pouco mais ou menos bastante totalmente
9. Como a participação nas atividades oferecidas pelo Instituto influenciou na sua socialização?

PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA APÓS A PARTICIPAÇÃO NOS PRSE

1. Você consegue fazer as coisas de que gostaria de fazer?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
2. Você acha que recebeu o reconhecimento que merece na sua vida?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
3. Você está satisfeito com aquilo que alcançou na sua vida?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
4. Você está satisfeito com a maneira com que usa o tempo?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
5. Você está satisfeito com o seu nível de atividade?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
6. Sua qualidade de vida é:
() muito ruim () ruim () nem boa nem ruim () boa () muito boa
7. A sua inserção nas atividades do Instituto contribuíram para sua qualidade de vida? Em caso positivo, como? O que não fazia antes que consegue fazer agora?
8. Você sente que está convivendo mais e melhor com as pessoas depois que passou a participar das atividades do instituto?
9. As atividades do instituto ajudam o idoso a ser mais independente dos cuidados da família?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
10. As atividades do Instituto ajudaram sua família a aceitar sua idade melhor?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente
11. Você gostaria de ter uma vida diferente da que tem hoje?
() nada () muito pouco () mais ou menos () bastante () totalmente

DO FUTURO

1. Hoje sua vida é pior, igual ou melhor do que quando não frequentava o Instituto?
() melhor () igual () pior
2. Acha que sua vida daqui para frente será pior, igual ou melhor que a de agora?
() melhor () igual () pior

3. Que mudanças a participação nos programas do Instituto trouxeram para sua vida pessoal?
4. Que mudanças a participação nos programas do Instituto trouxeram para sua vida familiar?
5. Que mudanças a participação nos programas do Instituto trouxeram para sua vida social?

APÊNDICE D

ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA OS IDOSOS

DO IDOSO

Nome:

Idade:

Renda média mensal: R\$

ENTREVISTA

- Se ele se considera uma pessoa idosa. Se isso é demarcado pela idade cronológica ou foi marcado por um fator importante que ocorreu (aposentadoria, doença etc.).
- Contar como era a vida antes de ingressar no Instituto Chica e nos programas de RSE (com quem morava, como era o relacionamento com as pessoas, como era o relacionamento com os familiares, como era o relacionamento com o conjuge, tarefas que realizava, responsabilidades que tinha).
- Como seu dia era preenchido?
- Sentia-se uma pessoa útil? Autônoma?
- O que gostava de fazer como lazer?
- Como era a administração das tarefas em casa?
- Como conheceu o Instituto Chica? Por que começou a participar das atividades? Como foi este início?
- Gosta destas atividades? Por quê?
- Quais os benefícios destas atividades?

- Quais os prejuízos destas atividades?
- O que mudou na sua vida após iniciar as atividades aqui no Instituto?
- O que seus familiares acham disso? Incentivam?
- Estes programas melhoraram sua qualidade de vida? Ajudam para que envelheça melhor?
- Sua situação atual é pior, igual ou melhor que a de antes (quando não exercia estas atividades)? Por quê?

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, li e, ou, ouvi os esclarecimentos dados sobre o estudo do qual participarei. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo.

Voluntário
(Entrevistado) _____

Equipe:

Karla Maria Damiano Teixeira
Coordenadora da pesquisa

Mariana Morais Pompermayer
Estudante entrevistadora

ANEXO

ANEXO

Flor Menina

Mariana a flor menina
É meiga e graciosa
É assim a flor menina
A estudante de Viçosa

Mariana a flor menina
Tem estatura pequena
Olhos espertos brilhantes
De uma simpatia imensa
Com seu olhar faiscante

Mariana sempre sorrindo
Com seu geitinho de estudante
É alegre faceira como quê
Flor menina nós te amamos
Amamos muito, muito você

Revista Madura

Somos idosas
Atuantes no Chica Peixoto
Conhecedoras da Revista Verde
Uma bela abertura fazemos
Tentando espaço na cultura
Para titular textos, histórias, poesias, receitas etc.
Nas novas edições da Revista Madura

Mariana receba o carinho das idosas
do Instituto Chica Peixoto. Nós te amamos.
Rita de Cássia Campos de Lacerda

Poema escrito por uma das idosas participantes da pesquisa com 85 anos de idade.



Figura 1A - Idosos e professora no fim da aula de ginástica. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 2A - Idosos durante a aula de ginástica. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 3A - Idosos durante a aula de ioga. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 4A - Idosos durante a aula de ioga. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 5A - Idosos e professora no fim da aula de teatro. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 6A - Idosos e professora durante a aula de teatro. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 7A - Idosos durante o bate-pau. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 8A - Idosos durante ensaio para apresentação de dança. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 9A - Idosos durante a aula de informática. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.



Figura 10A - Idosas do “Velha a Fiar”. Instituto Francisca de Souza Peixoto, Cataguases, MG, 2009.

Fonte: Dados da pesquisa.

O melhor trabalho não foi o que consegui escrever,
mas, com certeza, aquele que consegui vivenciar enquanto escrevia!